UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

"A TRANSFORMAÇÃO DO MACACO EM HOMEM": O PROCESSO DE HOMINIZAÇÃO ATRAVÉS DA LINGUAGEM E DO TRABALHO

Alessandra Ribeiro Kaji-Markenfeldt

Brasília
2006

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

"A TRANSFORMAÇÃO DO MACACO EM HOMEM": O PROCESSO DE HOMINIZAÇÃO ATRAVÉS DA LINGUAGEM E DO TRABALHO

Autora: Alessandra Ribeiro Kaji-Markenfeldt
Orientador: Wanderley Codo

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito à obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Brasília
2006

“A TRANSFORMAÇÃO DO MACACO EM HOMEM”:
O PROCESSO DE HOMINIZAÇÃO ATRAVÉS DA LINGUAGEM E DO TRABALHO

Trabalho apresentado junto ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, sob a orientação do Prof. Dr. Wanderley Codo.

Aprovada em 21 de julho de 2006

Comissão Examinadora

_____
Presidente: Prof. Dr. Wanderley Codo
Universidade de Brasília

_____
Membro: Prof. Dra. Maria da Graça Corrêa Jacques
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

_____
Membro: Prof. Dra. Anália Soria Batista
Universidade de Brasília

_____
Suplente: Prof. Dr. Cláudio Vaz Torres
Universidade de Brasília

Brasília
2006

“Eu sinto que meu conhecimento está sendo usurpado![...] Eu tenho que sempre estar me atualizando, meu trabalho é discutir com os trabalhadores para construir uma sociedade mais humana! [...] Minha voz está fraquinha agora, mas pior é se morrer esta voz! [...] Não me deixem calar! A gente é vida! Cheia de sonho, de vontade! Aí, como é que pode outras pessoas te desqualificarem?! Que direito o outro tem sobre a sua vida?! Não me deixam falar![...] Não permitem que eu diga NÃO ao que não é justo, porque querem me tratar como serviçal! Querem me dizer o que eu posso ou não fazer! Não me dão o direito de falar! [...] A minha voz existe e eu utilizo em outros espaços, e isto me dá outras forças para encarar o meu serviço! [...] As pessoas estão desanimadas! Se um rio não é navegável ele seca! A gente tá secando! Por tristeza! Por falta de esperança! Pela mentira! [...] Tem várias coisas para trabalhar e não trabalhamos porque não é permitido e assim tudo fica desacreditado!”(relato de uma trabalhadora de uma unidade de saúde)

Agradecimentos

À minha querida mãe, Magda Helena Ribeiro Kaji, minha primeira professora e meu exemplo de vida, que nunca mediu esforços para que suas filhas tivessem acesso aos livros e ao conhecimento.

Ao meu orientador Wanderley Codo pelo seu incentivo, que com sua orientação clareou o caminho quando este era confuso e organizou as idéias quando estas se misturavam em infinitas opções. Que sempre me instigou a buscar o aprofundamento teórico e o aperfeiçoamento metodológico.

Ao meu amado marido, Thomas Julin Markenfeldt, pela paciência nos momentos de cansaço e angústia, dedicação e apoio nos momentos de desespero. Que soube compreender as dificuldades de conciliar os papéis de esposa, pesquisadora e psicóloga.

À todas as minhas queridas amigas do LPT pela amistosa convivência, suporte social e estímulo intelectual. Ao meu amigo e companheiro de pesquisa, Kennyston Lago, questionador nato e que, em nossas longas e produtivas discussões, ajudou-me, sobremaneira, a organizar minhas idéias.

Ao meu querido amigo e irmão Leonardo Albernaz, por sua paciência em fazer a leitura dos meus confusos esboços, com críticas sempre construtivas e sugestões pontuais.

À minha irmã Roberta Kaji Oliveira pelos esforços, dentro da limitação do tempo e do espaço, em corrigir meus excessos ou faltas de vírgulas.

Aos meus amigos Adolfo e Flavielle, que afetivamente me acolheram em seu lar, possibilitando as condições para que eu permanecesse em Brasília.

À minha família e amigos pela paciência, ao longo destes dois anos, com minhas ausências em muitos momentos importantes.

Resumo

Este trabalho objetiva fazer uma análise teórica sobre o engendramento do Trabalho e da Linguagem. Neste estudo considera-se o trabalho e a linguagem como os elementos fundantes do ser humano e da sociedade, por serem estes os produtos e os produtores do significado da vida humana. Tentou-se mostrar como, desde a sua origem, o trabalho e a linguagem estão imbricados, interdependentes e reciprocamente determinantes. O pressuposto teórico escolhido foi a abordagem sócio-histórica, cuja matriz teórica está fundada no princípio de que o homem, enquanto indivíduo social, se utiliza dos instrumentos de trabalho e da linguagem para construir sua existência (material e psicológica). É através das objetivações nos produtos concretos e abstratos do trabalho que acontece a dupla transformação homem-natureza e homem-homem, construindo a história e promovendo a transcendência humana. No estudo buscou-se esmiuçar como a vida grupal, pautada no trabalho coletivo, foi organizada e mediada pela comunicação, modo pelo qual as pessoas compartilham experiências, idéias e sentimentos. Consideramos que em todos os processos de produção (dos trabalhos autônomos ao trabalho fragmentado nas fábricas e burocratizado nas instituições públicas) a comunicação acompanha e engendra o processo de produção. Buscamos ressaltar como, nos trabalhos menos palpáveis, cujo produto é a modificação do Outro, a comunicação comparece como a única via de acesso ao produto. Defende-se aqui que se é através do trabalho e da linguagem que o Homem se constrói, que a perda do trabalho e o cerceamento da comunicação provocam a alienação do trabalhador. Considerando que as relações de produção, na sociedade atual, se arquitetaram de maneira a promover a alienação do trabalhador, pela parcialização das tarefas, separação do teórico da prática e afastamento das relações interpessoais, o trabalhador encontra, através da comunicação, formas de lutar contra a alienação. Contudo, na perda do seu trabalho ou da capacidade de comunicação, o homem perde-se de si e de sua espécie. Por fim, foram utilizados relatos de trabalhadores da saúde para ilustrar o valor da comunicação para a produção do trabalho e no reconhecimento do produto. Concluindo-se que a comunicação, como mediadora da organização do processo de trabalho e elemento fundamental de integração grupal, apresenta-se como ferramenta para que o trabalhador reencontre-se consigo e com o Outro.

Palavras chave: trabalho, linguagem, comunicação, alienação, transformação do outro.

Abstract

This work aims to perform a theoretical analysis of the engendering of Work and Language. In this study, work and language are considered to be essential components of the human being and of society, for they result in and are results of the meaning of human life. Thus, I tried to show how, since their origin, work and language are imbricate, interdependent and mutually determinative. The theoretical assumption chosen in this study was the social-historical approach, whose theoretical ground is based on the principle that man, while social individual, makes use of work's and language's instruments to build his existence (material and psychological). It is through the objectifications of concrete and abstract products of work that the twofold transformation man-nature and man-man happens, constructing the history and promoting human transcendence. In the study, I tried to scrutinize how group life, based on collective work, was organized and mediated by communication, which is the way through which people share experiences, ideas and feelings. It is considered that in every production process (from autonomous jobs to fragmented work in industries and to bureaucratic work in public institutions) communication follows and engenders these processes. This study tries to point out how communication is presented as the only way to access the product in a less evident work, of which the product is the change of Others. It is defended that human beings are formed through work and language, job loss and communication blocks cause the alienation of workers. Considering that, in society nowadays, production relationships are conceived to promote worker alienation through partializing tasks, separating theory from practice, and dismissal of inter-personal relationships, the worker finds ways of fighting against the alienation through the communication. However, when human beings lose their jobs or their communication skills, they lose themselves and their species. Finally, statements of health professionals were used in order to demonstrate the value of communication for work production, and in acknowledgement of the product. It is concluded that communication, as mediator of the organization of the work process and as an essential component of group interaction, is presented as an instrument for workers to find themselves and Others once again.

Key-words: work, language, communication, alienation, transformation of others.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....10

CAPÍTULO 1- TRABALHO E LINGUAGEM.....14
1.1- O TRABALHO HUMANO.....14
1.2- A LINGUAGEM HUMANA.....17
1.3- DOS GRUNHIDOS ÀS PALAVRAS.....23
1.4- A ARQUEOLOGIA DA COMUNICAÇÃO:A ORIGEM DA LINGUAGEM.24
1.5- DA FALA À ESCRITA.....25
1.6- LINGUAGEM E HISTÓRIA.....30

CAPÍTULO 2- O ESTUDO DA LINGUAGEM.....36
2.1- LINGUAGEM E MARXISMO.....43
2.1.1- A LINGUAGEM COMO INTERAÇÃO.....44
2.1.2- A LINGUAGEM COMO IDEOLOGIA.....49
2.1.3- LINGUAGEM COMO TRABALHO.....54
2.1.4- LINGUAGEM COMO FENÔMENO HISTÓRICO.....60

CAPÍTULO 3- CONSCIÊNCIA, ATIVIDADE E LINGUAGEM.....63
3.1- A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HUMANA.....63
3.2- A APROPRIAÇÃO DO MUNDO.....70
3.3- O FABRICO DOS INSTRUMENTOS E A ATIVIDADE COLETIVA.....74
3.4- ATIVIDADE E AÇÃO.....76
3.5- O SIGNIFICADO DA AÇÃO.....77
3.6- O SENTIDO DA CONSCIÊNCIA.....79

CAPÍTULO 4- O HOMEM E O OUTRO.....85
4.1- A CONSTRUÇÃO DOS SIGNIFICADOS 86
4.2- O HOMEM NÃO É NATURALMENTE UM SER SOCIAL.....90
4.3- A FORMAÇÃO DAS RELAÇÕES NA SOCIEDADE.....95
4.4- O TRABALHO HUMANO LINGÜÍSTICO.....100

CAPÍTULO 5- A COMUNICAÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO DO OUTRO.....107
5.1- PARA QUE SERVE A COMUNICAÇÃO.....107
5.2- UM MODELO DE COMUNICAÇÃO.....108
5.3- É IMPOSSÍVEL NÃO SE COMUNICAR.....110
5.4- A TRANSFORMAÇÃO DO OUTRO.....112
5.5- O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO.....116
5.6- O PRODUTO DO TRABALHO.....118
5.7- O OUTRO COMO PRODUTO.....120

CAPÍTULO 6- COMUNICAÇÃO E TRABALHO.....124
6.1- A COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL.....124
6.1.1- A DIREÇÃO DA COMUNICAÇÃO.....129
6.1.2- O VALOR DAS INFORMAÇÕES.....132
6.1.3- O PAPEL DA CHEFIA INTERMEDIÁRIA.....133
6.1.4- REDES FORMAIS VERSUS INFORMAIS.....134
6.2- A COMUNICAÇÃO DO GRUPO NO TRABALHO.....135
6.2.1- O PAPEL DOS BOATOS.....138

CAPÍTULO 7- O SOFRIMENTO DA ALIENAÇÃO.....141
7.1- O QUE É A ALIENAÇÃO.....141
7.2- A TRANSFORMAÇÃO EM MERCADORIA.....143
7.3- O TRABALHO ALIENADO.....146
7.4- A ALIENAÇÃO E O PSIQUISMO HUMANO.....149
7.5- A ALIENAÇÃO E A COMUNICAÇÃO.....156
7.6- AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS TRABALHADORES PARA ENFRENTAR A ALIENAÇÃO.....159

CAPÍTULO 8- AS QUESTÕES DA COMUNICAÇÃO EXPRESSAS PELOS TRABALHADORES.....162

CONCLUSÃO.....182

REFERÊNCIAS 187

INTRODUÇÃO

Em 2005, foi realizado pelo LPT- Laboratório de Psicologia do Trabalho (IP/UnB), um Diagnóstico do Trabalho dos profissionais de saúde. Este diagnóstico tinha como proposta traçar um perfil detalhado da categoria, detectar os principais problemas de saúde mental do trabalhador e de seu trabalho e propor alternativas para melhorar as condições e a organização do trabalho.

Na investigação das causas do sofrimento mental dos trabalhadores, o processo comunicacional foi aparecendo como o agravante ou o protetor, para aqueles trabalhadores da área da saúde. Apesar de ter sido algo que aparecia de forma recorrente na problemática de todas as instituições investigadas, este fenômeno era apenas citado com pouca ênfase e perdido em mar de inúmeras outras reclamações.

Esta pesquisa originalmente não objetivou a investigação do fenômeno da comunicação (ou dos problemas de comunicação). Este processo foi observado por meio de um incômodo pessoal de verificar algo importante que estava ali e que não era considerado.

O interesse em dar relevância a este fenômeno e torná-lo tema desta dissertação surgiu durante a realização das inúmeras entrevistas e a confrontação com uma frase proferida por muitos profissionais de todas as áreas: "eu não sabia (disto) por que ninguém me informou nada!" Esta expressão (com suas variações) era sempre carregada de emoção e utilizada para justificar alguma tarefa não realizada, ou uma informação distorcida dada a alguém, ou mesmo o descompromisso de algum profissional com alguma atividade ou com o próprio trabalho.

Durante as entrevistas, na medida em que esta frase era dita, uma sensação de estranheza me acometia, e um pensamento ecoava em minha mente: "eles parecem

alienados do trabalho!" Parecia estranho e não conseguia entender bem o porquê. Até que um dia, participando como ouvinte de uma acalorada reunião em uma unidade de saúde, onde problemas sérios aconteciam por não descerem as informações para os funcionários, e quando pela terceira vez a frase foi dita, ela também ganhou um novo sentido, o problema era a comunicação! A falta de comunicação que estava alienando os trabalhadores! Os trabalhadores não estavam tendo acesso às informações que compunham a matéria prima de seu trabalho e consequentemente estava ficando alienados do trabalho, quem planejava não era quem executava. Era a falta de comunicação estava separando o conhecimento teórico da prática. As ações eram tão fragmentadas e sem continuidade que não havia motivo comum ao grupo, as pessoas estavam isoladas em tarefas pulverizadas e burocráticas, as ações tinham perdido o fim.

A falta de comunicação das chefias e a não diretriz do trabalho geravam a formação espontânea de sub-grupos de trabalho, alijando outros do processo. A falta dos espaços de circulação das informações gerava o estranhamento dos trabalhadores tanto do trabalho quanto dos colegas. Ou seja, a falta da comunicação estava animalizando o Homem, separando-o do produto do seu trabalho e da sua espécie.

Assim, a partir do reconhecimento do fenômeno e, ciente das dificuldades de discorrer sobre algo não investigado diretamente, optamos por exercitar o processo do pensamento teórico e utilizar os relatos de alguns trabalhadores demonstrando este fenômeno.

Considerando o Trabalho e a Linguagem como os estruturadores da Humanidade, buscamos descrever e analisar este fenômeno sob a ótica sócio-histórica, ou seja, compreendendo-o em seu movimento, em sua historicidade, em sua complexidade.

A complexidade e a própria imbricação destes fenômenos fazem com que o seu estudo seja apenas didaticamente dividido em tópicos, que por vezes parecerão redundantes na medida em que se faz necessário voltar a um ponto que, em um momento anterior, caminhou para uma direção tangencial.

Assim, no capítulo um, discorreremos sobre como o trabalho e a linguagem sempre estiveram engendrados desde a sua origem, e como se processou a evolução de ambos.

No capítulo dois, trataremos dos principais autores que se preocuparam com o estudo da linguagem, e apesar de reconhecermos a riqueza de autores que se dedicaram a estes estudos, optamos por manter a coerência teórica, e dedicarmos o estudo aos autores da abordagem sócio-histórica em detrimento dos autores de visão naturalística de homem.

No capítulo três, analisaremos como as experiências das práticas sociais, através do trabalho e da linguagem, foram, historicamente, apropriadas e cristalizadas na consciência humana, gerando o significado social e o sentido pessoal para cada ação e palavras emitidas.

No capítulo quatro, trabalharemos a relação do homem com o Outro. Como a linguagem e o trabalho (produtores de significado) promovem e produzem as transformações do homem consigo e com os Outros.

No capítulo cinco, trataremos da importância da comunicação para a transformação do Outro, e como em tipos de trabalho que o produto é a própria transformação do outro, a comunicação é a única via de acesso ao produto deste trabalho.

No capítulo seis, há um estudo da comunicação, como entendida pelos estudiosos da comunicação, ou seja, na perspectiva da comunicação organizacional e a utilização da mesma no processo grupal de trabalho.

No capítulo sete, discorremos sobre a alienação e suas conseqüências para o trabalhador, enfatizando a comunicação como a principal estratégia de luta do trabalhador para não se alienar do trabalho e da espécie.

No capítulo oito, apresentaremos trechos de entrevistas com os relatos de trabalhadores sobre como a falta de comunicação os aliena do processo e/ou do grupo, e como isto reflete no trabalho, na sua identidade e nas relações em geral.

O capítulo nove, traz a conclusão deste estudo, cujo foco foi compreender como o fenômeno - de privar o outro da informação e de feedback, ou repassá-la de forma distorcida, repercute na alienação do trabalhador.

1- TRABALHO E LINGUAGEM

O objetivo central deste tópico é refletir sobre a natureza do trabalho e da linguagem sob a ótica sócio histórica. Para tanto, se faz necessário a reflexão sobre o trabalho e a linguagem de forma geral, considerando estes fenômenos como os que nos caracterizam enquanto seres humanos, produtos e produtores da nossa humanização. Utilizaremos como principais referenciais teóricos Marx, Engels, Leontiev, Vygotski e Codo.

1.1- O TRABALHO HUMANO

Segundo Marx e Engels (1985), o trabalho, entendido como atividade adequada a um fim, é o que fundamentalmente nos faz humanos. Diferentemente dos animais que procuram apenas a satisfação das suas necessidades biológicas, o homem produz a sua própria existência, é pelo trabalho que o homem adapta a natureza a si mesmo e a transforma, se auto produzindo.

> "(...) o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. (...) Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é exigida a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção durante todo o tempo de trabalho(...)." (Marx e Engels, 1985, p. 149-150)

Em Dialética da Natureza, Engels (apud. Codo, 1994a) discute as diferenças entre o animal e o homem:

> "O animal apenas utiliza a natureza, nela produzindo modificações somente por sua presença; o homem a submete, pondo-a a serviço de seus fins determinados, imprimindo-lhes as modificações que julga necessárias, isto é, domina a natureza. E esta é a diferença essencial e decisiva entre o homem e os demais animais; e, por outro lado, é o trabalho que determina essa diferença". (p.87)

Ao passo que os animais agem para satisfazer apenas as suas necessidades, os seres humanos agem para produzir os meios de satisfação de suas necessidades. Com as mãos o homem transformou uma simples pedra num objeto cortante ou perfurante, lascou a pedra dando-lhe o formato de lança, e usou esse objeto para caçar. Apesar de ter sido a necessidade de alimento para saciar a sua fome, a humanização do ato se deu através de um elemento intermediário, uma atividade mediadora: a produção de instrumentos.

Para Marx e Engels (1985), os elementos simples do processo de trabalho seriam a atividade orientada a um fim ou o trabalho mesmo, seu objeto e seus meios. O processo de trabalho seria composto de três elementos: o objeto, o instrumento e a força de trabalho. Os dois primeiros elementos constituem o que estes autores consideram os meios de produção, ou seja, as condições objetivas do trabalho, as condições necessárias para que alguém produza. O terceiro elemento refere-se às condições subjetivas, o que o próprio homem controla e dirige o trabalho.

O objeto de trabalho é aquilo que é transformado, o que sofre a ação do trabalho e é incorporado ao produto final. O instrumento é a mediação entre o homem e o objeto, o meio utilizado para transformar o objeto de trabalho. E a força de trabalho é a energia do próprio homem, a sua capacidade humana de trabalho. O trabalhador não é força de trabalho, mas sim quem a detém.

Ao trabalhar, o homem vai utilizando a sua força de trabalho, e ao mesmo tempo trabalha também para repô-la, ou seja, quando o trabalhador produz bens para suprir satisfação das suas necessidades, produz além do que necessita apenas para a sua subsistência. O homem produz objetivando garantir a sua sobrevivência futura, com isso, transcende o reino das necessidades.

No processo de trabalho, o homem transforma a natureza, e neste processo transforma não somente a natureza, mas também a si e aos outros homens. Os homens vão produzindo a satisfação das suas necessidades na medida em que compartilham os produtos dos trabalhos com os outros seres humanos, como a busca de alimento, por exemplo. Uma vez supridas as necessidades primárias, outras necessidades são geradas, desta forma que as relações de produção foram se tornando cada vez mais complexas.

O processo de trabalho coletivo implica em ações encadeadas (divisão e organização do trabalho), e para que este encadeamento aconteça é necessário a comunicação (linguagem) e um plano de ação, requisitos imprescindíveis para a satisfação de uma necessidade comum.

A atividade humana em contraposição à atividade de outros animais, é uma atividade forçosamente mediada. Ou melhor, na atividade animal o vínculo sujeito e objeto (S↔O) se fecha em si para a satisfação de uma necessidade imediata (saciação da fome, por exemplo). Na atividade humana, o mesmo vínculo se abre através de mediações, construindo o significado. Não comemos apenas quando sentimos fome, não bebemos apenas quando temos sede, não fazemos sexo apenas quando estamos no cio. Comer, beber e a sexualidade são carregados de significados.

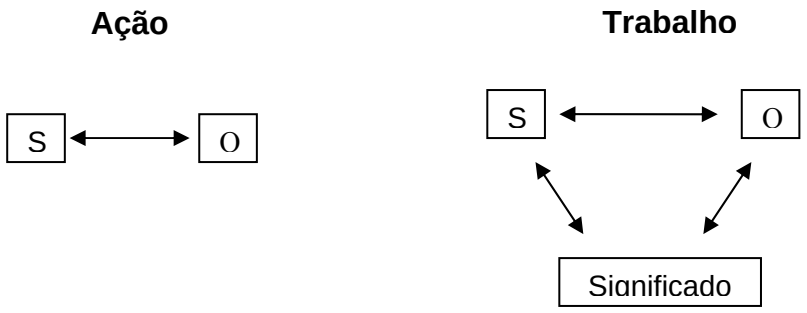


Figura 1: Codo (1998), p. 26

Para Codo (1998), na ação o processo é imediato o sujeito se transforma ao transformar o objeto e vice versa. No trabalho o circuito abre para uma terceira relação, o significado (signo-ficare, o signo que fica), o qual por sua vez se transforma e é transformado pela ação recíproca do sujeito e/ou do objeto. É este circuito mediado pela significação que transforma o trabalho em algo mágico e prazeroso. Trabalhar é o ato de transmitir significado à natureza, de construir o mundo a nossa imagem e semelhança. O significado se define pela permanência além e apesar da relação com o objeto, ou seja, defini-se pela transcendência à relação S↔O. "Ao abrir a ação para além de si, ao transformar em transcendente o gesto, o trabalho o imortaliza." (p.27)

O resgate dos conceitos de trabalho e linguagem permite considerar, desde o início, o engendramento destes processos de construção de significados e como estes demarcaram o processo de "hominização[1]".

1.2- A LINGUAGEM HUMANA

O modo de "comunicação" entre os animais (sonora, olfativa ou visual, dentre outras) é um fenômeno dos mais primitivos nas espécies e fator básico para adaptação e

[1] A expressão hominização é utilizada pela filogênese para designar a aquisição das características da espécie humana. Na ontogênese a expressão utilizada é humanização.

sobrevivência. Tão importante quanto os mecanismos ligados à defesa e à reprodução, a "comunicação" animal é constitutivo primordial na manutenção de indivíduos e espécies, sendo desenvolvida inicialmente para o contato entre semelhantes, e tendo se expandido para o contato com todos os outros seres coabitantes de um mesmo espaço físico. Essa "comunicação", ou forma de transmissão de uma informação, surge como algo imprescindível para a segurança e sobrevivência do bando. Os cães latem para avisar da ameaça que representa a entrada de qualquer elemento em seu território. Há mais de 2000 anos, o filósofo grego Aristóteles destacou que quando uma abelha solitária descobre uma nova fonte de néctar, ela de alguma forma 'avisa' às outras, e logo é seguida por outras abelhas. Os machos de várias espécies urinam em volta de determinada área para 'comunicar' aos outros machos a extensão de seu território. Apesar dos animais possuírem complexos órgãos emissores e receptores para se "comunicarem", a forma de comunicação animal não possui a habilidade de criação, ela segue os padrões instintivos, respondendo apenas às necessidades imediatas. Os animais se comunicam da mesma maneira instintiva com a qual constroem seus ninhos, fogem do perigo e copulam para reproduzir sua espécie.

O processo de sofisticação dos mecanismos de comunicação humanos foi bastante amplo, distinguindo-se dos outros animais pelo desenvolvimento de múltiplos processos gestuais, faciais e sonoro-verbais, que progressivamente foram se transformando nos complexos sistemas de linguagem e nas múltiplas formas de comunicação como conhecemos hoje.

Segundo Ferreira, Santos, Silva e Faria (2000) os primórdios da formação da linguagem encontram-se associados à vida nas árvores. O desenvolvimento da espécie humana provocou transformações anatômicas decorrentes da aquisição de novos comportamentos e, em contrapartida, os novos comportamentos, por conseguinte,

promoveram as especializações. Estas acabaram criando sucessivas inovações biológicas, que possibilitaram o desenvolvimento de características morfológicas específicas à espécie humana. Estes autores destacam que primeiro surgiram as adaptações necessárias à vida no ambiente arborícola, depois sucederam-se as modificações decorrentes do abandono das árvores, a progressiva adaptação ao solo trouxe o desenvolvimento de uma postura bípede. As necessidades de se adequar a estas questões refletiram-se em importantes medidas adaptativas. A postura bípede possibilitou o aprimoramento do aparelho visual, em detrimento da olfação, e a liberação das mãos para outros movimentos além do deslocamento. Aparece a oponência do polegar em relação aos demais dedos da mão e o fenômeno da preensão, estes novos movimentos proporcionaram o uso extensivo dos membros, particularmente das mãos, nos mecanismos de exploração do ambiente.

> "As inovações comportamentais a partir da "libertação" da mão de suas funções eminentemente locomotoras e o aumento de sua atividade exploratória irão permitir, ao longo da evolução, ganhos funcionais que influenciarão de forma marcante na gênese da linguagem." (Ferreira e cols, 2000)

Estas afirmações de Ferreira e cols corroboram o que Engels afirmou em seu texto de 1876, Sobre o Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem, destaca ele:

> "(...) a mão era livre e podia agora adquirir cada vez mais destreza e habilidade; e essa maior flexibilidade adquirida transmitia-se por herança e aumentava de geração em geração. Vemos, pois, que a mão não é apenas o órgão do trabalho; é também produto dele. Unicamente pelo trabalho, pela adaptação a novas e novas funções, pela transmissão hereditária do aperfeiçoamento especial assim adquirido pelos músculos e ligamentos e, num período mais amplo, também pelos ossos; unicamente pela aplicação sempre renovada dessas habilidades transmitidas a funções novas e cada vez mais complexas foi que a mão do homem atingiu esse grau de perfeição que pôde dar vida, como por artes de magia, aos quadros de Rafael, às estátuas de Thorwaldsen e à música de Paganini." (Engels, 1876)

Apesar da verificação de que alguns primatas utilizam objetos da natureza como ferramentas, nenhuma mão simiesca jamais construiu um machado de pedra, por mais tosco que fosse, a utilização animal dos objetos reduz-se a forma natural, como encontrada na natureza.

Através do trabalho ampliam-se os horizontes e os objetos, e suas propriedades como ferramentas são descobertas. Com a vida em grupo e o desenvolvimento do trabalho, multiplicam-se os casos de ajuda mútua e de atividade conjunta - desde os nossos antepassados simiescos os homens já viviam congregados. A vida coletiva gerou a necessidade de dizer 'algo uns aos outros'. Órgãos como a laringe foram se desenvolvendo até a produção de sons articulados, surgindo então a linguagem.

> "Primeiro o trabalho, e depois dele e com ele a palavra articulada, foram os dois estímulos principais sob cuja influência o cérebro do macaco foi-se transformando gradualmente em cérebro humano (...). E à medida em que se desenvolvia o cérebro, desenvolviam-se também seus instrumentos mais imediatos: os órgãos dos sentidos. Da mesma maneira que o desenvolvimento gradual da linguagem está necessariamente acompanhado do correspondente aperfeiçoamento do órgão do ouvido, assim também o desenvolvimento geral do cérebro está ligado ao aperfeiçoamento de todos os órgãos dos sentidos. (...) O desenvolvimento do cérebro e dos sentidos a seu serviço, a crescente clareza de consciência, a capacidade de abstração e de discernimento cada vez maiores, reagiram por sua vez sobre o trabalho e a palavra, estimulando mais e mais o seu desenvolvimento." (Engels, 1876)

Outro ponto destacado por Engels é a mudança na alimentação:

> "O trabalho começa com a elaboração de instrumentos. O consumo de carne na alimentação significou dois novos avanços de importância decisiva: o uso do fogo e a domesticação dos animais. (...) O homem, que havia aprendido a comer tudo o que era comestível, aprendeu também, da mesma maneira, a viver em qualquer clima. Estendeu-se por toda a superfície habitável da Terra, sendo o único animal capaz de fazê-lo por iniciativa própria. E a passagem do clima uniformemente cálido da pátria original para zonas mais frias, onde o ano se dividia em verão e inverno, criou novas exigências, ao obrigar o homem a procurar habitação e a cobrir seu corpo para proteger-se do frio e da umidade. Surgiram assim

> novas esferas de trabalho, e com elas novas atividades, que afastaram ainda mais o homem dos animais. (...) Graças à cooperação da mão, dos órgãos da linguagem e do cérebro, não só em cada indivíduo, mas também na sociedade, os homens foram aprendendo a executar operações cada vez mais complexas, a propor-se e alcançar objetivos cada vez mais elevados. O trabalho mesmo se diversificava e aperfeiçoava de geração em geração, estendendo-se cada vez a novas atividades." (Engels, 1876)

Ferreira e cols (2000) evidenciam a concomitância do desenvolvimento do trabalho e da linguagem. Estes autores descrevem a filogênese e a antropogênese da linguagem, e mostram como o número de instrumentos fabricados e sua padronização é um fato de suma importância ao estudo da linguagem, pois indica a "hipótese de transmissão dos conhecimentos e das técnicas de fabricação de instrumento, fato que somente é possível com a presença de uma linguagem eficiente". (p.182)

Baseados nas informações filogenéticas, estes autores ressaltam que tanto as áreas anatômicas da expressão da linguagem quanto os centros de planejamento motor e dos movimentos faciais e das mãos encontram-se em estreita associação evolutiva.

> "Esta observação permite referendar a hipótese assinalada por antropólogos e neurofisiologistas de um desenvolvimento concomitante dos processos linguísticos e motores. E, além disso, aponta a estreita associação funcional observada entre a linguagem verbal, a linguagem gestual e os movimentos faciais no homem. Na espécie humana, a dissociação espontânea dos movimentos faciais durante a fala é praticamente inexistente. Do mesmo modo a atividade gestual como fator auxiliar na comunicação verbal é marcante. As três formas combinadas de expressão caracterizam a linguagem humana e fazem parte de um grande conjunto de elementos neurais desenvolvidos pela natureza, altamente especializados e que agem conjuntamente na comunicação." (Ferreira e cols, 2000, p.193)

Ferreira e cols defendem que a linguagem, por ser parte constituinte de um sistema motor refinado, encontra-se também associada aos mesmos padrões especializados de atividade motora que possibilitaram, dentre outros avanços, a fabricação de instrumentos.

> "Alguns cientistas e estudiosos dos processos filogenéticos da linguagem humana propõem uma sintonia evolutiva das atividades de fabricação de objetos e da linguagem, permitindo se supor, pela análise da utensilagem fabricada pelos pré-hominídeos, que a linguagem possivelmente já se mostrava presente, de forma rudimentar, nos arcantropos mais primitivos". (Ferreira e cols, 2000, p.193)

Em face de cada novo progresso, o domínio sobre a natureza que tivera início com o desenvolvimento da mão, com o trabalho, amplia os horizontes do homem, levando-o a descobrir constantemente nos objetos novas propriedades até então desconhecidas. Da necessidade de saciar a fome surge a curiosidade de descobrir outros tipos de pedras e materiais. Da necessidade de satisfazer a fome de um grupo de humanos, com a construção dos instrumentos cada vez mais hábeis para caçar animais maiores e que gerarão mais alimentos para o grupo, vão surgindo as necessidades dos seres humanos se agruparem mais e se organizarem para caçar. Neste processo de desenvolvimento, além da produção de instrumentos há também a "produção" de relações sociais. Portanto, da necessidade de transformar a natureza, se desenvolvem as mãos e os instrumentos. Da necessidade de interação e da transformação do Outro, se desenvolve a linguagem.

Apesar de algumas espécies de animais viverem em grupos, como as abelhas ou as formigas, não há nestes animais a interação. As relações destas espécies com o seu semelhante pertence apenas à esfera das relações biológicas, na qual há uma programação da espécie para a execução das tarefas. Leontiev (1978) descreve que as formigas transportando um fardo pesado (como uma haste ou qualquer grande inseto), seguem um caminho comum, entretanto seguirem o mesmo caminho não resulta de ações comuns organizadas, mas da adição estritamente mecânica dos esforços fornecidos pelas diferentes formigas, cada qual agindo como se estivesse sozinha a trabalhar. Há espécies de animais que desempenham funções diferentes na coletividade,

como é o da hierarquia das abelhas, a função das operárias é fabricar as células, e a da rainha é de depositar os ovos. Apesar da compartimentação das tarefas, não há interação, há um caráter fixo na sucessão, mas são fatores diretamente biológicos.

> "O homem exprime pela linguagem um certo conteúdo objetivo; além disso, responde ao discurso que lhe dirigem, como à realidade refletida pela linguagem, e não como a um simples som ligado permanentemente a um determinado fenômeno. A comunicação vocal (sonora) nos animais é diferente. É fácil demonstrar que um animal, ao reagir à voz de um congênere, não responde àquilo que o sinal reflete objetivamente, mas ao próprio sinal, que tomou para ele um sentido biológico determinado."(Leontiev, 1978, p. 71)

Leontiev defende o posicionamento de que a organização das tarefas e a comunicação animal permanecem nos limites da atividade estritamente instintiva, tanto pelo seu conteúdo como pelo seu caráter dos processos concretos que a realizam.

Segundo Lane (1999) a linguagem se originou na espécie humana como conseqüência da necessidade de transformar a natureza, através da cooperação entre os homens, por meio de atividades produtivas que garantissem a sobrevivência do grupo social. "O trabalho cooperativo, exigindo planejamento, divisão de trabalho, exigiu também um desenvolvimento da linguagem que permitisse ao homem agir, ampliando as dimensões de espaço e tempo." (p.32)

1.2- DOS GRUNHIDOS ÀS PALAVRAS

Segundo Bordenave (1982), a comunicação humana tem um começo bastante nebuloso. Realmente não sabemos como foi que os homens primitivos começaram a se comunicar entre si, se por gritos ou grunhidos, como fazem os animais, ou se por gestos, ou ainda por combinações de gritos e gestos.

Durante bastante tempo discutiu-se a origem da fala humana. Alguns afirmavam

que os primeiros sons usados para criar uma linguagem eram imitações dos sons da natureza: o cantar do pássaro, o latido do cachorro, a queda d'agua, o trovão, sons de animais predadores, etc. Outros afirmavam que os sons humanos vinham das exclamações espontâneas, como o "ai" da pessoa ferida, o "ah" de admiração, o "grrr" da fúria.

Acredita-se que o homem primitivo usasse o seu próprio corpo para se comunicar, sons produzidos pelas mãos e pés, e não só pela boca. A necessidade de criar formas de ser compreendido aumentou o repertório, e produziu sons também por meio de objetos encontrados na natureza, como pedras ou troncos ocos.

Qualquer que seja o caso, o que a história mostra é que os homens encontraram a forma de associar um determinado som ou gesto a um certo objeto ou ação. Assim nasceram os signos, isto é, qualquer coisa que faz referência a outra coisa ou idéia, e a significação, que consiste no uso social dos signos. A atribuição de significados a determinados signos é precisamente a base da comunicação em geral e da linguagem em particular. De posse de repertórios de signos, e de regras para combiná-los, o homem criou a linguagem, uma das realizações mais notáveis da espécie humana.

1.3- A ARQUEOLOGIA DA COMUNICAÇÃO: A ORIGEM DA LINGUAGEM

Parece haver poucas dúvidas, entre os antropólogos e arqueólogos, de que a primeira forma organizada de comunicação humana foi a linguagem oral (quer acompanhada ou não pela linguagem gestual).

Das interjeições e grunhidos, os homens foram identificando objetos e atribuindo a eles sons, assim foram sendo construídas arbitrariamente as palavras. Continuamente

objetos físicos foram transformados em signos sonoros que foram compondo os inúmeros vocábulos da língua. Na utilização dos vocábulos o homem compreendeu que, na linguagem, algumas palavras tinham a função de indicar ação, outras de nomear coisas, outras de descrever qualidades ou estados das coisas, etc.

Provavelmente, após a criação de inúmeras palavras foi sendo percebido que somente as elas não permitiam uma compreensão recíproca. Assim, outra grande invenção humana foi a gramática, pois o homem necessitava de um conjunto de regras de combinação das palavras. Este conjunto de regras foi de fundamental importância para a comunicação, afinal, se o homem possui um relativo repertório de signos, teoricamente poderia combiná-los de infinitos modos, mas se cada pessoa combinasse seus signos a seu modo, seria muito difícil comunicar-se com os outros, mesmo que as palavras (signos) fossem as mesmas. Graças à gramática, o significado passa a não depender só dos signos, mas também da estrutura de sua apresentação. A gramática permitiu que o conjunto de palavras (onça, pai, uma, matou e meu) ter significados completamente diferente de acordo com o arranjo que é feito. Dizer "Uma onça matou meu pai" é completamente diferente que dizer "Meu pai matou uma onça".

1.4- DA FALA À ESCRITA

Apesar da riqueza, a linguagem oral sofre duas sérias limitações: a falta de alcance e a falta de permanência. Daí o fato de que os homens tenham buscado modos de fixar seus signos e de transmiti-los à distância.

Na busca de soluções para os problemas do alcance, o homem inicialmente apelou a signos sonoros e visuais, tais como os tambores, berrantes, gongos e os sinais de fumaça. Uma solução mais decisiva para a problemática da comunicação à distância

foi a invenção da escrita. Informações sobre os hábitos e a história cultural dos grupos foram registradas e passadas de geração a geração, repassadas de pessoa para pessoa e cuidadosamente preservadas e transportadas nos necessários momentos de migração.

Doenças e guerras foram as principais razões que levaram os homens a migrarem de uma região para outra. Em todos os locais habitados, os homens foram utilizando suas forças para modificar a natureza, para criar formas de suprir suas necessidades e de se eternizar. A cada local habitado e adaptado, o homem foi registrando sua passagem e marcando a sua evolução. Seguindo às pinturas características de cada grupo e graças à diversidade de instrumentos construídos e sepultados juntos com seus proprietários, foi possível, aos arqueólogos e antropólogos, datarem e acompanharem a evolução e migração de determinados grupos étnicos. Através destes registros foi possível também para os lingüistas traçarem as árvores genealógicas das línguas faladas nos vários continentes.

Na criação da linguagem, através dos sons (notas musicais), do desenho (pinturas artísticas, esculturas) e da escrita (livros, poesia, letras de música, etc), o homem foi tecendo o jogo da comunicação cristalizada no objeto, da comunicação com o outro que não está mais ao seu alcance (tanto pela distância física como distância temporal). O homem foi estabelecendo a sua transcendência também com a linguagem.

Para eternizar os seus signos, o homem primeiramente utilizou a sua criatividade, registrando seus feitos com desenhos, evoluindo, até dar origem à linguagem escrita. Em várias cavernas espalhadas pelos quatro continentes foram encontrados desenhos primitivos (grafismos com pinturas rupestres) pintados por homens, sendo as mais antigas as da era paleolítica (entre 35000 e 15.000 a.C.). Em muitos destes desenhos observa-se cenas da vida cotidiana, como: cenas de caçadas, sexo, celebrações e eventos religiosos envolvendo animais e pessoas. Não se sabe se o

propósito destas figuras era mágico, estético ou simplesmente expressivo, sabe-se apenas que, por alguma razão, desde aquela remota época os homens já buscavam eternizarem-se através de registros gráficos.

Diferentemente da linguagem oral, onde os sons não podem ser fossilizados, a linguagem escrita tem a sua idade estimada. Segundo Sampson (1996), a invenção da escrita aparece tardiamente com relação ao aparecimento da linguagem oral; ela apareceu depois da chamada "revolução neolítica". Sua história pode ser dividida em três fases: pictórica, ideográfica e alfabética. No entanto, não se pode seguir uma linha cronológica nesta divisão, principalmente pelo fato de inúmeras variáveis terem influenciado nesta “evolução”, que não aconteceu da mesma forma em toda extensão do planeta.

A fase pictórica corresponderia aos desenhos ou pictogramas, os quais não estão associados a um som, mas à imagem daquilo que se quer representar. Consistem em representações bem simplificadas dos objetos da realidade. Os signos pictográficos guardam correspondência direta entre a imagem gráfica (desenho) e o objeto representado. O desenho de uma mulher significava uma mulher, o desenho de um sol significava o sol, e assim por diante. Muitas são as culturas que se destacaram pelos desenhos produzidos. Os egípcios e os astecas talvez sejam os melhores exemplos. Eles cerca de 3.000 anos a.C., já representavam codificações de sua cultura por meio de desenhos e gravuras colocados nas casas, edifícios e câmaras mortuárias.

Provavelmente, em algum momento histórico, o homem sentiu-se demasiadamente limitado pela necessidade de que a cada signo correspondesse um objeto. O objeto concreto e limitado não atingia mais as necessidades humanas. Assim, outros signos foram criados para representar não somente os objetos, mas para representar as idéias. A fase ideográfica é representada pelos ideogramas: símbolos

gráficos que representam diretamente uma idéia. As escritas ideográficas mais importantes foram a egípcia (também chamada de hieroglífica), a mesopotâmica (suméria), as escritas da região do mar Egeu (a cretense, por exemplo) e a chinesa (de onde provém também a escrita japonesa). De objetos a idéias, as representações humanas comunicacionais continuaram evoluindo. Determinados desenhos passam a representar uma idéia, com um significado completo, como, por exemplo, para os indígenas da América do Norte, a figura de 'pássaro voando' começou a significar a 'pressa', e a idéia da 'paz' passou a ser representada por um 'cachimbo'.

A escrita inicialmente foi seguindo praticamente a mesma seqüência que a língua falada. Nos primeiros pictogramas e ideogramas, a seqüência de signos sempre reproduzia a cronologia dos eventos narrados. Se um caçador construía suas armas, logo depois reunia suas armas e mais tarde matava um animal, estes eventos sucessivos seriam desenhados em tal ordem. As pinturas rupestres mais antigas trazem desenhos estáticos. Posteriormente as pinturas denotam movimento, as gerações subseqüentes já trazem a possibilidade da narração da história, pela seqüência dos desenhos, e não somente a retratação de uma cena isolada. Infelizmente muitos desenhos encontrados possuem mensagens que nunca poderão ser interpretadas, pois além de serem infinitas as interpretações, estas mensagens são de um tempo contido na história daquela comunidade. Outro grande avanço observado nas pinturas foi a noção da temporalidade. Com a evolução da representação das idéias veio também a datação do evento retratado. Além das definições das estações (baseados nas mudanças climáticas e na cheia e estiagem do Nilo), os antigos egípcios, para caracterizar as épocas, datavam o seu tempo (calendário) pelo reinado dos seus faraós.

A fase alfabética se caracteriza pelo uso de letras, as quais, embora tenham se originado nos ideogramas, perderam o valor ideográfico e assumiram uma nova função

de escrita: a representação puramente fonográfica. O ideograma, por sua vez, perdeu seu valor pictórico e passou a ser simplesmente uma representação fonética. Foi desenvolvida a gramática para organizar as combinações. Um grau maior de elaboração foi alcançado quando os homens perceberam que as palavras ou os nomes de objetos compunham-se por unidades menores de som (fonemas), e que, por conseguinte, os signos podiam representar estas unidades de som. Os sons elementares são combinados em seqüência de diversos comprimentos para representar as idéias. O conceito de letras surge do fato dos signos gráficos passarem a representar unidades de som menores que as palavras. Com as letras, por volta de 1.100 a. C., os fenícios foram os primeiros a construírem os alfabetos, onde cada letra representa um certo som.

A evolução da vida em sociedade, e de sua regulação, foi refletida e criada pela linguagem. A criação do alfabeto permitiu a ampliação do acesso do cidadão, sendo de certa maneira uma questão de democracia, pois o aceso a linguagem escrita era algo privilegiado. A construção de um conjunto de letras que representassem as unidades menores (o alfabeto) facilitou um maior alcance da linguagem escrita. Qualquer pessoa podia aprender a combinar sons sem ser obrigado a conhecer as equivalências dos signos gráficos com as idéias e objetos determinados. No Egito antigo, o saber escrever consistia em uma profissão, posição de destaque e restrito a poucos escribas. No Japão, divisão social era determinada também pelo uso dos ideogramas.

Por muitos séculos, a cultura transmitiu-se oralmente, por meio da linguagem falada e por meio das imagens. Na Idade Média, na Europa, muitas pessoas foram, por muito tempo, analfabetas. Apesar de já existirem os alfabetos, o acesso à linguagem escrita era restrito apenas aos monges e às pessoas com alto poder aquisitivo, conhecidas como ‘pessoas letradas’. Não havendo o interesse na alfabetização da população, a alternativa utilizada pela igreja, para comunicar as “histórias sagradas”

(sobre a qual fundamentava a fé religiosa) foi através das missas e das imagens dos vitrais coloridos dispostos nas igrejas.

Mesmo que, inicialmente, não tenha sido acessível a todas as pessoas, o alfabeto indubitavelmente aumentou o alcance e o acesso da população, pois permitiu uma maior padronização do conhecimento, e através da criação das escolas tornou possível que as pessoas se tornassem alfabetizadas.

Das cenas da vida cotidiana transportadas das paredes para os utensílios de barro, a invenção da escrita possibilitou que registros fossem feitos em pedaços de pedras, tábulas de argila ou madeira e pergaminhos de couro. Aos chineses foi atribuída a invenção do papel, assim como a imprensa móvel. Os tipos de imprensa usados pelos chineses eram feitos de barro cozido, de estanho, madeira e bronze. A linguagem escrita foi requerindo cada vez mais a criação de artefatos: tintas, tábulas, cinzéis, papiro, papel, canetas, lápis etc. Incontáveis foram as ferramentas requeridas e criadas para transmitir signos: do grafismo das pinturas rupestres aos livros e jornais, dos sinos nas torres das igrejas ao telégrafo, telefone, rádio, televisão, satélite e internet.

Como se constata desde o início da sociedade a comunicação e o trabalho humano têm caminhado de braços dados, transformando a natureza e sendo transformados por ela, gerando a possibilidade do homem se hominizar, de transcender-se e eternizar-se. Trabalho e linguagem são atos de depositar significado humano à natureza, de construir um significado social (e ao mesmo tempo também individual) à natureza.

1.5- LINGUAGEM E HISTÓRIA

Vem da Antropologia a constatação de que a nossa sobrevivência depende do

desenvolvimento (simultâneo) da linguagem, dos instrumentos de trabalho e da cooperação. Importa deslindar as implicações dessa tríade no processo de individuação (modo do indivíduo tornar-se ele mesmo). Se tivéssemos a organização social baseada apenas na cooperação, estaríamos tal e qual as formigas, abelhas ou babuínos, que sucumbem sem os seus pares. Estas espécies recortam seu vir-a-ser a partir de uma "comunidade" e nem por isso se aproximam da hominidade. A cooperação humana advém do processo de divisão do trabalho, ela é sua especificidade e, neste sentido, torna-se redundante discutir a cooperação em si.

A comunicação sempre existiu na vida em grupo. Da necessidade de organização da vida coletiva à manifestação do afeto, a linguagem humana foi sendo construída. Da comunicação imediata e direta surgiu também o desejo da transcendência, tanto da própria existência, quanto da de outrem, afinal, com o passar dos anos entes queridos foram perdidos, mas o afeto e o desejo da permanência deles mantiveram-se.

Quando o homem começou a desenhar em paredes ele imortalizou-se, criou signos que permaneceram além da sua própria existência. Registrando sua própria história e de seu grupo o homem construiu a História. Seus registros determinaram a sua extensão e permanência: extensão no sentido de demarcação do território, cada local que foi habitando e explorado; e permanência no sentido de perpetuação da cultura de geração a geração. Inúmeros ritos e feitos foram eternizados em paredes de pedra e até hoje as sepulturas são relevantes para identificar os padrões de comportamento, características da organização social, valores grupais, religião, etc, dados passados fundamentais para a compreensão do nosso próprio presente.

Com a criação da linguagem, o homem foi construindo e sendo construído pela história. A expressividade humana pôde ser corporificada. As diversas formas de

linguagem permitiram ao homem a sua objetivação, isto é, a sua manifestação subjetiva em produtos concretos da atividade humana, acessíveis tanto aos seus criadores, quanto aos outros homens, permitiu a transcendência de todos os elementos de um mundo comum.

A necessidade da precisão da comunicação motivou a mensuração tanto do tempo, quanto da atemporalidade, pela transcendência da humanidade. O conhecimento humano acumulado geração após geração, repassado e internalizado homem a homem em cada sociedade, garantiu a presença, a materialidade e a momentaneidade de cada indivíduo e grupo. Com a compreensão dos ciclos da natureza, o registro do tempo garantiu ao homem não viver à mercê das intempéries da natureza. Mais uma vez, o homem estava transformando a natureza conforme suas necessidades. Na observação da própria natureza o homem identificou como domá-la: trabalhar muito no verão não apenas para não morrer de fome no inverno, mas para usufruir de alguma forma dos benefícios de cada benevolência da natureza. O tempo passou a ter uma mensuração e ser a referência da vida: tempo do relógio para o dia; tempo do calendário para o acompanhamento das estações do "ano"; tempo de longevidade com os aniversários, tempo de plantio, de colheita; tempo de festa e de descanso. Assim a vida coletiva passou a ser regulada baseada no tempo.

Nesta mesma esteira de registro de tempo, caminha também a construção histórica das narrativas datadas, pois agora, além de fazer os registros, o homem julgou necessário criar uma cronologia para estes registros. Os fatos que oralmente eram repassados, tendo como referência a própria genealogia (meu pai, ou minha avó, ou meu tataravô), foram perdendo a credibilidade, pela distância de gerações e pela pouca precisão. Para que a história não se perdesse, preocupados com a eternização da sua cultura, historiadores criaram os relatos e registros datados, cuidadosamente registrados

pelos eventos marcantes da comunidade ou pela linha de dinastias no poder.

Segundo o interacionismo simbólico de Berger e Luckmann (1980), as relações com o outro não se limitam a companheiros e conhecidos. E através da história, registrada através da linguagem, nós também nos relacionamos com nossos antepassados e herdeiros, com aqueles que nos precederam e os que nos sucederão em toda a história da sociedade.

Segundo Codo (1994b):

> "A primeira premissa de toda existência humana e também, portanto, de toda história, é que os homens se encontrem para fazer história, em condições de poder viver. Pois bem, para viver faz falta antes tudo comida, bebida, moradia e roupa. O primeiro fato histórico é, portanto, a produção dos meios indispensáveis para a satisfação destas necessidades, ou seja, a produção material. (...) O segundo é que a satisfação desta primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e a aquisição de instrumentos necessários para isto conduz a novas necessidades. (...) O terceiro elemento que aqui intervém desde o princípio no desenvolvimento histórico é o fato de que os homens que renovam diariamente sua própria vida começam ao mesmo tempo a criar a outros homens, a procriar: é a relação entre marido e mulher, entre pais e filhos, a família. Esta família, que no princípio constitui a única relação social, mais tarde quando as necessidades, ao se multiplicarem, criam novas relações sociais, e, por sua vez, ao aumentar o censo humano, brotam novas necessidades, passa a ser uma relação secundária." (p.73)

Constatamos que a sociabilidade aparece como resultado da produção e/ou das necessidades que ela engendra. A história da humanidade se elabora, e, portanto deve também ser estudada, sempre em conexão com a história da produção.

Marx compreendia como social "a cooperação de diversos indivíduos" na produção material da própria existência. Quando os indivíduos postos em relação uns com os outros, que se percebem de alguma maneira como tais (indivíduos). Esta cooperação é antes de mais nada o estágio de desenvolvimento das forças produtivas, que por sua vez também estão imbricadas com a história da comunicação, da máquina a vapor às vendas pela internet. A comunicação, a indústria e o comércio sempre

caminharam juntas, uma gerando a necessidade da outra. O comércio utilizou amplamente a comunicação para se efetivar e expandir. Dependendo diretamente da comunicação para gerar um mercado. A indústria dependeu da divisão do trabalho para conseguir criar a mais valia, e tudo isso engendrado pela comunicação. Na mesma medida em que foi se complexificando as relações de trabalho, foi se necessitando de processos cada vez mais elaborados de comunicação.

Da necessidade da subsistência do grupo, com o estabelecimento do comércio no seu próprio grupo (iniciado pelo escambo e posteriormente com o dinheiro) e comércio com outras culturas, o homem foi utilizando a comunicação e linguagens mais específicas para efetivar suas atividades (linguagem oral comercial e uma construção matemática de conversão numérica).

A busca de novos locais para exploração levou o homem a se deslocar para várias partes do planeta. Possivelmente, uma parte pequena do grupo ia na frente para verificar as condições do local. Após o primeiro grupo assegurar a segurança, ele deveria comunicar-se de alguma forma, à distância, com o grupo maior que seguia mais lentamente. Assim, provavelmente foi se inventado sistemas de comunicação que garantissem o permanente contato do grupo, mesmo que distantes, evoluindo do sinal de fumaça, telégrafo, rádio, telefone até a larga utilização da internet como vemos hoje.

A história foi sendo construída na medida em que os registros do processo de produção foram sendo criados. Através da transmissão da cultura geração após geração, no repasse oral e nos registros do conhecimento humano, a história se consagrou, e com a ela a existência do homem. Nos artefatos produzidos, o homem tem garantido a sua permanência. Através dos seus instrumentos de trabalho (ferramentas) e dos seus instrumentos de comunicação (língua, música, desenhos, esculturas etc), o homem imortalizou-se. Nos instrumentos construídos pelo homem e para o homem, no processo

de construção da história, o trabalho e a linguagem se definiram como mutuamente imbricados e indissociavelmente vinculados.

2 - O ESTUDO DA LINGUAGEM

O interesse pelo estudo da linguagem data da antigüidade clássica. Segundo Guimarães (s/d), tal interesse aparece primeiramente registrado na Grécia, no interior da filosofia. O interesse da filosofia era estudar a estrutura do enunciado para poder tratar do juízo. É em Platão que encontramos a primeira classificação das palavras de que se tem conhecimento. Para ele as palavras podem ser nomes e verbos. Depois dele Aristóteles considerou uma outra classificação das palavras: nomes, verbos e partículas. Aqui temos a primeira divisão da cadeia de sinais lingüísticos pelo reconhecimento de uma diferença de categoria entre palavras, estamos diante de uma posição que toma como interesse a relação da linguagem com o conhecimento. A divisão entre nomes e verbos procura descrever a estrutura do juízo, que deve falar de como é o mundo.

Para Saussure (1987), a ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas: a gramática, a filologia e gramática comparada. De forma bastante crítica Saussure descreve a gramática baseada na lógica e desprovida de qualquer visão científica, desinteressada da própria língua, visando unicamente formular regras para distinguir as formas corretas e incorretas. Este autor considera a gramática uma disciplina normativa e com ponto de vista estreito.

Os estudos retóricos e gramaticais também foram inaugurados pelos gregos, ao lado dos estudos filosóficos, sendo a gramática considerada como elemento de uma das primeiras revoluções tecnológicas da história do Homem. A gramática constitui-se na história como uma instrumentação das línguas que, enquanto arte (no sentido latino) ou técnica (no sentido grego), apresenta-se como um modo de ensinar a ler e a escrever corretamente.

> "A Gramática instala, como central, no domínio dos estudos da linguagem, a qualidade da correção. Qualidade que toma várias feições no decorrer da história e permanece, ainda hoje, como um modo de regular as línguas como línguas dos Estados Nacionais, com todas as conseqüências que isso traz. Por outro lado, a Retórica se apresenta como o estudo das técnicas de convencimento dos ouvintes por aquele que fala, o orador. Neste caso o que interessa é como dizer para levar o ouvinte à conclusão projetada. Estamos diante de duas posições distintas: de um lado um norma de correção (gramática), de outro as regras de como proceder para convencer, para alcançar o ouvinte (retórica). De um lado o "valor" da língua, de outro a adequação da relação orador/auditório." (Guimarães, s/d).

Para Guimarães (s/d), ainda na antigüidade, na Índia, o interesse religioso levou a estudos bastante rigorosos dos aspectos fonológicos do sânscrito. Estes estudos tinham a finalidade de estabelecer de modo perfeito que som deveria ser produzido nos cânticos sagrados, para que eles tivessem validade sagrada. Estes estudos levam a uma rigorosa descrição dos sons, que podemos encontrar na gramática de Panini, gramático hindu do séc. IV a.C, precursor remoto de estudos estruturais do século XX. Cujo objetivo era a correção da descrição de uma qualidade fônica, a descrição da forma da língua, nela mesma.

A segunda fase para Saussure, a filologia, teve seu início em Alexandria, mas teve o termo vinculado ao movimento criado por Friedrich August Wolf.

> "A língua não é o único objeto da filologia, que quer, antes de tudo fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições, etc; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. (...) a crítica filológica é falha num particular: apega-se muito servilmente à língua escrita e esquece a língua falada; aliás, a Antigüidade grega e latina a absorve quase completamente." (Saussure, 1987, p.8)

O terceiro período começou quando se descobriu que as línguas podiam ser comparadas entre si. Assim, surge a filologia comparativa ou 'gramática comparada'. Compreendeu-se que as relações entre as línguas afins podiam tornar-se matéria de uma ciência autônoma, seria possível estabelecer uma língua por meio da outra, explicar as

formas de uma pelas formas de outra. Saussure destaca que a escola comparatista indo-européia teve o mérito incontestável de abrir um campo novo e fecundo, mas não chegou a constituir a verdadeira ciência da Lingüística, pois esta jamais se preocupou em determinar a natureza do seu objeto de estudo. Centrando-se na questão das relações genealógicas entre as línguas, sendo o objeto de estudo as formas no seu processo de mudança.

Vindo do comparatismo do século XIX, Saussure assume uma posição de procurar de algum modo ligar duas tradições daquele momento. É assim que Saussure chega a sua clássica distinção entre *língua (langue)* e *fala (parole)*, como forma de definir um objeto específico para a lingüística, que, segundo ele, apresentasse uma homogeneidade interna, sem o que seria impossível pensar a linguagem cientificamente. A língua é este objeto homogêneo que ele caracteriza como um sistema de formas que se caracterizam pelas relações que têm umas com as outras. Estamos diante de uma concepção da língua como sistema, que substitui a concepção naturalista, organicista, e atomista, própria do comparatismo. E ao lado dessa distinção Saussure coloca uma outra, a distinção entre sincronia[2] e diacronia[3]. Assim, embora ele reconheça o lugar dos estudos das mudanças, considera que a lingüística deveria colocar no centro de seu interesse o estudo do sistema da língua, num momento dado. Segundo ele, no funcionamento da língua, não se é levado pelo que as formas foram, mas por aquilo que elas são e pelas relações que elas têm naquele momento da história.

A distinção saussureana que, ao estabelecer a língua como objeto da lingüística, constituiu um objeto no qual não estavam incluídas as questões do sujeito, da relação com o mundo, e mesmo a questão da significação, que foi substituída por aquilo que

---

[2] Sincronia: Procura explicar o funcionamento de uma língua num dado momento do tempo, sem se preocupar com a evolução da linguagem, mas apenas com a sua maneira de ser.
[3] Diacronia: Analisa a língua a partir da sua evolução ao longo do tempo. Como por exemplo, contar a evolução da língua portuguesa é fazer lingüística diacrônica.

Saussure chamou de *valor* das formas lingüísticas. Saussure enfatiza que nada no lingüístico é externo à língua. Neste caso, por exemplo, não interessa a relação das formas da língua com os objetos do mundo ou com o pensamento. Não está em questão em Saussure nem a referência, nem a expressão do pensamento. Este corte saussureano põe os estudos da linguagem num novo caminho que se desdobra por várias direções: desde estudos comparatistas que se renovaram pela concepção de sistema de Saussure, até estudos sincrônicos que, lidando com os limites do objeto saussureano, buscam incluir no lingüístico o sujeito.

Paralelo aos estudos de lingüística, trabalhos foram desenvolvidos no campo do estudo da significação. Estes vieram principalmente pela via da filosofia analítica inglesa, sendo os estudos da linguagem a concepção dos atos de fala. Ou seja, considera-se que falar é fazer algo. Os trabalhos da filosofia analítica desenvolveram-se fortemente num campo conhecido como pragmática. Para a pragmática, o sentido é pensado como intenção do falante, que ele comunica ao ouvinte, na medida do reconhecimento da intenção que teve.

Outros caminhos que de algum modo circulam o espaço saussureano são os que desembocaram no funcionalismo de Jakobson e de Martinet, que assumiram posições comunicacionais, considerando a linguagem como o instrumento da comunicação, abordagem teórica que manteve um profícuo diálogo com a antropologia e a teoria da informação.

Destaca Guimarães (s/d) que o estruturalismo que caracteriza a lingüística européia em meados do século XX deu à linguagem a posição de destaque das ciências humanas. O estruturalismo avançou para os domínios da antropologia, da sociologia, da psicanálise, da filosofia, configurando elementos fundamentais do pensamento de autores como Levi-Strauss, Lacan e Althusser, por exemplo. Esta via passa a pôr no

centro da questão das ciências humanas o simbólico, ou seja, os fatos humanos significam, estão estruturados enquanto significação.

Um segundo movimento fundamental da lingüística do século XX é marcado pelo trabalho de Chomsky, que se inscreve numa tradição americana da lingüística. Ele busca, ao mesmo tempo, para fundamentar uma nova posição biológica para a linguagem, o cognitivismo do século XVI. Aqui a Linguagem passa a estar diretamente ligada à questão do pensamento e aparece como instrumento de expressão do pensamento. Isto se constitui a partir de uma posição metodológica claramente formal e lógica. O trabalho de Chomsky coloca como central na lingüística as relações das unidades lingüísticas entre si, ou seja, a sintaxe. Para ele as pessoas falam porque têm um órgão da linguagem. A capacidade (o que o gerativismo chama competência) para falar é inata na medida mesmo em que é biológica. Deste modo Chomsky recoloca a lingüística no domínio das ciências da natureza, tal como no comparatismo do século XIX, com uma diferença fundamental: o biologismo é posto fora do historicismo. O biológico é pensado a partir de uma concepção universal e não a partir de uma visão de uma história natural, em que o que se punha em realce eram as diferenças entre as espécies, etnias, etc. Para Chomsky a questão é que o humano é biologicamente universal e é o mesmo para todos, e a linguagem é parte desta caracterização naturalista e universal do homem.(Guimarães, s/d)

Este movimento formal encontra também sua face semântica. Baseando-se em posições da lógica do final do século XIX e início do século XX (como os de Frege e Russell), desenvolve-se um estudo da significação que se formula como um sistema lógico e constitui a noção de sentido a partir do conceito de verdade. Ou seja, tem-se aqui uma posição relacionada ou ao idealismo platônico, ou ao pensamento aristotélico. Estes estudos se dão com freqüência no interior da filosofia da linguagem, onde

encontramos autores como o alemão Wittgenstein, o britânico Grice e o americano Davidson.

Se parte dos lingüistas do século XX buscavam uma concepção da unidade do lingüístico, lingüistas com considerações ligadas tanto à antropologia quanto à sociologia consideravam a não unidade da língua. Na antropologia, por exemplo, encontramos o pensamento de Sapir, lingüista americano formado a partir das posições da antropologia de Boaz. Para ele a língua é parte da cultura de um povo e é assim marcada por esta cultura. Estamos aqui diante de uma concepção em que a linguagem é pensada a partir de elementos exteriores que a constituem. Outro movimento oposto ao da universalidade e unidade do lingüístico, pensado agora enquanto competência, é o da sociolingüística quantitativa americana de Labov. Aqui a língua é pensada como tendo uma estrutura variável que se pode conhecer por um método quantitativo, através do qual é possível estabelecer relações entre uma divisão estratificada da sociedade e a variabilidade estatística da língua. Neste caso o externo que determina a língua é pensado como distinto do lingüístico e a socioligüística incumbe-se de estabelecer as correlações entre uma estratificação social e a variabilidade das estruturas lingüísticas.

Guimarães (s/d) identifica ainda um terceiro momento decisivo na história dos estudos da linguagem no século XX. Este seria marcado por uma posição teórica que busca pensar a relação entre a exterioridade e o lingüístico como uma relação histórica e constitutiva do processo lingüístico. Esta posição ficou conhecida como a Análise de Discurso, que se desenvolveu a partir do final da década de 60 do século XX na França, tendo como principais representantes Foucault e Pêcheux. De um lado Foucault, com seu pensamento filosófico dedicado ao estudo da história, e de outro o pensamento de Pêcheux, que constitui a análise do discurso como modo de se poder pensar o histórico e o político como próprios do processo de significação do dizer (no qual se constitui o

sujeito). Para esta posição, o objeto fundamental dos estudos é o discurso enquanto objeto integralmente lingüístico e integralmente histórico.

Este terceiro momento reencontra assim uma posição que coloca a questão da linguagem no centro da cena das ciências humanas. A diferença, aqui, relativa ao estruturalismo, é que está em questão a historicidade, que não está presente nem no social saussureano, nem no funcionalismo de Jakobson. A historicidade não está na análise do discurso definida pelo tempo (os estudos sincrônicos e diacrônicos), enquanto dimensão do mundo, agora passa a ser por uma especificidade determinada pela ideologia, por uma materialidade sócio-histórica.

Guimarães (s/d) aponta que, do ponto de vista das ciências da linguagem, hoje há um embate entre: a) um cognitivismo naturalista, que o pensamento chomskyano reintroduziu e que localiza a lingüística no interior da biologia (enquanto ciência psicológica), ou seja, das ciências naturais; b) posições derivadas do estruturalismo, como os estudos enunciativos, para os quais o funcionamento da língua se dá porque a língua está marcada por formas próprias para seu funcionamento no acontecimento enunciativo, posições então que mantêm a questão da autonomia do lingüístico posta por Saussure; c) posições que procuram estabelecer diálogos entre as diversas disciplinas das ciências humanas, que levam a pensar o lingüístico como definido por uma correlação com o que está fora do lingüístico: o antropológico, o social, o psicológico, etc, e d) posições como a da análise de discurso, que põem em cena a questão de que não se pode reduzir o lingüístico nem ao social (antropológico) nem ao psicológico, pois a linguagem é, ao lado de integralmente lingüística - num certo sentido saussureano - também integralmente histórica.

2.1 LINGUAGEM E MARXISMO

Costa (2000) faz um extenso levantamento das contribuições do marxismo para a teoria crítica da linguagem. Ele critica que no campo da investigação lingüística tradicional, o aspecto lingüístico é abstraído da totalidade das relações sociais e, para estudá-lo, é sempre criada uma disciplina própria, um departamento estanque e autônomo do conhecimento humano. Ficando assim a Lingüística, ou isolada, ou relacionada mecanicamente com outros departamentos igualmente estanques e autônomos. Defende que a teoria materialista se apresenta como muito viável, principalmente como crítica das teorias lógico-formalistas da linguagem e como uma tentativa de apreensão do fenômeno lingüístico como parte da totalidade social.

Para Costa (2000), a concepção de linguagem como comunicação não é muito cara a alguns autores marxistas. Eles assumem uma postura crítica em relação ao termo, que pode dar a entender que sujeitos livres relacionam-se livremente mediante a linguagem, a palavra comunicação sugeriria pleno entendimento entre sujeitos, o que, de certa forma, nem sempre corresponde ao real. Entender o termo como transmissão de informações de um sujeito para outro através de um veículo suporia conceber a linguagem como um código, algo que certamente constitui uma de suas dimensões, mas que diz muito pouco da complexidade do fenômeno lingüístico. Portanto, uma teoria marxista da linguagem deve ir além de uma concepção comunicativa. Os lingüistas marxistas preferem a palavra interação para designar o caráter ativo dos proferimentos lingüísticos.

Este autor separa em quatro grandes grupos as visões de linguagem dos teóricos marxistas: a linguagem como interação, a linguagem como ideologia, a linguagem como trabalho e a linguagem como fenômeno histórico.

2.1.1- A LINGUAGEM COMO INTERAÇÃO

Foi o filósofo alemão Ludwig Wittgenstein quem primeiro realizou uma crítica radical da concepção tradicional de linguagem, inaugurada por Aristóteles, e dominante no Ocidente durante séculos. Wittgenstein é, no início de suas reflexões filosóficas, um positivista-lógico preocupado com a elaboração de uma "linguagem ideal", extremamente rigorosa, livre das imprecisões da linguagem do dia-a-dia, que seria o instrumento universal e imprescindível a todas as ciências (Oliveira, 1990 apud Costa, 2000). Pouco a pouco, ele foi se afastando das concepções que fundamentavam tais preocupações, decisivamente influenciado por suas discussões com o economista marxista italiano Ricardo Sraffa. Na sua segunda fase, Wittgenstein faz uma crítica à concepção aristotélica da linguagem (que é também a sua, na fase inicial) concentrando-se sobre dois aspectos fundamentais: O primeiro, diz respeito à questão da relação da linguagem com o pensamento e com a realidade. Para Wittgenstein, trata-se de uma concepção representacionista da linguagem. Isto é, que imagina a linguagem como uma maneira de representar uma realidade dada de antemão e independente da própria linguagem. Esta vê-se pensada como um meio secundário de expressão dos pensamentos, que podem se formar sem ela, e de representação de uma realidade que a ela preexiste. A linguagem serviria basicamente para se falar sobre coisas e sua relação com a realidade adviria de uma semelhança natural com o mundo, isto é, de uma associação convencional e arbitrária entre as palavras e as coisas e de uma semelhança natural entre as frases e os estados de coisas (Almeida, 1977 apud Costa, 2000).

Para Wittgenstein, a linguagem não pode ser reduzida a atos de denotar objetos e enunciar estados de coisas. Segundo ele, a teoria representacionista da linguagem engana-se gravemente sobre a natureza da linguagem. Qualquer exame atento dos fatos

revela que não usamos a linguagem unicamente para falar sobre as coisas, mas também para realizar uma diversidade de outros atos que não podem ser reduzidos ao simples ato de denotar objetos e descrever estados de coisas. Wittgenstein mostra em sua obra Investigações Filosóficas que a função expressivo-representativa é inseparável de sua função comunicativa. Através do conceito de jogo de linguagem, ele vai mostrar que a função denotativa (o ato de falar sobre coisas) é apenas um entre os inumeráveis tipos de relações que se estabelecem quando os sujeitos se comunicam através da linguagem.

Afirma este autor que as palavras só adquirem função e sentido através de seu uso, inexistindo uma linguagem separada de situações interativas lingüísticas e extra-lingüísticas. Para ele, a idéia de uma linguagem considerada fora de seu contexto de uso é insustentável. A concepção de linguagem de Wittgenstein, baseada no conceito de jogos de linguagem, apoia-se em três pilares: (Almeida, 1977 e Oliveira, 1990 apud Costa 2000).

Em primeiro lugar, no plano da relação linguagem-pensamento, tal concepção postula que a linguagem humana é, acima de tudo, a capacidade de estabelecer uma interação com o outro sujeito. A compreensão do significado de uma palavra é inseparável do processo de socialização onde se dá a internalização de normas e papéis. A competência lingüística do falante é basicamente uma competência comunicativa, isto é, para falar não é suficiente a capacidade de aplicar sistematicamente regras fonéticas, sintáticas e semânticas: há que dispor de uma habilidade natural para o aprendizado das atividades, normas e papéis envolvidos no ato de falar.

Em segundo lugar, no plano da relação linguagem-realidade, a idéia é a de que o significado de uma expressão não é função de uma convenção arbitrária ou daquilo que cada um de nós pode pensar individual ou privadamente na intimidade de sua vida mental, mas função de um aprendizado, ou seja, a significação é o resultado de uma

prática social aprendida dentro de um determinado contexto sócio-histórico. Para compreender, portanto, a significação de uma expressão lingüística, faz-se necessário recorrer ao seu uso e às normas e práticas sociais que subjazem ele.

Finalmente, no plano da relação linguagem-usuários, tem-se que a linguagem faz parte de uma "forma de vida", isto é, falar é um meio de realizar um ato regido socialmente, é uma maneira de estabelecer interações entre sujeitos e, portanto, uma maneira de viver em sociedade. A linguagem é, então, entendida como uma ação humana e, enquanto tal, como interação, isto é, como ação social que, por esta razão, não pode ser explicada como produto de um único sujeito.

Esta concepção realizou uma verdadeira revolução na maneira de pensar a linguagem, até então concebida sempre na perspectiva do sujeito isolado ou da consciência do indivíduo. Wittgenstein não só rompeu com toda a tradição ocidental de concepção de linguagem, como também lançou as bases de uma nova ótica de consideração da linguagem. Seguindo os passos de Wittgenstein, os filósofos da Escola de Oxford (Austin, Ryle, Searle) procuraram desenvolver certos conceitos de seu pensamento, no âmbito da chamada filosofia analítica, criando a chamada "teoria dos atos de fala".

É Rossi-Landi (1985) que faz uma crítica do ponto de vista do materialismo histórico. Para este autor, Wittgenstein está correto quando critica o mito de que a linguagem possa desenrolar-se "dentro" de uma única pessoa. Porém, para Rossi-Landi, Wittgenstein, mesmo concebendo a linguagem como pública, isto é, como atividade intersubjetiva que requer regras exteriores, esta ainda não consegue atingir o social. Trata-se de uma concepção ainda privada da linguagem (ainda que esse "privado" refira-se a duas ou mais pessoas), dado que a concepção de "jogo" abstrai o caráter

social da linguagem, isto é, o fato de que a linguagem representa uma dimensão constitutiva da totalidade das relações sociais.

Para Rossi-Landi, a noção wittgensteiniana de uso lingüístico diz respeito a algo já produzido, portanto já existente: dada certa palavra, seu uso já é o seu significado. Está correto, mas não diz tudo a respeito da significação. Em primeiro lugar, escapa a Wittgenstein o aspecto ativo do usuário na significação. Isto é, falta a ele a noção de trabalho: os falantes não somente usam as palavras; em as usando, eles lançam mão do produto de um trabalho lingüístico passado e efetuam trabalho novo sobre esse produto. Em segundo lugar, o autor alemão não percebe que os produtos da linguagem, quando jogados no mercado lingüístico, se comportam uns em relação aos outros como objetos de valor cuja significação é disputada pelos usuários da língua.

As críticas que Wittgenstein faz à concepção tradicional da linguagem utilizada pela filosofia se encaminham para a denúncia de uma "alienação lingüística", mas não as aprofundam perguntando pelas causas e porquês sócio-históricos de tal fenômeno. Falta-lhes uma teoria da sociedade e da história sobre a qual fundamentar suas pesquisas. Tem-se uma concepção não-metafísica, mas ainda não-materialista, permanecendo ao nível do idealismo.

Michel Pêcheux concebe que a linguagem como uma ação comunicativa entre sujeitos livres é ilusória. Inspirado em Althusser, Pêcheux defende a tese de que, em uma formação social como a capitalista, onde os sujeitos que participam do processo de interação lingüística são, na realidade, assujeitados como sujeitos ideológicos, que cada um enuncia a partir do lugar que ocupa no seio da contradição de classes do modo de produção, tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade. Assim, todo ato de enunciação é ideológico, no sentido de que é condicionado por valores que se orientam conforme a posição de classe dos enunciadores. Para Costa (2000), um desdobramento

crítico dessa tese de Pêcheux é a noção de que o "jogo de linguagem" supõe, ou pode dar a entender, uma paridade entre os participantes: indivíduos face-a-face que estabelecem um contrato em que um atribui ao outro uma competência lingüística análoga, além de legitimidade e aceitação mútua dos papéis em que estão investidos. Para Pêcheux o que o sujeito diz é determinado pelas condições sócio-históricas nas quais ele o diz. Portanto, uma palavra terá um sentido '*a*' ou '*b*' conforme seja dita de tais ou quais lugares no interior de uma formação social.

Hürgen Habermas foi um dos representantes da Escola da Frankfurt. Ele também desenvolveu suas pesquisas sob as premissas do trabalho como categoria sociológica chave, procurou dar continuidade à crítica da modernização capitalista, e passou a atribuir centralidade à linguagem e à comunicação. Ele adota a comunicação sem entrave como princípio normativo inerente ao uso comunicativo da linguagem e trata de compreender as patologias do mundo da vida devidas aos efeitos de colonização gerados pelos sistemas econômico e estatal, ou seja, a ampla monetização e a vasta burocratização das relações sociais, inerentes ao capitalismo tardio. Tem, como obra mais importante, a *Teoria da Ação Comunicativa*, onde elege a Sociologia como ciência social privilegiada porque ela trata da crise de um modo amplo e se preocupa com a sociedade como um todo (Prado, s/d). Ele criticou o que ele chama de idealismo hermenêutico, argumentando que o modelo de compreensão intersubjetiva pela linguagem só dá conta de uma dimensão imediata do fenômeno comunicativo: enquanto os participantes de uma relação interativa conservam a capacidade de controlar suas possibilidades de entendimento e conflito, eles podem vivenciar na prática o jogo lingüístico. O que ocorre, porém, é que isto quase nunca é possível, porque no sistema capitalista os mecanismos sistêmicos (econômicos, políticos, ideológicos etc.) que

regem as relações pessoais perturbam sistematicamente os processos de entendimento (Oliveira, 1990b apud Costa, 2000).

Apesar das críticas teóricas, é Rossi-Landi (1985) quem ressalta que foi a teoria inaugurada por Wittgenstein que deu início a uma crítica radical de uma concepção equivocada que dominava há séculos o pensamento filosófico e científico, e de aproveitar suas conquistas para a construção de uma teoria concreta da linguagem. Segundo o autor, caberia ao materialismo histórico esta tarefa.

2.1.2- A LINGUAGEM COMO IDEOLOGIA

Costa (2000) faz uma cuidadosa diferenciação das concepções ideológicas do marxismo. Destaca ele que existem duas concepções diferentes dentro do marxismo a respeito do conceito de ideologia. Apesar de ambas terem na obra de Marx e Engels sua matriz teórica, elas diferem significativamente em determinados pontos.

A primeira concebe a ideologia como uma representação incompleta e mutilada do real e, principalmente, como uma apresentação desse real que o inverte e, em seguida, oculta e dissimula suas contradições (Lefebvre, 1987 apud Costa, 2000). É no livro A Ideologia Alemã que Marx trata mais explicitamente do conceito, tomando como alvo de sua crítica, especificamente, a crítica da religião e da filosofia de Hegel que os Jovens Hegelianos vinham desenvolvendo. Mais tarde, Marx estende o conceito para a economia e a política burguesa. Trata-se de uma concepção restrita, pois não é qualquer falsa-consciência que é ideologia, e crítica, tendo em vista que designa interpretações distorcidas e conseqüentemente ocultadoras de uma realidade contraditória.

A outra concepção de ideologia, segundo Costa (2000), que foi deduzida a partir de passagens esparsas em toda a obra de Marx e Engels, é, ao contrário, neutra e designa quaisquer formas de consciência provindas das classes sociais. Encara como um fenômeno superestrutural do qual o próprio marxismo seria um exemplo. É Lênin que aprofunda esta segunda concepção dando-lhe conotação francamente positiva. A ideologia passa a estar ligada a interesses de classe. Existiria, no capitalismo, uma ideologia burguesa dominante, de propósitos conservadores, e uma ideologia proletária, de propósitos revolucionários, que corresponderia à crítica da ideologia burguesa, ligada aos interesses do proletariado.

Os dois conceitos de ideologia são pertinentes para a teoria marxista da linguagem. Quando o conceito negativo é usado, diz-se que a linguagem manifesta a ideologia. Quando o conceito neutro é utilizado, além disso, diz-se que o ideológico condiciona o lingüístico ou simplesmente está na linguagem.

A tese de que o uso lingüístico traz a marca das relações e das ideologias de classe foi interpretada por lingüistas soviéticos, influenciados principalmente pelas concepções do lingüista russo Nicolas Marr. Consideravam a linguagem como um meio de dominação de classe e foi determinada pela luta de classes em todas as fases de seu desenvolvimento. Devido à unidade do processo de criação da linguagem, todas as línguas conhecidas poderiam ser reduzidas aos mesmos elementos, ao passo que as diferenças entre elas deveriam ser explicadas pelo fato de terem surgido em diferentes fases do processo de desenvolvimento. A determinação de classe das línguas significava para Marr que as diferentes línguas representavam o produto de diferentes classes e não de comunidades tribais, étnicas ou nacionais. Segundo Costa (2000), o erro de Marr é o de não perceber a autonomia relativa do sistema lingüístico em relação à luta de classes. A língua, enquanto sistema, possui uma ductilidade, que se adapta as circunstâncias,

não encontrável na mesma medida nos demais fenômenos superestruturais, que a torna base comum tanto para o idealista como para o materialista, tanto para o reacionário como para o revolucionário, enfim para ideologias de grupos de poder ou de classes sociais distintas. Tomar a língua como superestrutura é perder de vista a especificidade que a distingue precisamente de todos os fenômenos superestruturais: a língua entra em jogo em todos os aspectos da cultura como instrumento de organização, constituição e especificação das relações sociais, das experiências vividas, das relações com a natureza, etc.

Segundo Tchougounnikov (2003), em 1950 Stalin fez um pronunciamento sobre as questões lingüísticas, no longo artigo "O Marxismo e os problemas da lingüística". O texto de Stalin continha uma severa crítica a "Nova Teoria da Linguagem" de Marr, que era a doutrina lingüística oficial na URSS, durante os trinta anos precedentes. Stalin tinha a meta de refutar a idéia da natureza de classe das línguas. Para ele o corpus da língua nacional deveria ser puro, não suportar a hibridez e nem se constituir por cruzamento. Como Lênin ele se mostra purista, em relação as questões lingüísticas, e luta radicalmente contra os empréstimos e decalques ocidentais, o que prepara o terreno para as vastas campanhas contra os cosmopolitas.

Em primeiro lugar, para Stalin, a língua não pode ser considerada uma superestrutura. Ao contrário desta, que se altera conforme a modificação ou substituição da base econômica, ele considera que a língua não apresenta mutações no léxico essencial nem em sua estrutura gramatical e sintática quando há modificações ou mesmo transformações na base econômica. A superestrutura refletiria a ideologia da classe dominante e atuaria em prol dos interesses dessa classe para a manutenção de uma estrutura econômica. A língua não é uma superestrutura (nem é ideológica) e não é classista. De acordo com Stalin, a língua, enquanto meio de comunicação serve

igualmente a todas as classes da sociedade e mostra, sob esta perspectiva, uma certa indiferença às classes. Ela seria como um instrumento de produção – uma máquina ou uma ferramenta, indiferente às classes e a sua luta, podendo servir igualmente à burguesia e ao proletariado, ao regime capitalista e ao regime socialista. Com a diferença de que a língua não produziria riquezas.

Stalin opõe a uma concepção que absolutiza o caráter ideológico e classista da linguagem, nega absolutamente esse caráter atribuído a linguagem. Sua posição contrapõe a concepção idealista com uma concepção materialista vulgar. Para Costa (2000), Stalin se equivoca quando ignora que uso lingüístico se inscreve numa relação ideológica de classe, onde o uso concreto que se faz da língua pode se prestar a servir a esta ou àquela classe social, funcionando a serviço do sistema social constituído ou realizar-se como instrumento de luta, de crítica ao sistema.

Analisa Costa (2000) que as duas concepções incorrem em um erro comum, reduzem a linguagem a um sistema formal e abstrato. Ambas se esquecem que o que constitui fundamentalmente a linguagem, tanto em sua dimensão objetivada (língua), como em seu aspecto de uso individual (fala) é o fato sócio-ideológico da interação verbal que se realiza historicamente, ou seja, o trabalho lingüístico social dos falantes.

No mesmo contexto histórico e no interior da mesma polêmica (relação linguagem-ideologia-classes sociais), o historiador e filólogo russo Mikhail Bakhtin buscou apontar para uma superação das duas concepções, introduzindo à reflexão novos e originais elementos. Esta reflexão teve uma significativa influência, não somente sobre a concepção marxista da linguagem, mas também sobre o que se chama hoje de Lingüística Pragmática. No livro Marxismo e Filosofia da Linguagem (1988), Bakhtin (Volochinov) questiona as bases teóricas que fundamentam as concepções de Marr e Stalin. Ele considera a linguagem como fenômeno sócio-ideológico. Para ele, o lugar da

realização do ideológico na linguagem não está na língua como um sistema abstrato de formas, mas no signo lingüístico, na palavra. Para mostrar isto, Bakhtin utiliza um conceito de ideologia bastante amplo. Ideologia, para ele, além de designar as manifestações culturais em geral, diz do que é relativo a índices de valor que se confrontam, determinados pelos conflitos de interesses sociais.

> "Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio ideológico coincide com o domínio dos signos: São mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico" (Bakhtin, 1988, p.32)

Isto porque "o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata". Esta refração é determinada pelo confronto de interesses sociais, ou seja, a luta de classes. Assim é que, exatamente pelo fato de as diferentes classes sociais utilizarem-se de uma só e mesma língua, em todo signo confrontam-se índices de valores contraditórios:

> "(...) O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. (É) esta plurivalência social do signo ideológico (...), este entrecruzamento dos índices de valor, que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. O signo, se subtraído às tensões da luta social, se degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudo de filólogos e não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade." (Bakhtin, 1988, p.46)

Bakhtin examina algumas propriedades da palavra. Para ele, a palavra é o signo que revela de forma mais nítida o fenômeno ideológico. Enfatiza que a palavra é um signo neutro, puro, pois não está ligada exclusivamente a nenhum campo ideológico particular, podendo ela preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa etc. Destaca também que, por ser a palavra produzida pelos próprios meios do organismo individual, sem nenhum recurso a uma aparelhagem extracorporal, ela é capaz de servir como material semiótico da consciência, podendo

funcionar com ou sem expressão externa (discurso interior). Outro ponto destacado é que a presença da palavra é presença obrigatória, como fenômeno acompanhante de todo ato consciente.

> "É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica seja ela qual for. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico." (p.37)
> "Nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se uma unidade da consciência verbal constituída. (...) A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação." (p.38)

Graças a tais propriedades fundamentais, para Bakhtin a palavra se revela o indicador mais sensível de todas as transformações sociais. A palavra está presente tanto na infra-estrutura quanto na superestrutura: de um lado, ela é condicionada pela organização social dos indivíduos, refletindo e refratando a realidade material dessa organização (infra-estrutura); de outro, ela possui sempre um índice de valor social, o que a insere no domínio da ideologia (superestrutura).

2.1.3- LINGUAGEM COMO TRABALHO

A partir de Engels, várias abordagens marxistas procuraram remontar a gênese da linguagem ao trabalho. Mas é o lingüísta e semioticista italiano Ferruccio Rossi-Landi quem vai tentar superar a concepção genética da relação linguagem-trabalho. Rossi-Landi, entretanto discorda de Engels quanto à anterioridade do trabalho sobre a linguagem.

> "Discutir como se tenham constituído antes os produtos e os instrumentos físicos enquanto extensões do braço ou os signos e as palavras enquanto extensões da mente é duplamente absurdo: isso porque

> a mente, fenômeno social, é ela mesma aquela dupla extensão, formando-se graças a ela" (Rossi-Landi,1985, p.73).

A análise de Rossi-Landi aproxima-se mais da descrita na Ideologia alemã. Este autor encara a questão de forma mais dialética: o homem é um ser que fez e faz a si próprio realizando e produzindo linguagem simultaneamente.

> "Para instituir relações de trabalho e de produção, o homem tinha que falar, comunicar, coisa que ocorreu no decorrer daquela instituição, de modo inextricável e solidário, uma vez que o homem só poderia falar e comunicar pela instituição daquelas relações." (Rossi-Landi, 1985, p.73)

Essa visão dialética da relação trabalho-linguagem levou Rossi-Landi a considerar que a linguagem não apenas pressupõe as relações de trabalho, mas ela mesma como trabalho. Rossi-Landi afirma que o homem deve ser diferenciado do animal não somente porque produz instrumentos de trabalho, mas também porque fala, produz enunciados, instrumentos de comunicação. É falando e trabalhando que o homem constitui o social, formando historicamente a si mesmo. Assim, para Rossi-Landi, o ato de constituir relações instrumentais com a natureza ("trabalho não-lingüístico") e o ato de constituir relações comunicativas com outros homens ("trabalho lingüístico") estão em um mesmo plano.

Corroborando com Marx, Rossi-Landi considera trabalho não só a atividade manipulativa consciente, mas a atividade objetivadora em geral. Sua concepção de trabalho é do trabalho em geral, ou melhor, de que tudo aquilo que traz a marca da intervenção transformadora do homem é produto de um trabalho que ele realizou. Ele reforça que o próprio homem é, então, resultado histórico de seu próprio trabalho.

Nesta perspectiva ele defende que: "As palavras, enquanto unidades da língua, são produtos do trabalho lingüístico; servimo-nos de tais produtos como materiais e instrumentos no decorrer de um trabalho lingüístico ulterior, graças ao qual se

produzem mensagens." (Rossi-Landi, 1985, p. 63). Da constatação de que as palavras e mensagens não existem prontas na natureza, conclui-se imediatamente que elas são produzidas pelo homem. Portanto, são produto de trabalho humano. Neste sentido ele começa a defender o *trabalho lingüístico humano*, colocando este tipo de trabalho "manipulativo" ou "transformativo" com que se produzem os objetos físicos. Para o autor, a busca é tornar unitária a definição do homem enquanto animal falante e trabalhador, que se diferencia de todos os outros, na medida em que produz instrumentos e palavras e com essa produção, constitui "o social", forma historicamente a si próprio.

> "Se as línguas não fossem produtos e a linguagem não fosse trabalho, seriam algo apenas natural, isto é, hipo-histórico, como a digestão ou a respiração, ou então, algo simplesmente não natural, isto é, meta-histórico." (Rossi-Landi, 1985, p.67)

Para o autor, algo que não sofre condicionamentos históricos, além de ser empiricamente insustentável é uma tese que nega a existência de qualquer elemento diferencial entre os homens e os animais.

> "Limitamo-nos, então, a constatar que o homem 'tem a capacidade de falar', e os animais não; ou então, graças ao reducionismo biologístico, tenta-se fazer passar como explicação do advento e da presença de um fenômeno extremamente complexo como a linguagem e as línguas, uma ou outra característica do animal homem, considerado justamente, no caso, como mero animal." (Rossi-Landi, 1985, p.67)

O outro ponto defendido por Rossi-Landi é que, ao se considerar a linguagem como algo simplesmente não-natural, meta-histórico, assume-se necessariamente a posição de que a linguagem e as línguas seriam algo estranho à relação do homem com a natureza, e essa visão remeteria as explicações míticas e idealistas do fenômeno lingüístico.

> "Uma vez tendo-se ultrapassado a fase das primeiras formas, animalescas e instintivas, de apropriação imediata de objetos existentes na natureza, apenas o trabalho humano pode satisfazer uma necessidade humana; apenas um trabalho complexo como o lingüístico pode satisfazer a complexa necessidade humana de expressão e comunicação. A complexidade do trabalho é determinada pela complexidade da necessidade, a qual por sua vez, determina – exatamente como ocorre com o trabalho que manipula e transforma. A linguagem, as línguas enquanto seus produtos formam-se na dialética da satisfação das necessidades, ou seja, dentro do processo de instituição das relações de trabalho e de produção, também a linguagem é trabalho humano, e as línguas são sua objetivação necessária." (Rossi-landi, 1985, p.68)

A partir dessas considerações teóricas que Rossi-Landi desenvolve sua homologia da produção (produção material – produção lingüística). Através da sua categoria trabalho lingüístico, ele busca uma posição em relação à famosa distinção da lingüística saussureana linguagem-língua-fala:

> "O trabalho lingüístico entendido socialmente deve então nos lembrar a parole do Saussure oficial e, em geral, os concretos atos lingüísticos de que tanto falam os lingüistas, somente na medida em que a parole e os atos lingüísticos se opõem à língua como produto. O trabalho lingüístico está antes do lado da langage, na medida em que se opõe tanto à parole, por ser coletivo e não individual, quanto à langue, por ser trabalho e não produto. Tomando o langage como mera combinação de langue e parole, exclui-se o estudo das técnicas coletivas e comunitárias do langage. A bipartição entre língua e fala deve ser substituída por uma tripartição: o trabalho lingüístico (coletivo) produz a língua (coletiva) sobre a qual e por cujo meio se pratica a fala dos indivíduos, cujos produtos refluem para o mesmo reservatório coletivo de onde foram retirados seus materiais e instrumentos." (Rossi-Landi, 1985, p. 71)

Rossi-Landi propõe um esquema em que as relações entre as partes são vistas de forma dinâmica e dialética: a linguagem é o trabalho lingüístico geral, realizado pela humanidade em sua práxis comunicativa histórica. Os produtos desse trabalho são as línguas. Elas são a sua objetivação, assim como os produtos materiais são a objetivação do trabalho material humano. Eles também, a um só tempo, são material de um trabalho lingüístico ulterior, isto é, "objetos sobre os quais se exercem novas elaborações" e

instrumentos desse trabalho, enquanto fornecedores de elementos (palavras, mensagens) com os quais trabalhamos e produzimos a própria língua. A fala consiste justamente na apropriação individual desses elementos. Porém ela é individual somente porque é considerada individualmente. O modelo dessa operação é social, no sentido em que ela atua como instrumento e num ambiente que é social.

Bloomfield (apud Rossi-Landi, 1985) sustentava que "a divisão do trabalho e com o inteiro operar da sociedade humana são devidos a linguagem". Rossi-Landi critica esta posição, argumenta que Bloomfield estava certo na unicidade do processo, mas estava errado ao afirmar a prioridade do trabalho lingüístico sobre o não-lingüístico.

O trabalho lingüístico, apesar de sua imensa complexidade, é habitualmente exercido por todos os falantes e ouvintes, e isto ocorre sem que estes dêem atenção às técnicas empregadas. O uso da linguagem aparece como natural, ou como destaca Rossi-Landi, como a pseudo naturalidade social. À primeira vista, o homem parece falar tal como o pássaro voa e o peixe nada. Não pensamos na linguagem, ela parece sair por conta própria, é completamente negligenciado o fato de estarmos expostos a ela desde o nosso nascimento e que esta foi construída por milhares de gerações. Desde o berçário, um indivíduo começa a aprender a servir-se de todos os objetos produzidos pela humanidade: berço, chupeta, interruptor, carro, chave, inúmeros são os objetos usufruídos de forma direta ou indireta. Estes objetos são também de certa forma assumidos como naturais, pois este é o sentimento que temos em relação às coisas ordinárias e do nosso cotidiano.

Segundo Rossi-Landi (1985), a consciência da produção lingüística acontece apenas em casos particulares: a) quando estão envolvidas relações entre duas ou mais línguas, ou seja, quando se traduz ou se ensina uma língua estrangeira; b) quando se

ensina uma criança a falar, e ela formula as perguntas; c) quando falar e escrever se torna um fim, cuja realização apresente dificuldades especiais na expressão e na comunicação; d) no estudo científico da linguagem, quando nos propomos expressamente a finalidade de tomar consciência do seu funcionamento. É nestas situações que temos a oportunidade de tomarmos consciência do processo histórico da linguagem e da comunicação.

No dia a dia e no uso normal de nossa língua materna o falante trata a palavra apenas como meio com o qual fala e como o objeto que elabora falando. Quando se começa a falar, pressupõe-se a presença destes produtos, torna-se indiferente que as palavras sejam produtos de vários trabalhos anteriores. Todas as palavras são produtos do trabalho lingüístico de gerações anteriores, mas a cada vez que fazemos uso das palavras não consideramos este fato. Como refere Marx (1985), no caso da alimentação, o processo é indiferente, pouco importa que o pão seja produto dos trabalhos passados do camponês, do moleiro, do padeiro etc. Como meio de produção lingüística, no processo de falar, o caráter de produtos de trabalho passado aparecem apenas por meio de seus defeitos. Ou seja, nos atentamos aos produtos lingüísticos quando eles falham. Quando aprendemos a falar e nos comunicamos de forma "compreensível", não prestamos mais atenção no processo. Apenas quando emitimos palavras que não dão a idéia para outro que nos damos conta do processo de utilização das mesmas.

> "Para poder constatar que uma palavra não funciona, devo ter aprendido a usá-la; do mesmo idêntico modo, para constatar que uma faca não corta, devo ter aprendido a usá-la. (...) Aprender a falar significa aprender a usar palavras, não a produzi-las; os processos, por meio dos quais as palavras se produzem, aparecem apenas ao se estudar as línguas e a linguagem profissionalmente; aprendendo e continuando a falar, nós encontramos as palavras já feitas, assim como encontramos já feitos à nossa volta e prontos para o uso de todos os produtos do trabalho lingüístico." (Rossi-Landi, 1985, p.78-9)

Este autor defende que quando os falantes utilizam a linguagem eles não somente usam as palavras, mas usando-as, eles lançam mão do produto de um trabalho lingüístico passado e efetuam trabalho novo sobre esse produto. Afirma que os produtos da linguagem, quando jogados no mercado lingüístico, se comportam uns em relação aos outros como objetos de valor, cuja significação é disputada pelos usuários da língua. Para ele, trata-se de perceber que as palavras não possuem somente valor de uso, mas também, um valor de troca, e é este que em nossa sociedade lhes determina a significação.

2.1.4- LINGUAGEM COMO FENÔMENO HISTÓRICO

A teoria marxista encara a linguagem como um fenômeno histórico, diferentemente das posições sistêmicas, nas quais a língua é uma totalidade abstrata, intemporal, inerte, em que as partes ocupam uma posição fixa e vazia num todo inalterável. Segundo essa concepção, a relação entre as partes da língua é uma relação de identidade e oposição formal em que cada uma se define pela exclusão de todas as outras. Isto é, “a” é “a” porque não é “b”, não é “c”, não é “d” etc. O movimento evolutivo desses elementos é externo e mecânico, isto é, determinado bruscamente e casualmente por uma causa externa: a fala. Essa evolução determina, por sua vez, a configuração do sistema, cuja estrutura, porém, continua sempre a mesma. (Costa, 2000)

Conforme apresentado, o materialismo histórico tem uma posição diferente: ele prefere tomar a linguagem como totalidade concreta parcial, isto é, como “um todo que possui sua própria estrutura (e que, portanto, não é caótico, ou o é só na aparência), que se desenvolve (portanto, não é imutável, nem dado de uma vez por todas), que vai se

criando (e que, portanto, não é mutável apenas em suas partes isoladas, na maneira de ordená-las)" (Kosik, 1988 apud Costa, 2000), mas acima de tudo, inserida indissoluvelmente em uma totalidade histórico-social.

Para o materialismo histórico, a evolução da linguagem, inclusive de seus níveis de totalidades parciais de caráter objetivado (fonologia, morfologia etc.), se dá através de uma conjugação dialética de um movimento interno, que provém de seus próprios fatos e fenômenos, com um movimento externo, que os envolve no devir universal (Lefebvre, 1987 apud Costa, 2000). O movimento histórico da linguagem ou da língua não é uma sucessão contínua de fatos no tempo, nem uma sucessão mecânica de causas e efeitos. O materialismo histórico, diferentemente das outras formas de estudo, postula que a história da linguagem, assim como a história em geral, é um movimento resultante do trabalho (lingüístico) dos homens (práxis) em seus diversos estágios de organização social. A imbricação trabalho e linguagem se dá justamente na interação:

> "A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes." (Bakhtin, 1988, p.124)
> "a língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal dos locutores" (idem p.127).

Observa-se que, enquanto imersa em um contexto sócio-histórico, a linguagem evolui em estreita relação (dialética, e não mecânica) com as relações sociais, como destaca Bakhtin:

> "(...) as relações sociais evoluem (em função das infra-estruturas), depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em conseqüência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua." (p.127)

Enfatizando aqui que o que é considerado histórico não está relacionado com a diacronia dos estudos lingüísticos, do modo como pensavam os lingüistas históricos. Estes lingüistas dotavam a forma lingüística de uma substância própria, tornavam-na um elemento isolável, capaz de assumir uma existência histórica separada, independente, isolada tanto do contexto social de produção, quanto do "sistema da língua", transformada numa coisa situada fora do domínio da ideologia, fazendo parte do mundo dos objetos técnicos. Referimos aqui da história da cultura humana, a história da criação do homem, da capacidade humana de transformar a natureza e transcender-se.

> "Como descreve Vossler: 'Pode-se comparar grosseiramente a história da língua (...) com a história do vestuário: essa última não é um reflexo da concepção de mundo ou do gosto de uma época; ela fornece-nos listas cronológica e geograficamente ordenadas de botões, alfinetes, chapéus e fitas. (...)" (Bakhtin, 1988, p.106).

Muitos outros autores marxistas tematizaram a questão linguagem, principalmente relacionada com a ideologia. Se alguns não foram citados ou não tiveram grande destaque, é que nosso objetivo se limitou a mostrar, de forma mais geral, o quadro teórico no qual autores representativos abordam a linguagem. Neste estudo da linguagem procuramos marcar a diferença radical entre a concepção marxista e as teorias lingüísticas de orientação positivista. Buscamos os referenciais e norte para nossos propósitos aqui, mostrar a imbricação entre linguagem e trabalho, que não foi bem explorada pela teoria marxista.

3- CONSCIÊNCIA, ATIVIDADE E LINGUAGEM

3.1- A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HUMANA

Diferente dos outros seres vivos, o homem recebe, além da herança biológica, uma herança sócio-histórica. Geração após geração, o homem foi construindo formas de transformar a natureza, foi ator e autor de seu processo de vida, gerando idéias e concomitantemente sendo influenciado por outras idéias formuladas por outras pessoas com quem convive.

Durkheim (1983) anunciava, em As Regras do Método Sociológico, que "O homem não pode viver entre as coisas sem formular idéias a respeito delas, e regula sua conduta de acordo com tais idéias". Postulando crenças diametralmente opostas à Durkheim, Marx e Engels (2006) afirmavam que as ações dos homens é que produzem a sua consciência que, então, elabora um conjunto de idéias para justificar seu comportamento. Diziam eles: "não é a consciência que determina a existência, mas, sim, a existência que determina a consciência". (p.52).

Seja pelo positivismo de Durkheim, com sua visão baseada apenas na racionalidade, ou pelo materialismo histórico de Marx e Engels, o certo é que há uma concordância entre eles, que os homens vivem em relações sociais, são influenciados pelo meio onde atuam e têm o poder de exercer influências neste mesmo meio, transformando-o.

Para Marx e Engels (2006), há uma relação íntima entre consciência, pensamento e linguagem, que, por seu turno, têm sua existência determinada pela realidade social dos homens. Para estes autores, o desenvolvimento universal do gênero

humano não pode ser apreendido de forma subjetiva. A emancipação-libertação real do ser humano somente é possível no mundo real através de meios reais.

> "A produção de idéias, de representações e da consciência está, no princípio, diretamente vinculada à atividade material e o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio espiritual entre os homens, aparecem aqui como a emanação direta de seu comportamento material. (...) A consciência nunca pode ser outra coisa que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real. E se, em toda ideologia, a humanidade e suas relações aparecem de ponta cabeça, como ocorre na câmara escura, tal fenômeno resulta de seu processo histórico de vida, da mesma maneira pela qual a inversão dos objetos na retina decorre de seu processo de vida diretamente físico." (Marx e Engels, 2006, p.51)

A concepção de linguagem de Marx e Engels é inseparável de sua concepção materialista da história. Para eles, duas condições são fundamentais para o desenvolvimento histórico dos homens: a produção material de sua própria vida no trabalho e a produção da vida alheia pela procriação. Eles defendem que para existir o homem precisa, junto com outros homens, produzir os meios de satisfação de suas necessidades primárias (comer, beber, ter habitação, vestir-se etc.) e secundárias (novas necessidades produzidas pela satisfação das primeiras). Além disso, ele precisa renovar sua vida através da procriação: criar famílias.

> "(...) A linguagem é tão antiga como a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe também para os outros homens e que, assim existe igualmente para mim; e a linguagem surge como a consciência da incompletude, da necessidade dos intercâmbios com outros homens. [A relação que tenho com o que me rodeia é a minha consciência.[4]] (...) A consciência, consequentemente, desde o seu início é um produto social, e o continuará sendo enquanto existirem os homens..."(Marx e Engels, 2006, p.56)

Para estes autores, há entre a consciência e a linguagem uma relação dialética. O que significa que a linguagem não é a consciência (e vice-versa), uma não se reduz a

[4] Trecho suprimido no manuscrito dos autores.

outra. Porém, as duas se implicam mutuamente, não podem ser pensadas uma sem a outra. Daí que a linguagem, assim como a consciência, é de natureza essencialmente social, "existe para os outros homens e, portanto, existe também para mim mesmo", pois nasce da necessidade de interação (trabalho, comércio, intercâmbio) entre os homens.

A consciência é um reflexo psíquico da realidade, é a forma especificamente humana do reflexo da realidade objetiva. Ela abre ao homem um quadro do mundo em que ele mesmo está inserido e pode se auto observar. A consciência refere-se à possibilidade humana de compreender o mundo social e individual.

Influenciado pelo pensamento de Marx e Engels, o psicólogo soviético Aléxis Leontiev (1978) também vê o trabalho como um processo de ação do homem sobre a natureza. Para Leontiev, é graças ao trabalho, entendido como "emprego de energia humana para a transformação intencional da natureza", que os homens se põem nos objetos, humanizando-os.

> "Pela sua atividade, os homens não fazem, senão, adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento das suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção desses objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte." (Leontiev, 1978, p. 265)

Todos os objetos que estão no nosso mundo material ou intelectual são frutos da intervenção do homem. Assim, se estabelece esta mútua determinação: o homem, por meio de sua atividade sobre o mundo material, humaniza o mundo, e ao mesmo tempo em que atua e trabalha, suas aptidões e conhecimentos vão se cristalizando, "corporificando-se" de certa maneira, nos seus produtos.

Para Leontiev (1978), o psiquismo humano, com suas faculdades e aptidões, estrutura-se a partir da atividade humana, isto é, das apropriações sócio-históricas da cultura humana e que, portanto, a estrutura da consciência humana é diretamente condicionada pela estrutura da atividade social. Assim, tanto a atividade humana material quanto a atividade mental intelectual são mediadas por instrumentos sociais.

Fundamentado nas idéias de Marx, Vygotski concluiu que as origens das formas superiores de comportamento consciente deveriam ser achadas nas relações sociais que o indivíduo mantém com o mundo exterior. Considera que o homem não é apenas um produto do seu ambiente, mas é também um agente ativo no processo de criação deste meio.

Segundo Luria (2001), Vygotski gostava de chamar esse modo de estudo de psicologia "instrumental", "cultural" e "histórica". Cada termo reflete um traço diferente da nova maneira de estudar a psicologia proposta por ele. Cada qual destaca fontes diferentes do mecanismo geral pelo qual a sociedade e a história social moldam a estrutura daquelas formas que distinguem o homem dos animais. O "Instrumental" refere-se à natureza basicamente mediadora de todas as funções psicológicas complexas. Diferentemente dos reflexos básicos, os quais podem caracterizar-se por um processo de estímulo-resposta, as funções superiores incorporam os estímulos auxiliares, que são tipicamente produzidos pela própria pessoa. O adulto não apenas responde aos estímulos apresentados pelo meio, ele altera ativamente estes estímulos e usa suas modificações como instrumento de seu comportamento. Exemplifica com um costume popular de amarrar um barbante no dedo para lembrar-se de algo de forma mais eficaz.

O aspecto "cultural" da teoria de Vygotski envolve os meios socialmente estruturados pelos quais a sociedade organiza os tipos de tarefas que a criança em

crescimento enfrenta, e os tipos de instrumentos básicos inventados, tanto mentais como físicos, de que uma criança pequena dispõe para dominar aquelas tarefa. Sendo a linguagem um dos instrumentos básicos inventados pela humanidade, a ênfase dada por Vygotski foi no papel da linguagem na organização e desenvolvimento dos processos de pensamento.

Já o elemento "histórico" funde-se com o cultural. Os instrumentos que o homem usa para dominar seu ambiente e seu próprio comportamento não surgiram plenamente desenvolvidos pela cabeça de Deus. Foram inventados e aperfeiçoados ao longo da história social do homem. A linguagem carrega consigo os conceitos generalizados, que são a fonte do conhecimento humano. Instrumentos culturais especiais, como a escrita e a aritmética, expandem enormemente os poderes do homem, tornando a sabedoria do passado analisável no presente e passível de aperfeiçoamento no futuro. (Luria, 2001, p. 26)

Vygotski defende que estes processos são interpsíquicos, isto é, eles são partilhados entre as pessoas. Foi através da interiorização dos meios de operação das informações, meios estes historicamente determinados e culturalmente organizados, que a natureza social das pessoas tornou-se igualmente sua natureza psicológica. Para este autor, é no significado das palavras que se encontra a unidade das duas funções básicas da linguagem: o intercâmbio social e o pensamento generalizante. São os significados que vão propiciar a mediação simbólica entre o indivíduo e o mundo real, constituindo-se no "filtro" através do qual o indivíduo é capaz de compreender o mundo e agir sobre ele.

Vygotski (1994) e Leontiev (1978) destacam a centralidade da categoria mediação (homem-natureza), pelo trabalho e a linguagem, sendo estes os elementos fundantes do ser humano e da sociedade. Vygotski destaca que existem dois tipos

principais de mediadores: os instrumentos e os signos. O instrumento seria o meio que o homem utiliza para transformar a natureza. Estes instrumentos condensariam material e culturalmente as operações sobre a natureza, visando aprimorar e otimizar o trabalho humano. Os signos, embora análogos aos instrumentos, são um tipo de mediação especial. Sua função essencial é dirigir, controlar a atividade interna do homem.

Shuare (1990 apud Asbahr, 2005) sintetiza as semelhanças e diferenças dos instrumentos e signos:

> "A diferença fundamental é que o instrumento está dirigido a provocar uma ou outra modificação no objeto da atividade, é o meio da atividade externa do homem destinada a conquistar a natureza. O signo não modifica nada no objeto da ação psicológica; é o meio da ação psicológica sobre o comportamento, está dirigido internamente. Por último, ambos estão unidos na filo- e na ontogênese. O domínio da natureza e o domínio de si mesmo estão mutuamente unidos, enquanto a transformação da natureza modifica a própria natureza do homem. Assim como o emprego de instrumentos marca o início do gênero humano, na ontogênese o primeiro signo assinala que o sujeito saiu dos limites do sistema orgânico da atividade"(p. 64)

Os signos são organizados em sistemas simbólicos, dos quais o mais importante seria a linguagem. Para Vygotski (1994), a linguagem é o sistema de signos mediatizador das funções psíquicas, pois seria através dela que os indivíduos organizariam, transmitiriam e apropriar-se-iam das experiências individuais e coletivas. Ele defende que todas funções psíquicas superiores, como a linguagem, são primeiramente sociais, estas seriam o resultado da interação entre as pessoas (crianças com os adultos ou com as crianças mais velhas), para depois serem interiorizadas, como resultado da ação do próprio indivíduo, transformando-se em um instrumento regulador do comportamento. Para este autor, um homem influencia outro através da linguagem, ou seja, no plano das relações sociais e humanas, a linguagem torna-se responsável pela mediação social de comunicação e interação.

Vygotski denomina de internalização (ou interiorização) aos processos externos (sociais) que são reconstruídos internamente. Para ele, o processo de internalização não consiste na simples passagem do mundo externo para o mundo interno, mas implica na transformação estrutural da relação do homem com o mundo, redunda na constituição das funções psicológicas superiores, sendo o salto qualitativo que o psiquismo do homem dá em relação ao animal.

Vygotski e Luria (2001), apesar de possuírem os mesmos estilos de pesquisa e compatíveis métodos clínicos no estudo do processo cognitivo individual, tiveram um desacordo fundamental com Piaget (na obra A Linguagem e o Pensamento da Criança). Embora Piaget tivesse lhes impressionado com os estudos sobre as relações da linguagem e pensamento na criança pequena, discordaram fundamentalmente da idéia de que a fala inicial da criança não representa um papel importante no pensamento.

Para Vygotski, as fases no desenvolvimento das relações fala-pensamento eram as seguintes. Inicialmente, os aspectos motores e verbais do comportamento estão misturados. A fala envolve os elementos referenciais, a conversação orientada pelo objeto, as expressões emocionais e outros tipos de fala social. "Em virtude de a criança estar cercada pelos membros mais velhos da família, a fala começa, cada vez mais, a adquirir traços demonstrativos, o que permite que a criança indique o que está fazendo e quais são as suas necessidades. Após algum tempo, a criança, fazendo distinções para os outros com o auxílio da fala, começa, internamente, a fazer distinções para si mesma. Desta forma, a fala deixa de ser apenas um meio para dirigir o comportamento dos outros e começa a desempenhar a função de autodireção." (Luria, 2001, p. 30). Nos primeiros estágios (do desenvolvimento da criança) as palavras designam um complexo total de referentes, incluindo não apenas o objeto nomeado, mas também os sentimentos da criança em face do objeto. Em seguida, as palavras referem-se a objetos e seus

contextos concretos, e só mais tarde começam a se referir às categorias abstratas. Vygotski destacou a maneira pela qual a fala servia como um instrumento para organizar o comportamento, tanto do próprio indivíduo, quanto da vida coletiva.

3.2- A APROPRIAÇÃO DO MUNDO

Uma questão fundamental para Leontiev (1978) era compreender a consciência como produto subjetivo, como forma transfigurada de manifestação das relações sociais por sua natureza, que são realizadas pela atividade do homem no mundo objetivo. De acordo com sua teoria, a atividade, entrando em contato com a realidade objetiva, subordina-se a ela, se transforma, se enriquece e se cristaliza no produto.

É por meio do processo denominado "objetivação" que a atividade física ou mental dos seres humanos transfere-se para os produtos da atividade. Aquilo que antes eram faculdades dos seres humanos se torna, depois do processo de objetivação, características por assim dizer corporificadas no produto dessa atividade, o qual, por sua vez, passa a ter uma função específica no interior da prática social.

Um objeto cultural, seja ele um objeto material, como, por exemplo, um utensílio doméstico, ou seja ele um objeto não material, como uma palavra, ambos têm uma função social, de um significado socialmente estabelecido, e por isso devem ser empregados de uma determinada maneira (o fato de que o objeto cultural tenha, muitas vezes, mais de uma função não altera a regra de que sua existência está necessariamente ligada à prática social). O processo de objetivação é, portanto, o processo de produção e reprodução da cultura humana (cultura material e não-material), da produção e reprodução da vida em sociedade.

Cada pessoa, ao nascer, encontra um "mundo de objetos e de fenômenos criado pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas desse mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo." (Leontiev, 1978, p. 266)

Para Leontiev (1978), o psiquismo humano estrutura-se a partir da atividade social e histórica dos indivíduos, ou seja, pela apropriação da cultura humana material e simbólica, que foi produzida e acumulada objetivamente ao longo da história da humanidade. Na abordagem de Leontiev, os homens são os criadores de suas criaturas, eles constroem o mundo material, que cristaliza-se através dos objetos do trabalho humano. As habilidades são desenvolvidas com a própria ação sobre o mundo e são eles que, ao atuarem novamente sobre o mundo para transformá-lo, internalizam as habilidades ali deixadas pelas gerações precedentes.

Na medida em que um instrumento como uma serra é inventado, o movimento de serrar é determinado pelo objeto. A força, a envergadura, a habilidade de serrar é determinada pelo uso da serra, e quando a utilização deste objeto for ensinada a outra pessoa, o uso do instrumento mantém a presença do criador, a cada vez que a serra é utilizada seu criador comparece perante todos os outros homens, imortalizado no instrumento. Assim, o indivíduo ao fazer o uso de qualquer instrumento estará deixando, para novas gerações, novas habilidades cristalizadas, corporificadas também, em outros novos instrumentos, pois a partir desta serra é possível a criação de outras menores ou mais finas, criadas e adequadas a cada tipo de necessidade. E é desta forma que o homem vai se transcendendo, a serra ao mesmo tempo em que imortaliza o meu gesto, recria o gesto do outro, ela re-apresenta ao Homem individual a História da Humanidade, conformando e inserindo o indivíduo à sua própria espécie. A serra

aperfeiçoada pelo meu sucessor transforma o individual em genérico, a evolução do gesto traz em si a revolução da humanidade. Para Codo (1999), através do instrumento de trabalho o homem transforma a história dos homens e é transformado por ela. “O uso de meios de trabalho realiza a volta completa, promove a consciência do qual é produto, e produz a consciência que promove.” (p. 53)

Um ponto destacado por Leontiev (1978) é que a apropriação dos instrumentos implica necessariamente em uma reorganização dos movimentos naturais instintivos do homem e a formação de faculdades motoras superiores. Ou seja, o ato de serrar é criado pela ação, não é um gesto instintivo, é aprendido com a utilização da ferramenta, e como tal, além da reorganização física, exige, por sua vez, a adaptação de outras habilidades que o garanta como: a atenção e a concentração. Outro ponto importante destacado por Codo (1999) é que os instrumentos são produtores e produtos da abstração, o uso do instrumento estabelece conceitos pela interação, ou seja, o conceito de duro é reflexo de uma interação entre dois objetos de densidades diferentes. Ao usar a serra para serrar a madeira, o homem interage com os dois elementos e com a relação entre eles, a mediação do gesto realizado pelo instrumento informa uma dimensão do real e instrumentaliza (mentalmente) o homem com novas possibilidades de interpretação do mundo.

Como já dito anteriormente, os homens criam novas formas de satisfazer suas necessidades, e estas, por sua vez, produzem outras necessidades. Um exemplo seria a atividade de escrever, inventada pelo homem em um processo de milhares de anos. Além do treino das atividades motoras, a habilidade de escrever exigiu a criação de vários outros recursos, corporificando-se no pincel, no lápis, na caneta, na máquina de escrever. Todos estes objetos concentram em si a habilidade criada, carregam nossos movimentos em suas formas, transferem as nossas habilidades cristalizadas.

O que aconteceu com linguagem foi idêntico e concomitante ao processo que aconteceu com os objetos materiais. O uso da linguagem que determinou a sua própria criação, as línguas são flexíveis e alteram-se seguindo a necessidade de comunicação do grupo e da sociedade. Aprendemos a utilizar a linguagem. Ao nascermos em uma dada comunidade, quando crianças nos comunicamos com nossos familiares, aprendemos inicialmente baseados nas construções familiares da linguagem, na qual cada família faz uso de um vocabulário, às vezes com apelidos para determinados objetos, que foram renomeados de acordo com a capacidade da própria criança para expressar aquele som. Na medida em que a criança vai adquirindo o domínio dos fonemas de sua língua materna, ela melhora seu manejo das palavras. O uso da língua vai exercitando a utilização e criação dos veículos de comunicação e linguagem. Neste dinâmico processo de objetivação e subjetivação da linguagem, o homem vai cristalizando a habilidade do pensamento. O pensamento dar-se-ia a partir de determinadas operações que estão objetivadas na linguagem, nos conhecimentos humanos, nos objetos, que estariam sintetizados nas objetivações genéricas das quais os indivíduos se apropriariam no processo de formação.

Afirma Leontiev (1978) que o pensamento humano é considerado como sendo sempre e essencialmente social, pois se apóia em conceitos, generalizações e operações lógicas socialmente estabelecidas. Para ele, o processo de apropriação seria sempre mediatizado pelas relações entre os seres humanos, um processo interpessoal, no qual há uma transmissão da experiência social. Nesta interação social o indivíduo forma-se, por meio da relação de espelhamentos, entre objetivação e apropriação dos resultados da história social. Ou seja, as aquisições do desenvolvimento histórico do homem estão apenas postas no mundo, mas para que cada nova criança possa apropriar-se das

conquistas humanas, não basta estar no mundo, é necessário entrar em contato com os fenômenos do mundo pela mediação dos outros homens, num processo de comunicação.

3.3- O FABRICO DOS INSTRUMENTOS E A ATIVIDADE COLETIVA

Leontiev (1978) destaca que, quando os animais se relacionam com o ambiente que os circundam, é apenas para a satisfação das suas necessidades. Defende este autor que os animais se adaptam ao meio para sobreviverem, e, para tanto, utilizam apenas o seu conjunto de faculdades herdadas da espécie. O animal morde a natureza e se apropria dela, ele a usa, mas não a transforma, como por exemplo, um macaco faminto que pode valer-se de qualquer pedaço de madeira para derrubar uma fruta, ou para retirar cupins de um cupinzeiro. Esse macaco, após conseguir o alimento, jogará o objeto fora, e esta madeira volta a fazer parte do meio, retorna para a natureza no seu formato original, sem nenhuma transformação. Para este animal, o pedaço de madeira foi usado como instrumento, mas não foi criado como instrumento.

> "Para o animal, todo objeto da realidade circundante é sempre inseparável das suas necessidades instintivas, compreende-se que a própria relação do animal com o objeto jamais possa existir enquanto tal, independente do objeto. Quando o homem entra em relação com uma coisa, ele distingue, por um lado, o objeto da sua relação, por outro a própria relação. Esta distinção falta no animal. O animal – diz Marx – não esta em relação com nada, não conhece em suma qualquer relação." (Leontiev, 1978, p.68)

Leontiev ressalta que, por mais complexa que seja a atividade 'instrumental' dos animais, esta jamais terá o caráter de um processo social. Sua atividade não é realizada coletivamente e tão pouco é determinada pelas relações de comunicação entre os seres que a efetuam, pois a comunicação entre os membros de uma associação animal é

instintiva, apenas para a satisfação da sua necessidade biológica. Diferentemente, a atividade humana vai muito além da satisfação imediata das suas necessidades. O homem produz as formas de satisfazer suas necessidades.

Para Leontiev (1978), o trabalho é antes de tudo caracterizado por dois elementos interdependentes. Um deles é o uso e o fabrico de instrumentos. "O trabalho, diz Engels (apud Leontiev, 1978), começa com a fabricação de instrumentos." E o segundo é que o trabalho se efetua em condições de atividade comum coletiva, de modo que o homem, no seio deste processo, não entra apenas numa relação determinada com a natureza, mas é também com e pelos outros homens que o homem estabelece sua relação com a natureza. Assim, para o autor, o trabalho é, desde a origem, mediatizado simultaneamente pelo instrumento (em sentido lato) e pela sociedade.

O instrumento de trabalho tem um caráter mediador na medida em que funciona concretamente como extensão do homem, ampliando e precisando o gesto. O instrumento é também mediador na medida em que pressupõe uma ação não realizada, ou seja, um projeto. Segundo Codo (1999), o instrumento transforma através do trabalho a reflexão em ação materializada e transcende, imortalizando o ato do homem objetivado. Neste sentido, os meios de trabalho exercem a mediação entre a reflexão e a História.

Um instrumento é, num determinado sentido, um resultado imediato da atividade de quem o produziu. Ele contém o trabalho objetivado da pessoa ou das pessoas que participaram de sua produção. Mas ele é também atividade humana objetivada, como resultado da história de "gerações" de instrumentos do mesmo tipo. Durante essa história, o instrumento vai sofrendo transformações e aperfeiçoamentos por exigência da atividade social. Portanto os produtos culturais resultantes do processo de objetivação são sempre sínteses da atividade humana.

O trabalho humano é uma atividade originalmente social, assentado na cooperação entre indivíduos, ele supõe uma divisão técnica das funções do trabalho. Para explicar a estrutura da atividade humana, Leontiev (1978) dá o exemplo da atividade coletiva de caça: Um grupo de primitivos seres humanos famintos buscam alimento na natureza, estes ancestrais transformam um pedaço de madeira em um objeto para abater algum animal, o animal abatido será a presa que satisfará a necessidade de alimento do grupo. Nesta situação a necessidade de alimento é o ponto de partida, e a saciação da fome do grupo o ponto de chegada.

3.4- ATIVIDADE E AÇÃO

Um ponto importante para Leontiev (1978) é a diferenciação entre atividade e ação. Continuando com o exemplo, a atividade coletiva de caça: Essa atividade de caça seria composta de várias ações realizadas por diferentes indivíduos integrantes do grupo. Uma das ações seria a de produzir instrumentos para usar na caçada. Outra ação seria a de acender e preservar o fogo, que seria usado para assar a carne do animal.

No momento da caçada propriamente dita, o grupo de caçadores precisaria se dividir em dois: O primeiro grupo, constituído pela maioria dos caçadores, ficaria à espreita, num lugar previamente estabelecido, no qual seria a melhor posição de encurralar e abater o animal, posição estratégica que diminuiria a chance do animal escapar. A outra parte do grupo teria outra responsabilidade: a função de espantar o animal. Este grupo seria composto por apenas um ou dois integrantes do grupo, que Leontiev chama de batedores. O batedor (ou batedores) não precisaria, inclusive, estar munido de instrumentos de caça, ele espantaria o animal com as mãos, com gritos ou simplesmente correndo, e o animal, ao fugir dos batedores, correria para onde estavam

posicionados os demais integrantes do grupo, que por sua vez se encarregariam de encurralar e abater a caça.

Espantar o animal é a ação do batedor. Se nós víssemos apenas essa ação, pela qual o indivíduo espanta o animal, e tivéssemos conhecimento apenas de que a necessidade (o motivo) que leva o batedor a agir é a fome, a ação de espantar o animal para longe de si, seria uma conduta, por nós interpretada, como desprovida de sentido, sendo o oposto do que seria esperado. Contudo, para Leontiev, o que dá sentido à atividade do batedor, o que conecta a sua ação com o motivo dessa ação, é a relação social existente entre ele e o restante do grupo ou, em melhor, o conjunto da atividade social. Para este autor, é somente como parte do conjunto que a ação individual adquire um sentido racional.

Para Leontiev, uma ação é, portanto, um processo no qual não há uma relação direta entre o motivo e o conteúdo (ou objeto) dessa ação. A ação só existe como integrante de um todo maior que é a atividade. Sendo este conjunto de ações compositores da atividade que, por sua vez, está engendrada na própria relação social. As situações na qual não há distinção entre ação e atividade são aquelas que a atividade é composta de uma única ação, como no caso do indivíduo que produz fogo para se aquecer, ou faz um copo para beber água e saciar sua sede.

3.5- O SIGNIFICADO DA AÇÃO

Na grande maioria das situações, a atividade humana é constituída por um complexo conjunto de ações. Essa relação mediatizada, indireta, entre a ação e o motivo da atividade como um todo precisa ser devidamente traduzida no âmbito subjetivo, ou seja, na consciência dos indivíduos. Na mente humana há, portanto, uma relação

indireta, mediatizada, entre o conteúdo da ação e o motivo desta. Ao conteúdo da ação, àquilo que constitui seu objeto, vincula-se o "significado da ação", aquilo que o sujeito faz. Para Leontiev, o sentido da ação é dado por aquilo que liga, na consciência do sujeito, o objeto de sua ação (seu conteúdo) ao motivo dessa ação.

No exemplo acima, na subjetividade do batedor, o sentido de sua ação é estabelecido pela elaboração mental das conexões objetivamente existentes entre ele e o restante do grupo. Somente as relações sociais podem produzir tal sentido na mente do batedor. Trata-se, portanto, de um fenômeno essencialmente social.

> "A significação é aquilo que num objeto ou fenômeno se descobre objetivamente num sistema de ligações, de interações e de relações objetivas. A significação é refletida e fixada na linguagem, o que lhe confere a sua estabilidade. Sob a forma de significações lingüísticas constitui o conteúdo da consciência social; entrando no conteúdo da consciência social, torna-se assim a 'consciência real' dos indivíduos objetivando assim o sentido subjetivo que o refletido tem para eles.(...) A significação é a generalização da realidade que é cristalizada e fixada num vetor sensível, ordinariamente a palavra ou a locução.(...) A significação existe também como fato da consciência individual, o homem que percebe e pensa o mundo enquanto ser sócio-histórico, está ao mesmo tempo armado e limitado pelas representações e conhecimentos da sua época e da sua sociedade.(...) A significação é, portanto, a forma sob a qual um homem assimila a experiência humana generalizada e refletida." (Leontiev, 1978, p. 100-1)

O ser humano, pela atividade de trabalho e pela linguagem, torna-se um ser consciente, e põe significado a suas práticas sociais. A atividade humana, desde seus primórdios, tem sido sempre uma atividade que envolve relações objetivas e subjetivas entre o indivíduo e o restante da coletividade da qual ele é parte.

Este processo é dialético na medida em que o trabalho e a linguagem, além de produzir seres que se relacionam com o mundo, geram instrumentos e signos que produzem conhecimentos e conceitos que se universalizam a partir desta relações. A evolução do ser humano e a evolução do trabalho vão produzindo novas formas de

significação, assimiladas e refletidas pela linguagem, que passa a ser a portadora da universalização do conhecimento humano.

3.6 - O SENTIDO DA CONSCIÊNCIA

É novamente a Leontiev que retomaremos para entendermos o sentido da consciência humana.

> "A significação é o reflexo da realidade independentemente da relação individual ou pessoal do homem a esta. O homem encontra um sistema de significação pronto, elaborado historicamente, e apropria-se dele tal como se apropria de um instrumento, esse precursor material da significação. O fato propriamente psicológico, o fato da minha vida, é que eu me aproprie ou não, que eu assimile ou não uma dada significação, em que grau eu a assimilo e também o que ela se torna para mim, para a minha personalidade; este último elemento depende do sentido subjetivo e pessoal que esta significação tenha para mim." (Leontiev, 1978, p. 102)

Para ele, o estudo genético, histórico da consciência comporta toda uma outra *démarche*, e esta parte da análise dos fenômenos da vida, característicos da interação real que existe entre o sujeito real e o mundo que o cerca, em toda a objetividade e independentemente das suas relações, ligações e propriedades.

Leontiev considera o sentido uma relação que se cria na vida, na atividade do sujeito. O sentido consciente traduz a relação do motivo ao fim, ou seja, para encontrar o sentido pessoal devemos descobrir o motivo que lhe corresponde.

> "Todo o sentido é sentido de qualquer coisa. Não há sentidos 'puros'. Razão por que, subjetivamente, o sentido faz de certa maneira parte integrante do conteúdo da consciência e parece entrar na significação objetiva. Foi este fato que engendrou na psicologia e na lingüística psicologizante um grave mal-entendido que se traduz, quer por uma total indiferenciação destes conceitos, quer pelo fato do sentido ser considerado como a significação em função do contexto ou da situação. Na verdade, se bem que o sentido ('sentido pessoal') e a significação

> pareçam, na introspecção, fundidos com a consciência, devemos distinguir esses dois conceitos. Eles são intrinsecamente ligados um ao outro, mas apenas por uma relação inversa assinalada precedentemente; ou seja, é o sentido que se exprime nas significações (como o motivo nos fins) e não a significação no sentido." (Leontiev, 1978, p. 104)

Podemos ter a consciência perfeita de um determinado acontecimento histórico, compreender a significação do evento, mas este pode não ter nenhum sentido para mim, ou, em contra partida, este determinado acontecimento pode ter não apenas um, mas vários sentidos para mim. Como, por exemplo, a segunda guerra mundial por mais importante historicamente que eu a reconheça, ela sempre terá um sentido maior para os judeus e seus descendentes. Ou o atentado terrorista do dia 11 de setembro, que assume o sentido de grande perda, pode ter sido o dia do falecimento de um ente querido, e ao mesmo tempo o sentido de vulnerabilidade e de desforra de países que se sentem oprimidos.

Quando se distingue sentido pessoal e significação propriamente dita, é indispensável sublinhar que esta definição não concerne na totalidade do conteúdo refletido, mas unicamente àquilo a que está orientada a atividade do sujeito. O sentido pessoal traduz precisamente a relação do sujeito com os fenômenos objetivos conscientizados.

Para Leontiev (1978), o conteúdo sensível (sensações, imagens de percepção, representações) é o que cria a base e as condições de toda a consciência. Com o desenvolvimento da consciência, há o alargamento do domínio do consciente e a complexificação das operações de trabalho.

Nas comunidades primitivas, a consciência humana refletia a relação do homem com a natureza e com os outros homens. Nesta estrutura interna elementar, o sentido dos fenômenos reais coincidiam totalmente com as significações elaboradas socialmente, e era através da linguagem que estes fenômenos chegavam à consciência.

Para eles o produto do trabalho coletivo tinha um sentido comum de 'bem', era um sentido social objetivo na vida da comunidade e o mesmo sentido subjetivo para cada um dos seus membros.

A decomposição desta formação mais primitiva da consciência foi preparada no próprio seio da comunidade primitiva. Pelo alargamento da esfera dos fenômenos conscientes, e pela conseqüente necessidade de novas formas de expressão, para compensar a defasagem entre a riqueza do consciente e da relativa pobreza da linguagem.

Como conseqüência da transformação da consciência ocorreram também modificações na relação existente entre o plano dos sentidos e o plano das significações, ou seja, houve uma mudança na formação de processos psíquicos propriamente internos. Com este desenvolvimento, a comunicação verbal começou a ter um fim especial: a comunicação de um certo conteúdo, que respeitasse o planejamento, a organização e a direção de uma atividade, e não mais apenas realização prática desta atividade. "É esta 'fase preparatória' da atividade prática de trabalho que constitui o seu aspecto teórico." (Leontiev, 1978, p. 123)

A separação da função teórica, cognitiva, da palavra e a sua função de comunicação propriamente dita, constitui um novo passo. Tem por preliminar o isolamento da função de organização da produção e da troca da função da ação. Este fato confere à palavra a sua motivação independente, assim ela começa a se transformar em atividade relativamente autônoma.

> "Graças ao desenvolvimento da divisão do trabalho e de uma certa individualização da atividade intelectual, as ações verbais não asseguram unicamente a comunicação, mas orientam igualmente para fins teóricos, o que torna a sua forma exterior facultativa e mesmo supérflua, razão por que elas revestem posteriormente o caráter de processos puramente interior". (Leontiev, 1978, p.123)

Observa-se assim que, quando a consciência humana alarga-se, as significações lingüísticas que foram criadas na atividade coletiva de trabalho passam a refletir não apenas as relações dos homens com a natureza, mas também as relações dos homens entre si.

A consciência passa a manifestar-se como puramente cognitiva, apoiando-se em processos de pensamento verbal, nas representações gráficas das palavras, nas fórmulas matemáticas ou físicas, etc. Neste desenvolvimento das formas de vida humana, os processos não transformam imediatamente o mundo material, mas transformam-se no seu produto apenas teórico, independentemente da sua forma concreta exterior.

Assim, o homem produz produtos idealizados (teóricos) que se transformam nos objetos que satisfazem suas necessidades práticas: alimento, vestuário, alojamento etc. As relações sociais são estabelecidas e estariam ligadas a sua atividade idealizada mentalmente (teórica) e à sua atividade material que incumbem aos outros homens.

Para Leontiev (1978), quando o trabalho intelectual está ligado ao trabalho físico (a atividade espiritual com a atividade material) o homem se reconhece, seu trabalho intelectual marca o físico e ele percebe a comunidade das suas estruturas e as leis psicológicas das duas atividades.

> "A análise psicológica mostra que a atividade interior teórica possui a mesma estrutura que a atividade prática. Por conseqüência, devemos, também no pensamento, distinguir entre a atividade propriamente dita, as ações e as operações e as funções cerebrais que as possibilitam." (Leontiev, 1978, p. 126)

Para este autor, a primeira transformação da consciência - engendrada pelo desenvolvimento da divisão social do trabalho - constituiu no isolamento da atividade intelectual teórica. E a segunda transformação da consciência - a mudança de estrutura interna - provocou a separação do homem com os meios de produção e das relações

entre os homens, as relações dos homens com os meios e com os outros transformaram-se em puras relações entre as coisas, que se separaram (se alienam) do próprio homem.

Estas transformações da consciência levaram a separação do sentido e da significação. A dualidade do sentido e da significação, paradoxalmente, acarretaram no homem a busca desta unificação (não fusão), o encontro do que Leontiev chamou de "sentido pessoal".

> "O fato do sentido e as significações serem estranhas uma as outras é dissimulado ao homem na sua consciência, não existe para sua introspecção. Revela-se-lhe todavia, mas sob a forma de processo de luta interior aquilo a que se chama correntemente as contradições da consciência, ou melhor, os problemas de consciência. São eles os processos de tomada de consciência do sentido da realidade, os processos de estabelecimento do sentido pessoal nas significações." (Leontiev, 1978, p. 136)

O aumento da complexidade da produção e a extensão consecutiva dos conhecimentos sobre a natureza acarretaram forçosamente o desenvolvimento da linguagem e na diferenciação das significações. O que inicialmente é refletido nas significações passa a ser refletido por intermédio das significações. Decorrente da evolução da língua, as palavras deixam de ser diretamente portadoras de conteúdo refletido: elas transformam-no diretamente. Uma ideologia expressa na língua se substitui por uma ideologia expressa pela língua.

Leontiev não enfatiza, mas leva a entender que, é através do sistema de idéias e de opiniões que são expressas pela linguagem, que o homem assimila e apropria-se da realidade. Sinaliza que o homem não está sozinho em face do problema da conscientização do seu meio circundante, da sua vida e de si mesmo. Pois a sua consciência individual só pode existir nas condições de uma consciência social; "é apropriando-se da realidade que o homem a reflete como através do prisma das significações. Assim, nas condições de uma língua desenvolvida e 'tecnicizada', o

homem não controla apenas o domínio da significações lingüísticas, o homem apropria-se do todo o sistema de idéias e de opiniões que elas exprimem. É sempre um processo dinâmico e histórico, que parte do entendimento de que cada sujeito infere sobre os fatos, os acontecimentos e cria significações sobre estes mesmos acontecimentos, reconstituindo de forma experimental o processo de construção do sentido.

Para o autor, na consciência individual, os significados se psicologizam, retornando à realidade do mundo que é percebida pelo homem. Outra circunstância decisiva que transforma os significados em uma categoria psicológica é que, ao funcionar no sistema da consciência individual, os significados não se realizam a si mesmos, e sim de acordo com o movimento do sentido pessoal encarnado neles, deste ser-para-si do sujeito concreto. O sentido pessoal é sempre o sentido de algo, um sentido "puro", imaterial, e portanto algo que só pode chegar ao externo através da expressão do próprio sujeito.

4- O HOMEM E O OUTRO

Conforme já analisamos o trabalho enquanto modo de produção de sua própria existência exigiu do homem a convivência em grupos, o desenvolvimento da linguagem e a divisão de trabalho. Um importante aspecto a ser destacado, na divisão do trabalho, é que esta se constitui em um processo dialético que une e separa os homens ao mesmo tempo. Como no exemplo da caçada, se a caça é grande ou perigosa, de tal forma que apenas um caçador não possa abatê-la sozinho, os outros caçadores se organizam e formam grupos diferentes para espantá-la e abatê-la. Esta divisão de trabalho tende, por uma questão de competência, a se cristalizar, o que implica que percepções, abstrações e consciências diferentes da realidade se estabeleçam em homens diferentes. Paradoxalmente, por outro lado é igualmente obrigatório que estes mesmos homens "separados" pelas ações diferentes se unam em outro plano, o plano do projeto e dos objetivos comuns da atividade. Assim, é preciso que os homens estejam ligados entre si pelo produto do seu trabalho (atividade objetiva) para que possam sobreviver. Pois a caça não seria abatida se cada homem não cedesse a seus instintos imediatos e comungasse do projeto do grupo. Esta dialética união-separação é fundamental para o processo de formação de consciência, assim como a relação homem-natureza e homem-homem.

Para Codo (1999), ao mesmo tempo em que a atividade eminentemente prática empurra o homem para o contato vis-à-vis a natureza, seu modo de ser social e histórico, portanto transcendente, o obriga a uma relação com o Outro que implica no seu “afastamento” da natureza. Ou seja, no momento em que o homem se apropria do meio e o transforma, acontece a dupla apropriação homem-natureza (transformar e ser transformado pela natureza) quando esta apropriação se funde tem como requisito a

dupla apropriação homem-homem (transformar e ser transformado pelo outro). A serra construída teve seu uso ensinado e aprendido por várias gerações. A sua forma de utilização, por sua vez, também transformou o outro que a usou, tanto nos movimentos físicos quanto nos processos mentais.

> "A construção de instrumentos imbricada com a linguagem permite que o engenho, a criatividade, a competência de um trabalhador em particular transcenda a si mesmo e passe a pertencer a toda a humanidade. (...) A minha atividade mediada pela atividade do outro pela via da linguagem e do instrumento de trabalho é exatamente o que permite que a atividade se reapresente a um sujeito particular em um reflexo da realidade concreta destacado das relações que existem entre ela e o sujeito, ou seja, um reflexo que distingue sujeito, um reflexo que distingue as propriedades objetivas estáveis da Realidade." (Codo, 1999, p.55)

Os instrumentos e os signos são a via de consciência do mundo e do social, do homem genérico, toda a história, toda a sociedade representada. Quanto mais tecnicamente se aperfeiçoam os instrumentos e os signos mais o meio ambiente natural do homem se torna humano.

4.1- A CONSTRUÇÃO DOS SIGNIFICADOS

A função primária da linguagem é a comunicação e o intercâmbio social, através do qual o homem representa o mundo que o cerca, e que lhe influenciará o pensamento e as ações no processo de desenvolvimento e de hominização.

A "comunicação" animal teria a bi-dimensionalidade: emissor – receptor, emitida apenas mediante a necessidade de satisfação de alguma necessidade biológica. Já a comunicação humana é tri-dimensional, pois nela há o significado.

Segundo o Dicionário Houaiss (2001):

> "A comunicação humana é um processo que envolve a transmissão e a

> recepção de mensagens entre uma fonte emissora e um destinatário receptor, no qual as informações, transmitidas por intermédio de recursos físicos (fala, audição, visão etc) ou de aparelhos e dispositivos técnicos, são codificados na fonte e decodificados no destino com o uso de sistemas convencionados de signos ou símbolos sonoros, escritos, icnográficos, gestuais etc." (p. 781)

Faz parte da comunicação humana a transmissão da mensagem, onde a mensagem deve ser decifrada ou interpretada, mas isto só é possível se houver o conhecimento do sistema de códigos comum. Qualquer transmissão será vazia de conteúdo se não existir um significado inerente ao processo condutivo dentro da comunidade na qual ela acontece.

> "A linguagem, como produto de uma coletividade, reproduz, através dos significados das palavras articuladas em frases, os conhecimentos – falsos ou verdadeiros – e os valores associados às práticas sociais que se cristalizaram; ou seja, a linguagem reproduz uma visão de mundo, produto das relações que se desenvolveram a partir do trabalho produtivo para a sobrevivência do grupo social." (Lane, 1999, p.32-3)

Consideraremos a partir daqui a palavra comunicação dentro de uma perspectiva de construção de signos e significados, onde somente o homem inventa novos signos ou modifica o significado dos antigos de acordo com a necessidade.

> "Uma das máximas relativas ao ser humano diz que todos os homens – não importa de que tempo ou lugar, de que talento ou temperamento, de que raça ou classe – estão continuamente empenhados em compreender o mundo que os cerca. (...) Embora o ser humano possa tolerar a dúvida, poucos conseguem tolerar a falta de significado. Para sobreviver psiquicamente, o homem precisa conceber um mundo estável, relativamente livre de ambigüidades e razoavelmente previsível. Ao fluxo de impressões deve-se estabelecer algum tipo de perspectiva. As sensações recebidas serão classificadas e organizadas de acordo com algum tema. Alguns fatos serão percebidos e outros ignorados; algumas características serão salientadas e outras desprezadas; certas relações parecerão possíveis, outras improváveis ou impossíveis. O significado não surge até que a experiência esteja situada em algum contexto." (Barnlund, 1968, p.16)

O homem sempre busca, descobre e dá significado aos sinais naturais do mundo que o rodeia: uma pegada na praia é sinal de que alguém passou por ali. A fuga de animais sinaliza a iminência de algum desastre. O canto do galo é o sinal que o dia esta raiando. É possível que os primeiros signos criados pelo homem estivessem cada um associado a um determinado objeto. É próprio da mente humana a capacidade de abstração, isto é, de identificar o que há de comum em muitos objetos semelhantes. Esta capacidade de abstração de qualidades comuns e de colocar um nome à qualidade geral, deu origem ao conceito.

Com o reconhecimento dos infinitos objetos na natureza e o infindável número de artefatos que foram sendo criados, a memorização destas palavras tornou-se impossível, e surgiu a necessidade de simplificação deste sistema. O homem então criou o conceito: em lugar de ter de gravar em sua memória mil palavras de pedras diferentes, agora tinha de lembrar apenas o conceito de pedra e o signo correspondente à palavra pedra. O conceito viria então a ser a imagem formada na mente do homem após perceber muitas coisas semelhantes entre si. Transformadas em som e portadoras de conceitos, as palavras foram sendo incorporadas (apropriadas) em nossos acervos mentais que permitiriam a formação dos nossos esquemas mentais, ou seja, as estruturas cognitivas que organizam as informações em torno de temas e assuntos, tornando assim mais econômica e ágil a forma de armazenamento e acesso destas informações.

Com a formação do conceito e dos esquemas mentais, a linguagem, torna-se não apenas capaz de construir símbolos extremamente abstraídos da experiência cotidiana, mas também de levar o homem a recordar esses símbolos e inscrevê-los como elementos objetivamente reais do dia-a-dia, mesmo que não presentes visualmente.

> "O homem não é um receptor passivo, mas um agente ativo que dá sentido as sensações. A significação que qualquer situação adquire é conseqüência tanto do que o perceptor lhe acrescenta como da 'matéria

prima' que recebe." (Barnlund, 1968, p. 20)

Para Berger e Luckmann (1982), o significado de qualquer elemento deve ser formado, assimilado e transmitido através de um processo de "indiciação", o qual, necessariamente, é também social. Enfatizam que os objetos não possuem qualquer status fixo, os significados mantêm-se por meio das indicações e definições feitas pelo homem. O status de cada palavra ou conteúdo varia de acordo com o contexto em que está inserido, tanto no tempo quanto no espaço. Desta forma, todos os objetos são 'nomeados' quanto ao seu significado, a partir da referência do grupo, por isso são considerados criações sociais. São elementos formados e originados do processo de definição e interpretação da interação humana.

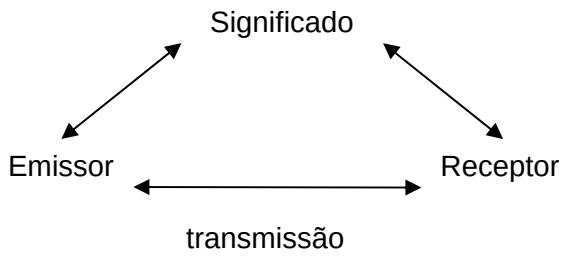
A comunicação humana é um processo funcional da necessidade humana de expressão e de relacionamento. A comunicação humana não se constitui como uma pilha de signos e símbolos, ela é uma obra de sentido e de coerência que somente nós, homens, podemos construir e usufruir. Portanto nenhum grupo pode existir sem comunicação, sem a transferência de significado entre seus membros. Para Robbins (1999), é apenas através da transmissão de significados, de uma pessoa para outra, é que informação e idéias podem ser trocadas.

Segundo Aranguren (1975) a comunicação humana, consiste em três fases: emissão – transmissão – recepção. O significado, sentido e conteúdo da comunicação estão presentes na primeira e na terceira dessas fases, mas não na segunda, a qual consistiria sempre e tão somente num sinal, algo que tem que ser interpretado e pode ser erroneamente entendido no processo, e pode assumir a forma de um código ininteligível para quem não possuir a chave.

> "(...) As palavras, tal como qualquer meio de transmissão, nada significam em si mesmas; elas são meros instrumentos que podem ser

usados para transmitir um significado, mas que também podem suportar o peso de vagos matizes, obscuras associações ou confusos desejos; assim é que, por meio de uma simples palavra – a qual é, por vezes, concedida a permanência na escrita ou como título de um livro inteiro – parecemos ficar na posse de um conceito ou mesmo uma teoria completa. (...)" (Aranguren,1975, p.19)

Representamos o processo de comunicação no seguinte esquema, enfatizando a dualidade do processo de transmissão, que não depende apenas do emissor, mas principalmente do acesso do receptor aos mesmos códigos e contexto em que a mensagem foi produzida:



Por estarmos continuamente empenhados em procurar significados, toda percepção é necessariamente pessoal e incompleta. Ninguém jamais apreende tudo, pois cada um abstrai de acordo com sua experiência passada e os próprios desejos. Paradoxalmente, são estas diferenças de percepção que tornam a comunicação essencial para a vida em sociedade. São as diferenças que levam ao compartilhar, e é a confrontação e a exploração conjunta dos significados que produz as mútuas transformações.

4.2- O HOMEM NÃO É NATURALMENTE UM SER SOCIAL

Nessa esfera do ser social, o indivíduo apropria-se da linguagem, dos objetos e instrumentos culturais, bem como dos usos e costumes de sua sociedade. Sem a apropriação dessas objetivações seria impossível a sua existência e convivência em

qualquer sociedade humana, independentemente do nível de desenvolvimento dessa mesma sociedade. Na verdade, seria inviável a existência do indivíduo como ser humano.

Para Codo (1994b), pouca distância separa esta compreensão de sociabilidade da conotação do homem como ser gregário, tanto é assim que se coloca em pauta a questão da 'comunidade', do 'grupo'. Reforça que tudo se passa como se, dada uma filiação do indivíduo a este ou aquele grupamento o problema da determinação do comportamento estivesse resolvido a priori.

O autor cita Marx para analisar a questão da sociabilidade do homem:

> "Temos visto como, dado o pressuposto da superação positiva da propriedade privada, o homem produz ao homem: como o objeto, que é a realização imediata da sua individualidade, é ao mesmo tempo sua própria existência para outro homem, a existência deste e a existência deste para ele. Mas, igualmente, tanto material de trabalho como o homem enquanto sujeito são, ao mesmo tempo, resultado e ponto de partida do movimento... O caráter social é, pois, o caráter geral de todo o movimento; assim como é a sociedade mesma que produz o homem enquanto homem, assim também é produzida por ele". (Marx, 1985a apud Codo, 1994b, p.68)

O autor defende que a sociabilidade mesma, só crava sua existência a partir da inter-relação entre os homens e do homem consigo mesmo. Desse modo pode-se afirmar que, apenas ter nascido em um grupo não determina que ele será um ser social. Destacamos assim o famoso personagem de Daniel Defoe, Robinson Cruzoé, que nos 28 anos que 'dominou' a ilha em que era náufrago, ele utilizou-se de seu acervo humano para construir os instrumentos que trariam a satisfação das suas necessidades.

Ter nascido na espécie humana não necessariamente determina a humanidade, como no conhecido relato de caso do menino que viveu entre lobos. Ter nascido na espécie humana não garantiu a este garoto sua 'hominidade', ter se criado no meio dos lobos fez dele um membro da matilha e não um homem. Apesar de interessante, não

aprofundaremos nesta discussão para não perdermos o foco do trabalho, que é o de reforçar a coexistência dialética das duas totalidades: homem e sociedade: onde o que intermedia a 'homidade' é o trabalho engendrado pela linguagem.

Para a filosofa húngara Agnes Heller (apud Rossler, 2004), para que o indivíduo viva a sua vida cotidiana ele deve aprender a manipular os objetos, os instrumentos e utensílios de sua cultura. Deve se apropriar, por exemplo, do uso e do significado social do garfo, da faca, de um lápis, de um relógio etc. E como não existe apropriação que não seja mediada, direta ou indiretamente, por um outro indivíduo, esse processo pressupõe, por sua vez, a apropriação de certas relações sociais, bem como a apropriação da linguagem como forma básica de comunicação ou intercâmbio entre os indivíduos de um determinado grupo. Qualquer existência em grupo, por mais primitiva que seja, pressupõe o estabelecimento de um certo conjunto de normas de convivência, isto é, pressupõe a existência de certos usos e costumes, ou seja, das normas explícitas ou tácitas de comportamento. Todo e qualquer indivíduo deve necessariamente se apropriar dessas regras de conduta social.

Sociedade e homem são um só, um só existe na medida da existência do outro, ou seja, o homem criou a sociedade e a sociedade criou o homem. O homem criou a sociedade mediatizada pelo trabalho, o trabalho transformou o grupo gregário em sociedade, a comunicação que surgiu do grupo, mediatizada pela linguagem, construiu a sociedade. A dinâmica homem-sociedade crava as existências de um e do outro no que Gianotti (1983) viria a chamar de 'um duplo espelhamento' onde cada qual se perfaz pelo outro.

Voltemos para o exemplo da caçada (introduzido por Leontiev). Se não fosse a relação com os outros membros do grupo, o batedor não assustaria a presa, ele a persegueria. Apenas pelas relações estabelecidas com o seu grupo social, relações de

confiança, o batedor assustaria o animal com a certeza que o grupo encarregado de matar o animal o faria, e todos conseguiriam saciar a fome com a presa abatida. O homem faz (a sua ação) para a sociedade e pela sua consciência de ser um ser social.

> "Deve-se evitar antes de tudo o fazer (..) da 'sociedade' uma abstração frente ao indivíduo. O indivíduo é o ser social, sua exteriorização vital (ainda que não apareça na forma imediata de uma exteriorização vital comunitária, cumprida em união com outros), é assim uma exteriorização e afirmação da vida social. A vida individual e a vida genérica do homem não são distintas, por mais que, necessariamente, o modo de existência da vida individual seja um modo mais particular ou mais geral da vida genérica, ou seja a vida genérica uma vida individual mais particular ou geral.(...) O homem assim, por mais que seja um indivíduo particular (e justamente é sua particularidade a que faz dele um indivíduo e um ser individual real) é na mesma medida, a totalidade, a totalidade ideal, a existência subjetiva da sociedade pensada e sentida para si, do mesmo modo que também na realidade existe como instituição e prazer da existência social e como uma totalidade de exteriorização vital humana". (Marx, apud Codo, 1994b, p.69)

Codo enfatiza que não se afirma ‘o homem é um ser social', mas sim, ‘o indivíduo é o ser social’, coisa muito distinta, como se vê, na primeira afirmação o primeiro termo (homem) aparece em uma relação de inclusão com o segundo (ser social), “tudo se passa como se ‘o homem’ fosse um particular incluso em um universal, a sociedade. Nega-se aqui a universalidade do homem ou, o que é o mesmo, submete-se sua universalidade à sociabilidade.”(1994b, p.70)

Reforça-se que o indivíduo aparece como uma totalidade, que se realiza ao mesmo tempo em que se exterioriza por outra totalidade, a sociedade. O homem aparece aqui como um todo-parte, em si e se realizando pela sua outra face ao mesmo tempo. Assim, a vida genérica (social) e a vida particular aparecem em tensão mutuamente realizadora, nunca em relação de subsunção. O homem aparece como um ser social, mas diferente de apenas produto, ele se apresenta também como produtor. Assim o homem comparece como um ser que constrói a sua individualidade em sociedade.

Bock (2004), referindo-se ao pensamento de Leontiev, afirma que o homem não nasce dotado das aptidões e habilidades históricas da humanidade, todas elas foram conquistadas e criadas. O homem nasce candidato a essa humanidade, humanidade esta que está no mundo material, cristalizada nos objetos, nas palavras e nos fenômenos da vida humana. Sinaliza a autora que esta posição de Leontiev inverte-se, por completo, das visões tradicionais da psicologia, que supõem uma humanidade natural do homem. As características humanas e o mundo psicológico que estavam tomados na psicologia como um *a priori* do homem, como algo de sua natureza humana, surgem agora como aquisições da humanidade e precisam ser resgatadas do mundo material para que o mundo psicológico se desenvolva, se humanize.

A produção dos meios de existência marca o traço distintivo entre os homens e os animais. Aqui, o conceito de sociedade separa-se definitivamente do de "gregariedade", de grupo e de bando. Com a crítica do truísmo do "homem é um ser social".

> "(...) encontramos em Marx uma formulação radicalmente distinta; o eixo não está na mera redução pela abstração do homem à sua sociabilidade, ao contrário, a tarefa é exatamente a de compreender, também pela abstração, o desenvolvimento da individualidade interpenetrado pela sociabilidade." (Codo, 1994b, p.76)

Marx insiste que a única forma de compreensão do indivíduo é capturar o movimento de dupla negação/ afirmação em que consiste a sociabilidade.

> "O homem é um ser apesar de si, é um ser transcendente (...) Cada gesto ou palavra é sempre inserida em uma miríade de significados, reportando-se sempre aos vários eus convivendo dentro do eu. Os gestos cravam significados apesar da presença do sujeito e além da sua existência." (Codo, 1994b p. 77)

4.3- A FORMAÇÃO DAS RELAÇÕES NA SOCIEDADE

A vida em sociedade não é algo natural. Foi através da produção dos instrumentos de trabalho e da linguagem que o homem construiu a sociedade. A vida grupal coletiva foi se tornando cada dia mais complexa na medida em que aumentou a complexidade das necessidades. Assim instrumentos de produção e formas de linguagem foram produzidos e produzindo estas complexificações, um trabalho interdependente e complementar.

Dentro da sociedade, a linguagem carrega o papel de expressão e de interação entre os indivíduos. É com ela e por ela que os indivíduos estabelecem suas relações (intrapessoais e interpessoais) e produzem as formas de suprir as suas necessidades.

Foi Leontiev (1978) que destacou que nos objetos se cristalizam as habilidades humanas, e como esta cristalização se expande nas duas direções (do objeto e do sujeito) e se condicionam mutuamente. Nos objetos construídos a partir do movimento de apropriação, consciência/subjetivação e objetivação, os homens imantam de subjetividade estes objetos tanto no produzir como no consumir.

Codo, Sampaio e Hitomi (1994c) afirmam que em toda a atividade humana está condenada à mediação. Segundo estes autores, esta mediação é ao mesmo tempo objetiva, subjetiva e transubjetiva, e ela implica necessariamente nestas três dimensões. Eles destacam que ao mesmo tempo em que as mediações estão presentes, há no gesto do homem as reações imediatizadas, ou imediatas: “meu contato com o outro, ao mesmo tempo em que espalha pelas coisas os fantasmas das pessoas, carrega um sentido primevo, o outro imediato.” (p. 188). Estes autores chamam de afeto (no sentido de "afetar, tocar", do latim affectare), a este contato imediato.

Na produção do significado, na formação da consciência humana, em qualquer que seja o modo de produção, existe sempre uma transferência de subjetividade ao produto: “trabalhar é impor à natureza a nossa face, o mundo fica mais parecido conosco e portando nossa subjetividade depositada ali, fora de nós, nos representando.” (Codo, Sampaio e Hitomi 1994c, p.188)

Entendendo desta forma, constatamos que parte de nós que foi transferida para os produtos são por sua vez também apropriadas quando o produto é apropriado. Assim, podemos dizer que os produtos são “afetados”, investidos do afeto, e, por conseguinte, influenciam o outro com este afeto.

Codo, Sampaio e Hitomi (1994c) buscam definir como historicamente o trabalho vem conformando o afeto. E distinguem grosseiramente em três períodos, em três cortes distintos nas relações afeto-trabalho:

Para eles, originalmente afeto e trabalho eram fundidos. Antes da divisão em classes sociais o trabalho se enquadra no que Marx (1985) chamou de "trabalho genérico, o metabolismo entre o homem e a natureza". Ali o instrumento de trabalho comparece como a presença do outro e a onipresença do sujeito perante o outro. Exemplificam que os homens marcavam a sua lança e eram enterrados com ela, há nas comunidades primitivas a fusão entre os homens, e destes com a natureza. Na relação homem-natureza-homem constata-se a imantação dos objetos com o afeto, observa-se isto constantemente ao nosso redor, como, por exemplo, uma criança que carrega de afeto um pedaço de pano velho que usa para dormir. Ela estabelece uma relação com este objeto, conversa com ele, e é assim que para ela é mais fácil suportar a ausência dos pais; ou ainda o homem enamorado que guarda com carinho na gaveta do escritório o primeiro presente, mesmo que coisa supérflua, inútil, que recebeu da amada, para ser

revisitado toda vez que a presença se impuser apesar do cotidiano. Os objetos então de certa forma começam também a representar as pessoas subjetivadas neles.

Um segundo período marca a relação afeto trabalho. Para Codo, Sampaio e Hitomi (1994c), com o surgimento da escravidão se instala uma dinâmica cujo centro é a existência pessoal definida pelo outro. Os afetos se anulam ao se reapresentarem com a face do senhor. Da comunidade primitiva até a crise da Idade Média, não havia distinção entre a estrutura produtiva e a estrutura reprodutiva. Nesta configuração, o afeto e o trabalho continuam fundidos. As pessoas viviam entre o outro imediato e as mediações do outro, porque não havia ruptura entre o produto e o produtor do trabalho, não havia o desligamento, não havia a alienação.

No terceiro período acontece a cisão entre o afeto e o trabalho. Para estes autores, com o advento do capitalismo o mundo enfrenta pela primeira vez a ruptura entre a produção da existência e a reprodução da vida. O mundo do trabalho e o mundo do afeto passam a se desenvolver em dois universos distintos, como, por exemplo, a fábrica e o lar. O modo de produção separa o produtor de seu produto, com o trabalho transformado em mercadoria e vendido como força de trabalho, o modo de produção transforma os trabalhos diferentes (portadores de subjetividades diferentes) em iguais. Nesta perspectiva os produtos passam a ser apenas mercadorias, mercadorias equivalentes, trocadas e vendidas no mercado. Esta transformação do trabalho em força de trabalho impede a subjetivação do indivíduo no trabalho, e empurra o ser subjetivo do homem para fora da fábrica, ficando o ser subjetivo restrito ao lar. Para Codo, Sampaio e Hitomi (1994c), ao subsumir o trabalho ao capital, o capitalismo subsume o afeto ao trabalho, pela eliminação do primeiro. Os ambientes de trabalho tornam-se impessoais e o uso do uniforme como descreve Goffman (1974, apud Codo, Sampaio e Hitomi, 1994c) despem o trabalhador dos seus "estojos de identidade". Assim, é pelo

trabalho que o capitalista elimina a marca pessoal do trabalhador, “o gesto perdeu o estilo”. Defendem estes autores que o trabalho foi transformado em força de trabalho, e plasmando as diferenças que ele mesmo inventou, ele age como agente indiferenciador perante o mercado. Como valor de troca, trabalho e trabalhador significam a mesma coisa, quantidade de trabalho injetada na mercadoria.

Segundo estes autores, quando as relações de produção se arquitetam de maneira a operar uma ruptura entre o afeto e o trabalho (tornando o primeiro restrito ao lar e a família, expulsando o segundo da produção) o trabalho ficaria desafetivado, portanto insuportável. Consequentemente, o trabalhador reage reafetivando o seu ambiente de trabalho, inventando laços e resistindo à impessoalidade do trabalho. Assim, os afetos, de certa maneira, se recriam clandestinamente.

Voltando ao conceito da duplicidade de valor do trabalho (de uso e de troca), reaparece aqui a grande contradição: O trabalho de conformador da interrelação objetividade e subjetividade quando transformado em força de trabalho age como agente indiferenciador perante o mercado. Codo, Sampaio e Hitomi (1994c) ressaltam que tanto o valor de uso como o de troca não podem desaparecer, pois são eles que dão o afeto e conformam a identidade do trabalhador. Desta forma afeto e trabalho, que inicialmente eram fundidos, agora aparecem como siameses e inimigos.

Retomemos também ao ponto da divisão do trabalho. Na vida em grupo e na busca dos meios para satisfazer as suas necessidades, o homem teve que organizar suas ações (caçar) para conseguir o fim (alimento). Foi Leontiev (1978) que melhor descreveu a evolução na consciência da organização e a divisão do trabalho. Destacou o autor que as ações individuais tiveram de ser coordenadas pelo objetivo do grupo, foi a relação social que garantiu aos homens que as suas ações individuais se transformassem

em atividade coletiva. Desde os tempos mais primitivos, a participação na atividade coletiva garantiu a cada indivíduo a sobrevivência e o sentimento de pertencimento.

Com o desenvolvimento das relações de produção, uma mesma regra foi sendo seguida, a fragmentação horizontal da tarefa. A distribuição das ações para cada membro do grupo promoveu essa fragmentação horizontal da atividade. Na atividade coletiva, quanto mais complexa a atividade, maior é o número de ações e, consequentemente, maior a distância do fim, fato que pode contribuir para a perda do motivo. Quanto maior a parcialização das tarefas maior a necessidade dos participantes da atividade estarem conscientes do fim. Em outras palavras, quanto mais parcializada a atividade, maior a necessidade do significado estar ligado ao sentido.

Codo, Sampaio e Hitomi (1994c) destacam que, em atividades hierarquizadas e burocráticas, a cada seção criada o trabalho é esmigalhado, e com ele a possibilidade de autonomia do trabalhador, pois em muitos casos são tantas chefias a quem o trabalhador é obrigado a prestar reverência que esta lida cotidiana arquiteta uma generosa rede afetiva que necessariamente tem que funcionar como uma segunda moeda corrente nas relações de trabalho.

Esta rede que se forma congrega informações e relações interpessoais que criam o mosaico do trabalho e do espaço de trabalho. Na configuração desta rede, ressalta-se o valor de uso e de troca das palavras e mensagens, sendo a linguagem a mais valiosa moeda corrente. Nesta rede, é a comunicação (linguagem) que carrega e corporifica o conhecimento e o afeto.

4.4- O TRABALHO HUMANO LINGÜÍSTICO

Estivemos trabalhando na demonstração de como "pari passu" a linguagem e o trabalho têm evoluído juntos, engendrados, interdependentes, e como estes dois fatores constituíram a "hominidade". Seguindo o raciocínio de que tudo que existe de humano para o homem existe pela intervenção do próprio homem, devemos então ater-nos ao princípio de que qualquer riqueza, ou valor, é o resultado de um trabalho que o homem realizou ou que pode realizar.

Uma vez tendo ultrapassado a fase animalesca e instintiva de apropriação imediata dos objetos existentes na natureza, é apenas pelo trabalho humano que se pode satisfazer uma necessidade humana; a linguagem surge enquanto produto na dialética da satisfação das necessidades, ela comparece como a objetivação necessária da instituição das relações de trabalho e produção.

Com a linguagem, repete-se o mesmo processo da produção de instrumentos de trabalho, um jogo de espelhamentos transformador. A linguagem, depois de internalizada, passa a ser do indivíduo, mas na medida em que ele faz uso dela volta a fazer parte do coletivo. É um jogo dialético, um abrir e fechar, a palavra é criada internamente, ela vai para o externo e torna-se uma palavra (corporificada pelo som, na representação de um significado), que é coletiva, componente da língua, que por sua vez é apropriada pelo indivíduo, subjetivada com e pelo conjunto de outros significados apropriados por ele durante sua vida na sociedade (que está inserido) que, por sua vez é exteriorizada novamente pela corporeidade da palavra falada ou escrita, engendrada pela subjetividade, de quem a profere. Com as palavras, suas combinações e com as regras para usar e combinar, a língua nos fornece materiais e instrumentos, os produtos do trabalho, produtos precedentes, sobre os quais e com os quais o homem transforma e

é transformado pelo mundo. Assim, no jogo de espelhamentos, a linguagem produz e é produzida pelo indivíduo, e consequentemente transformando-o e sendo transformada.

Para Rossi-Landi (1985), a totalidade das mensagens que trocamos, ao falar uma determinada língua, constitui uma comunidade lingüística. Esta comunidade lingüística se apresenta como uma espécie de imenso mercado no qual as palavras, expressões e mensagens circulam como mercadorias. Como qualquer mercado, há regularidades que regem a circulação destas palavras, expressões e mensagens, começando pelos valores segundo as quais elas são consumidas e trocadas.

Para entendermos um pouco melhor este ponto temos que novamente retornarmos a alguns conceitos de Marx e Engels. Para estes autores o trabalho, além de ser o processo dialético de dupla transformação do homem e da natureza, tem também um duplo caráter: de um lado, ele aparece como valor de uso, realizador de produtos capazes de atender necessidades humanas; de outro como, valor de troca, pago por salário, criador de mercadoria e ele mesmo uma mercadoria no mercado.

A mercadoria é todo produto que: 1) visa satisfazer a qualquer necessidade humana; 2) tem a propriedade de poder ser trocada, por outros produtos. À primeira vista, o que caracteriza uma mercadoria é o seu valor de uso e o seu valor de troca.

Valor de uso é a utilidade do produto. Não pode ser quantificado, pois se refere à qualidade da mercadoria, expressa a relação do homem com as coisas. Por exemplo, a cadeira serve para sentar, o casaco para agasalhar, etc.

Valor de troca é a propriedade de uma mercadoria ser trocada por outra. Assim, uma mesa pode ser trocada por três cadeiras, por determinada quantidade de dinheiro, ou por qualquer outra mercadoria, ou seja, uma mercadoria possui infindáveis valores de troca. O valor de troca apresenta uma dimensão quantitativa da mercadoria, pois contém uma relação numérica, expressa em sua maioria das vezes na forma de preço.

Segundo Codo, Sampaio e Hitomi (1994d), ocorre que nesta dupla convivência do valor de uso e valor de troca estabelece-se uma intrínseca contradição. O trabalho, enquanto valor de uso, é o ato de depositar significado humano à natureza, construção do significado pessoal e intransferível. Como o valor de uso atende as necessidades humanas, ele é assim infinitamente diversificado como elas, pois um mesmo produto pode atender à necessidade distinta para seres humanos distintos. Como o exemplo uma camisa, pode representar um valor estético, status, agasalho ou mesmo homenagem a um terceiro. As mercadorias, portanto, devem carregar em si a possibilidade de assumirem todas estas faces. Enquanto valor de troca, o produto vale pela sua reversibilidade com qualquer outra mercadoria, o valor de troca homogeniza produtos distintos que obedecem a necessidades distintas, equaliza o desigual, indiferencia tudo o que era distinto. Para estes autores, sob a hegemonia do valor de troca, nenhuma diferença há entre o sapato e o motel, o valor de troca ignora a especificidade, a multivariação das necessidades. Na verdade, o valor de troca só se estabelece enquanto tal, quando a elimina a necessidade. "Tudo se diferencia de tudo pelo valor de uso e tudo se iguala com tudo pelo valor de troca." (Codo, Sampaio e Hitomi, 1994d, p.97)

Outro ponto destacado por estes autores é que esta inevitável tensão que se estabelece entre o trabalho como valor de uso (aqui entendido como sinônimo de trabalho concreto) e valor de troca (trabalho abstrato), representa necessariamente o fator determinante para a conformação da identidade do trabalhador.

Como já sinalizamos, o trabalho concreto, enquanto valor de uso tem a sua história determinada pelas relações de produção, do desenvolvimento da produção propriamente dita. Da instrumentalização/maquinaria à divisão social do trabalho, em cada passo do seu caminho encontraremos o trabalho e a linguagem se imiscuindo.

Para Marx e Engels (1985), cada coisa possui muitas propriedades e, por isso, é capaz de diversas aplicações úteis. O mesmo produto pode constituir a matéria prima de processos de trabalho muito diferentes. O mesmo produto pode no mesmo processo de trabalho servir de meio (instrumento) de trabalho e matéria prima. O produto que existe na forma pronta para o consumo, pode tornar-se de novo, matéria prima de outro produto, como a uva que foi plantada e colhida, torna-se a matéria prima do vinho.

Este mesmo processo também acontece com a linguagem, as palavras e os gestos encravados na língua, são os produtos do trabalho humano lingüístico, estes mesmos produtos também tornam-se novamente em matéria-prima quando são usados para que o professor ensine as crianças a ler e escrever, ou em uma forma mais complexa, já sendo as palavras portadoras de um significado, quando as palavras servem para que o médico oriente o seu paciente. Constata-se assim a forma em que a linguagem também apresenta-se como o meio do trabalho e o produto.

> "Vê-se: o fato de um valor de uso aparecer como matéria prima, meio de trabalho ou produto, depende totalmente de sua função determinada no processo de trabalho, da posição que nele ocupa, e com a mudança dessa posição variam essas determinações.
>
> Ao entrar em novos processos de trabalho como meios de produção, os produtos perdem, por isso, o caráter de produto." (Marx e Engels,1985, p. 152)

Rossi-Landi (1985) afirma que, como os outros produtos do trabalho humano, as palavras, expressões e mensagens tem um valor de uso ou utilidade na medida em que satisfazem necessidades; no caso, as necessidades fundamentais de expressão e de comunicação, com todas as mutáveis estratificações que se acumularam historicamente e se emaranharam em volta dela. Para este autor, sem os signos lingüísticos é impossível satisfazer essas necessidades em nível humano.

> "Toda palavra, expressão ou mensagem apresenta-se no mercado lingüístico como unidade de valor de uso e valor de troca. Deve, de fato, ter um valor de uso, isto é, estar em condições de satisfazer uma necessidade comunicativa qualquer, para assumir um valor de troca, mas, para o caso oposto, deve apresentar-se como valor de troca, para que seja possível remontar a seu valor de uso e desfrutá-lo." (Rossi-Landi, 1985, p. 88)

O recém-nascido se encontra imediatamente e inelutavelmente circundado por todas as coisas úteis que a sociedade à qual pertence já produziu e continua produzindo segundo seus determinados modelos. A criança, mediada pela ação dos adultos, aprende a servir-se dos produtos e, com isso, em certa medida, torna a colocar em atividade modelos aos quais socialmente se atém. Os objetos são, em geral, usados apenas em sua imediatez, como materiais e instrumentos; eles pertencem a sistemas institucionalizados de acordo com as regularidades sociais. Não esquecendo que, na medida em que se apropria do mundo social, o homem também vai transformando-o, e assim o mesmo acontece com a linguagem, que é um processo dinâmico e flexível.

Seja no mundo das palavras ou no mundo das mercadorias, são essas regularidades, e não as regras operacionais para a satisfação das necessidades, que regem a troca e a circulação e que determina o valor de troca dos objetos e palavras (expressões) produzidas. "Quanto a seu valor de troca, mercadorias e palavras se apresentam desligadas das operações que as produzem." (Rossi-Landi, 1985, p. 90)

Rossi-Landi (1985) reporta a teoria do valor de Marx do trabalho valor, destaca ele que os valores não são dois, mas três. A dialética que encontramos na oposição de valor de uso e valor de troca está presente em vários níveis de trabalho lingüístico e de seus produtos. Estes níveis são co-presentes e circularmente entrelaçados. São eles: O nível da palavra individual, o nível das palavras no plural e no nível da comunicação.

No nível de cada palavra individual encontramos uma primeira oposição entre um significado e um significante. Pode se ver uma forma embrionária do valor de uso no significado e do valor de troca no significante (os quais estão sempre juntos). Quando uma palavra isolada é usada, ela já é uma unidade de pedaços juntados sinteticamente, ela já tem o valor que lhe advém do fato de ser produto desse trabalho de síntese.

No nível das palavras, tal como elas se apresentam uma ao lado da outra, no âmbito de uma língua. O valor de uso de uma palavra na língua é seu uso: um significado, como algo exterior à palavra, não existe, o uso que podemos fazer depende das propriedades que ela possui. O valor de troca que a palavra tem na língua advém do seu entrar em relação com outras palavras. Quando duas ou mais palavras aparecem unidas numa expressão, cada uma delas se liga às outras dentro da expressão, de acordo com o valor de uso e com o valor de troca que ela tem na língua: isto é, as palavras agem entre si com seus valores, e são essas ações que formam a unidade da expressão.

Temos então a terceira oposição de valor de uso e valor de troca no nível da comunicação (produção e circulação de mensagens): ela começa do mero fato que quando alguém diz algo o outro compreende. Uma mensagem carrega, por seu turno, uma dualidade de valor de uso e de valor de troca quando é transmitida e recebida.

> "O lingüístico e o não lingüístico estão juntos, eles se diferenciam pelo próprio operar da linguagem. Não pode haver um não lingüístico que seja não lingüístico antes que haja também o lingüístico." (Rossi-Landi, 1985, p.81)

Ressalto aqui que um ponto muito importante é que a linguagem, enquanto meio de troca universal para qualquer comunicação, apresenta a mesma característica do dinheiro, por ser abstração pura. As línguas são em certo sentido como as diferentes moedas, e a linguagem (pela sua maior generalidade) poderia ser comparada com a

moeda (o dinheiro). Tanto o dinheiro como a linguagem carregam o peso de serem trocas universais, cambiáveis por tudo, com os quais se compram e se vendem todas as outras coisas.

Para Giuffré (1962, apud Rossi-Landi, 1985), existem tipos de moedas de diferente cunhagem e metal ou de papel, ou de outro material, diversas. Dependendo das épocas e dos países, é possível cambiá-las entre si, é possível falsificá-las e produzir novas e apresentá-las no mercado. Para este autor, apesar das diferenças entre as moedas e as línguas, o mais importante é que:

> "As linguagens são, com efeito, traduzíveis, assim como as moedas são cambiáveis, com a condição de ter um valor ou um significado comum que, para as linguagens, redunda na possibilidade de transmitir, por exemplo, informações iguais ou semelhantes, qualquer que seja a particular linguagem empregada, e que, para as moedas, redunda na possibilidade de adquirir, por exemplo, bens iguais ou semelhantes, qualquer que seja o tipo de moeda que se tem para gastar." (p.82)

Apesar destes autores destacarem a dualidade do valor, eles atribuíram este valor em relação as línguas. Contudo, o que considero importante destacar é que a linguagem (ela própria) também carrega a dualidade do valor, onde, além de estar contido dentro das palavras, carrega também o seu valor no conteúdo da mensagem. Como as moedas que apresentam os diferentes metais de cunhagem, as palavras proferidas apresentam um valor diferente dependendo do emissor destas palavras e da mensagem, ou melhor, cada palavra e cada mensagem assumirá o seu valor de uso e de troca relativo considerando o seu demiurgo.

5- A COMUNICAÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO DO OUTRO

5.1- PARA QUE SERVE A COMUNICAÇÃO?

A comunicação serve para que as pessoas se relacionem entre si, transformando-se mutuamente a si mesmos e a realidade que as rodeia. Sem a comunicação cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo. Pela comunicação as pessoas compartilham experiências, idéias e sentimentos. Ao se relacionarem como seres interdependentes, influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas.

Segundo Robbins (1999), a comunicação serve a quatro grandes funções dentro de um grupo: controle, motivação, expressão emocional e informação. A comunicação funciona para controlar o comportamento dos membros de um grupo de várias formas, conforme a hierarquia de autoridade, valores e regras determinadas pelo próprio grupo. Ela gera motivação quando esclarece ao grupo o que deve ser feito em prol do bem comum do grupo. A comunicação que acontece dentro do grupo é o mecanismo fundamental pelo qual os membros expressam suas emoções e sentimentos para a satisfação de necessidades sociais relacionais. A função final que a comunicação desempenha é o de facilitar a tomada de decisões, ela fornece a informação que o indivíduo e o grupo precisam para tomar decisões, transmitindo os dados para avaliar e identificar as alternativas de escolhas. Defende o autor que nenhuma das quatro funções deve ser vista como mais importante que a outra, elas devem ser articuladas, pois para os grupos terem desempenho eficaz, eles precisam manter alguma forma de controle sobre os membros, estimular os membros em relação ao desempenho, proporcionar meios para a expressão emocional e fazer escolhas decisórias.

5.2- UM MODELO DE COMUNICAÇÃO

A comunicação pode ser imaginada como um processo ou fluxo. Problemas de comunicação ocorrem quando existem desvios ou bloqueios neste fluxo.

Segundo Robbins (1999), antes da comunicação acontecer, um objetivo, expressado como uma mensagem a ser transmitida, se faz necessário. Para este autor, o modelo do processo de comunicação é composto por sete partes. O processo passa entre uma fonte (o emissor) e um receptor. A fonte inicia a mensagem codificando um pensamento (convertida em uma forma simbólica). A mensagem (produto físico real da codificação da fonte) é passada através de algum meio (canal) ao receptor, que re-traduz (decodifica) a mensagem iniciada pelo emissor. O elo final no processo de comunicação é um circuito de retorno (feedback). O retorno é a verificação do sucesso em transferir a mensagem como pretendida originalmente. É o feedback que determina se a compreensão foi alcançada ou não. O resultado do processo de comunicação é uma transferência de significação de uma pessoa para outra.

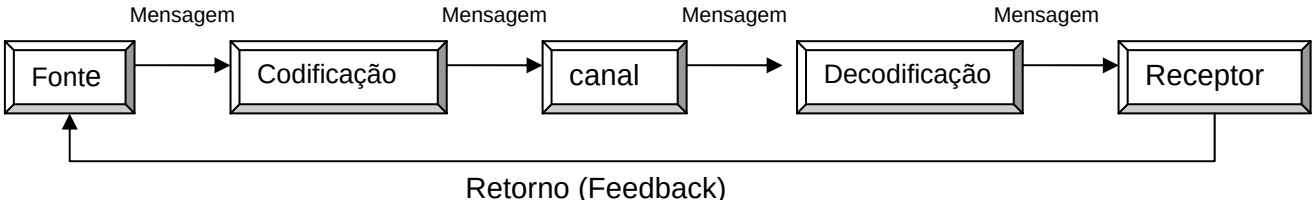


Fig.2. O modelo do processo de comunicação (Robbins, 1999, p.198)

Para Albuquerque & Puente-Palácios (2005), a comunicação é entendida como o processo pelo qual as pessoas criam e enviam mensagens que são recebidas, interpretadas e respondidas por outras pessoas. O propósito desse processo é desenvolver significados que são compartilhados pelos membros do grupo.

Wolf (1995) considera que o estudo dos meios de comunicação propriamente dito, foi durante muito tempo negligenciado e mal compreendido pelos pesquisadores do saber comunicacional. Entre o canal e a mensagem, esta era de longe a dimensão preferida dos pesquisadores. Até hoje, os estudos sobre os efeitos psicológicos, sociais, culturais e até econômicos das mensagens são mais privilegiados do que o estudo do canal. A explicação mais plausível está relacionada à "materialidade" da mensagem, quer dizer, à "visibilidade" dela. Talvez pelo fato da comunicação desvinculada de um meio de comunicação ser invisível para as pessoas, portanto, um objeto absolutamente abstrato.

Outra questão que dificulta o estudo da comunicação é o da própria produção do significado. Para Eco (1980), toda cultura se apresenta como processo comunicacional, e toda comunicação engloba todos os atos da *práxis,* no sentido de que esta mesma *práxis* é instituição de cultura e de relações onde o sujeito se apropria do mundo e faz com que este mundo se transforme continuamente em cultura. Para este autor, o sujeito interage como perspectiva fantasmagórica e se revela somente a partir do jogo da produção de significados.

A produção dos significados só se gera a partir de um receptor real, uma vez que cada sujeito social encerra, em seu ato próprio de comunicação, um jogo de interpretação e de significação acessível pela expressão da linguagem. No processo de comunicação, o receptor tem um papel decisivo na construção do significado, e haverá sempre uma tensão entre o emissor e receptor da mensagem, pois cada ato de comunicar estará sempre influenciado por outros processos de recepção simultâneos, passados e futuros. Para haver a comunicação, o receptor deve reinterpretar a mensagem. Complica-se o processo na medida em que esta reinterpretação não necessariamente é feita nos mesmos critérios de decodificação em que foi produzida pelo emissor, e são as

reinterpretações que muitas vezes alteram o conteúdo da mensagem. Mesmo mensagens escritas sofrem este tipo de influência, o que é facilmente observado nas discussões em grupos de estudos ou em releituras que fazemos de alguns livros, onde verificamos interpretações diferentes por parte de pessoas diferentes ou por nós mesmos, dependendo da época em que o livro foi lido.

Enfatizamos aqui que, comunicar, então, significa colocar em evidência o significado intencionado pelo emissor da mensagem ou informação, provocando assim a atualização do significado no receptor. Comunicar e interpretar significará sempre, sob algum aspecto, o reconhecer, o gerar conhecimento sobre algo.

A comunicação não é uma tarefa fácil. Mesmo sob as melhores condições, mal entendidos podem acontecer, principalmente, por que interagimos de forma sistemática com o meio; criamos e interferimos na realidade na mesma proporção com que nos apropriarmos dela, estabelecemos uma infinita gama de interações, de inter-relações, e a cada emissão de uma mensagem esta é apropriada e reinterpretada por cada um dos receptores. No geral, a nossa capacidade de nos relacionarmos com os outros, de trabalhar de forma coletiva e eficaz, depende em grande medida de nossas habilidades de comunicar, de expressarmos nossas significações através da linguagem.

5.3- É IMPOSSÍVEL NÃO SE COMUNICAR

A comunicação não inclui apenas as mensagens que as pessoas trocam deliberadamente entre si. Além das mensagens trocadas conscientemente, muitas outras são trocadas sem querer, numa espécie de paracomunicação ou paralinguagem, que alguns autores como, Condon Jr. (1965), Watzlawick, Beavin e Jackson (2004) chamam de metacomunicação.

No ato comunicativo, os indivíduos sempre trocam algo mais do que simplesmente palavras. A essa comunicação sobre a comunicação dá-se o nome de pistas metacomunicativas. Podem surgir sob a forma de inflexões vocais (entonações que damos) ou de indicações não verbais, como gestos e expressões (franzir a testa, respirar mais rápido, bater na mesa). Sem dúvida, há mensagens que podem ser interpretadas diferentemente devido às pistas metacomunicativas. A metacomunicação também desempenha um papel de feedback. Ao receber tais signos (que às vezes podem ser não verbais), o falante passa a modificar sua mensagem de acordo com as pistas dadas da compreensão da mensagem enviada.

Às vezes, até mesmo o silêncio comunica. Quando uma pessoa deixa de responder as perguntas ou incitações da outra, ou quando trata de ignorar a sua presença, seu silêncio é mais eloqüente que qualquer conjunto de palavras.

Se tudo na vida pode ser decodificado como signo - o penteado, a maneira de andar e de sentar, o bairro onde se mora, a igreja que se freqüenta, as gírias utilizadas, tudo está comunicando algo, expressivo ou informativo. Vendo um torcedor de futebol andando com a camisa do seu time ou ver um punk na rua, pelo penteado e pela vestimenta, eles me dizem (sem que qualquer palavra seja trocada) a qual grupo eles pertencem. Se eu vou a um órgão público e pessoas conversam internamente sem me atender (apesar dos meus apelos), as mensagens que são passadas a mim, sem que nenhuma palavra seja dita, é de ineficiência e negligência. Se uma pessoa participa do 'green peace', não preciso conversar com ela para saber quais são seus princípios ideológicos referentes ao meio ambiente. Inúmeras informações são repassadas a mim, que não preciso de palavras para decodificá-las. Apenas recorrendo a meu acervo interno consigo decifrá-las e estas passam a ter um sentido dentro do contexto em que as enxergo.

A vida em sociedade está engendrada pela comunicação, como dito anteriormente. Não existe sociedade sem comunicação nem comunicação sem sociedade, relação especular e de mútua alimentação. A própria cultura de uma sociedade pode ser considerada como um vasto sistema organizador da vida coletiva, repassado através de seus códigos de comunicação. A cultura funciona pela comunicação. Seria impossível para uma pessoa viver em uma cultura sem aprender a usar seus códigos de comunicação. E também seria impossível para ela não se comunicar.

5.4- A TRANSFORMAÇÃO DO OUTRO

A comunicação não existe por si mesma, como algo separado da vida da sociedade. Bordenave (1982) defende que sociedade e comunicação são uma coisa só.

> "Não poderia existir comunicação sem sociedade, nem sociedade sem comunicação. A comunicação não pode ser melhor que sua sociedade nem esta melhor que sua comunicação. Cada sociedade tem a comunicação que merece. Dize-me como é a tua comunicação e te direi como é a tua sociedade." (p.16-17)

Bordenave (1982) refere que a comunicação foi o canal pelo qual os padrões de vida de sua cultura foram-nos transmitidos, pelo qual aprendemos a ser membros da nossa sociedade. São incontáveis os atos de comunicação que realizamos diariamente, podemos começar a contar do bom dia que damos ao esposo antes de sair de casa para o trabalho, da leitura do jornal, da conversa frívola com os vizinhos no elevador, da decodificação e reconhecimento dos sinais de trânsito até a chegada ao trabalho, o cumprimento dos colegas no trabalho, leitura dos inúmeros documentos do trabalho, relatórios, e-mails, correspondências, atendimento telefônicos, conversas com os

colegas e com o chefe, definição com os colegas sobre o local de almoço, escolha do cardápio, conversa de restaurante, conversa com a família no jantar, programas de televisão, diálogo amoroso com o esposo antes de dormir e finalmente o "boa-noite" encerrando aquele dia.

A comunicação confunde-se, assim, com a própria vida. Temos tanta consciência de que nos comunicamos como de que respiramos ou andamos. Somente percebemos a sua essencial importância quando, por alguma razão (doença ou acidente), perdemos a capacidade de nos comunicar.

Adotamos e internalizamos nossa cultura não por "instrução", todo o aprendizado das crenças, valores, hábitos e tabus acontecem antes de nosso ingresso na formalidade do aprendizado escolar. Ninguém nos ensinou propositadamente como está organizada a sociedade, tão pouco nos foi "ensinado formalmente" o que pensa e sente a nossa cultura. Este aprendizado aconteceu indiretamente, pela experiência acumulada nos numerosos pequenos eventos, insignificantes em si mesmos, mas através dos quais travamos relações com diversas pessoas e aprendemos a orientar nosso comportamento para o ajustamento social. Tudo isso foi possível graças à comunicação diária com pais, amigos, familiares, igreja, ônibus, lojas etc, que transmitiram as qualidades e características essenciais da vida da nossa sociedade.

Skinner (1978) inicia o livro Comportamento Verbal com a seguinte frase: "Os homens agem sobre o mundo e o transformam, e são, por sua vez, transformados pelas conseqüências de suas ações." Este autor define o comportamento verbal como todo aquele comportamento mediado por outra pessoa, e assim inclui no verbal, gestos, sinais, ritos e obviamente a linguagem. Assim, podemos dizer que o homem, ao falar, transforma o outro e, por sua vez, é transformado pelas conseqüências da sua fala. Descreveremos, então, quatro exemplos para entendermos melhor este processo de

mútua transformação:

Um artesão ensina seu filho a fazer potes de cerâmica: compartilha com ele o conhecimento e a experiência. Ambos usam palavras, gestos, objetos e movimentos como meio de trocar suas percepções e intenções. O barro da terra se transforma em uma nova realidade. Nesta situação, ao mesmo tempo, o pai e o filho se modificam: o velho torna-se, mais que pai, mestre; e o filho não é mais apenas filho/aprendiz, ele converte-se em artesão.

Um médico atende um paciente. Nesta consulta, ele colhe todas as informações que considera necessárias, pede exames, faz algumas orientações e aguarda o resultado dos exames para fazer o diagnóstico. Por ser um caso complicado, faz pesquisas, discute e troca experiências com alguns colegas. No momento da outra consulta, fala ao paciente qual é o diagnóstico, esclarece as dúvidas, pelas expressões e pelos questionamentos do paciente busca identificar o grau de compreensão, e como será a adesão deste ao tratamento. Neste encontro não apenas o paciente foi transformado pelas orientações do médico, mas o próprio médico, depois deste paciente, ele já não será mais o mesmo, com ele também ocorreu uma transformação.

Um ator que atua em uma peça de teatro. Durante a peça, o ator e a platéia se comunicam: o ator diz suas palavras, faz seus gestos, caminha, pula, se ajoelha. A platéia embora, não fale com as palavras, o faz com seu silêncio respeitoso, com suas lágrimas emocionadas, com seu aplauso entusiasmado. Com estas respostas do público e neste momento, ator e o público se transformam: o ator se sente mais seguro, bem compreendido, até mais querido. O público, por sua vez, ao final da peça, volta à rotina de sua própria vida, não volta para casa o mesmo. Algo aconteceu, o contato com a peça e com o desempenho do ator fizeram surgir novas percepções, novas reflexões, novos questionamentos. Público e ator retornam para casa alterados, com outro humor, às

vezes mais calmos, às vezes mais angustiados, mas com certeza transformados, diferentes de quando entraram no teatro.

Um locutor de rádio que anima diariamente as manhãs de qualquer cidade. Sentado na sua salinha ele se comunica com seu público. Para manter a atenção de seus ouvintes, enquanto transmite os acontecimentos do mundo, ele usa, além de suas palavras, a música e os efeitos de som. Através de um complexo mecanismo tecnológico (a emissora) ele simultaneamente "conversa" com milhares de pessoas. Embora os ouvintes não tenham condições de dialogar com o locutor, como o artesão com o seu filho, ou o médico com o seu paciente, uma interação é também estabelecida, apesar de não presencial é sinalizada por outros recursos (telefone, audiência, cartas, etc). Mesmo sem o contato direto, o locutor apresenta-se como um mediador, um porta voz de vários desejos, e mesmo que imperceptivelmente, o locutor e os ouvintes estabelecem as mútuas transformações.

A rádio atinge milhares de pessoas, as informações e as mensagens que o locutor transmite no ar são carregadas de significado. Chegam ao lavrador como a esperança, pois é através do rádio que este trabalhador recebe as informações sobre o tempo, ou da valorização/desvalorização da sua produção. O locutor, mesmo sem conhecer aquele lavrador, repassa para ele as informações que o auxiliarão no planejamento de suas ações.

Nos quatro casos observamos a grande gama e complexidade na qual a comunicação se realiza. As pessoas não se comunicam no vazio, mas dentro de um ambiente, como parte de uma situação, como momento de uma história.

Na vida em sociedade os homens desejam cooperar, partilhar as coisas, dividir o conhecimento, as emoções, as informações, o homem almeja reconhecer-se e ser reconhecido como humano. Em toda interação humana, alternamos nossos papéis,

somos constantemente transmissores e receptores de mensagens e afetos. Cada posição assumida será sempre determinada pela situação, pela necessidade impetrada, pois desde o mais simples ato de comunicação, o passado, o presente e o futuro estarão sempre presentes. A cada processo de comunicação é impetrada uma transformação no Outro.

5.5- O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

Apesar da comunicação ser um fenômeno universal e de haver uma concordância quase absoluta entre as pessoas sobre o seu efeito organizador e mediático das relações, há uma relativa negligência quanto ao seu processo e, comumente, sentimos apenas a sua falta, mas não percebemos e valorizamos a sua presença.

Foi pelo processo de comunicação que desde a infância fomos estruturando o nosso mundo (interno e externo). Na medida em que vamos formando o nosso sistema de significantes, proporcionado pelos que o rodeiam. Cada um de nós, através da interação com o meio vai, encontrando formas de se auto-definir, às custas das esquematização (esquemas), do confrontar e concordar (identificação e diferenciação), nos reconhecemos, planejamos e realizamos as nossas ações. É a partir das informações recebidas e processadas que nós vamos definindo as nossas posições e as dos outros. É o que Ciampa (1999) chama de jogo de espelhamentos (de diferenças e igualdades) para a formação da identidade.

Para Ciampa, nós somos nossas ações, nós nos fazemos pela prática, e o grupo ao qual fazemos parte existe por causa das relações que se estabelecem entre os membros, sendo todas estas práticas e estas relações estabelecidas por e pelo trabalho. Para este autor, quando queremos conhecer a identidade de alguém, quando queremos

saber quem alguém é, precisamos obter as informações para formarmos alguma referência. Assim é fundamental haver a confiança tanto na fonte quanto na própria informação. É através das informações recebidas que interpretamos e analisamos cada situação.

A nossa convivência com os outros seria muito difícil se não houvesse uma suposição compartilhada por todos nós, uma confiança pré-estabelecida, de que um indivíduo é a pessoa que é, o quê nos é dito pode ser confiado. Pautamos nosso mundo nestas relações, se as informações são verdadeiras, a realidade vivida pode ser considerada como conhecida, desta forma nos sentimos seguros.

A vida grupal, pautada no trabalho coletivo, foi organizada e mediada pela comunicação. Na medida em que houve a parcialização das tarefas, o repasse das informações passou também a ser algo essencial para garantir a sobrevivência do grupo e manter o indivíduo consciente de sua ação em relação ao todo. O grau de confiabilidade da informação e o respasse adequado desta informação são aspectos constitutivos para a estruturação da confiança tanto no outro quanto no grupo como um todo. É esta confiança no grupo que possibilita a formação da identidade social e o sentimento de pertencimento.

Segundo Baldissera (2000), a falta de confiança e de credibilidade no emissor ou na própria finalidade da comunicação, gera o desinteresse pela mesma, levando o emissor a não se comunicar com aquele que seria o receptor. Isso acaba criando filtros baseado em concepções próprias, que vão gerar conflitos.

Nos ambientes de trabalho, o repasse e a confiança na informação deveria receber um cuidado maior. O que normalmente se observa é um enorme descaso quanto a isso. A falta da informação ou a sua presença, na forma duvidosa, separa o indivíduo do grupo e muitas vezes do seu próprio trabalho. Isso é facilmente observável em

situações de trabalho em que um colega depende da informação do outro para realizar a sua tarefa, e após concluir a tarefa verifica-se que esta não foi efetuada a contento ou de forma diferente da instruída. Na avaliação da tarefa constata-se que o problema foi a "comunicação", ou seja, o repasse da informação não aconteceu como deveria, e isso prejudicou o resultado final. De forma geral, isto é até bastante reconhecido nos ambientes empresariais. Há uma vasta gama de estudos sobre a comunicação organizacional, contudo a perspectiva de análise está sempre focada nas distorções do resultado, não havendo a avaliação das conseqüências disto para o próprio trabalhador.

5.6- O PRODUTO DO TRABALHO

Segundo Codo, Sampaio e Hitomi (1994d), o trabalho é mágico. É através do duplo caráter transformador do trabalho (de transformar e ser transformado) que o homem se imortaliza, o trabalho pereniza o gesto do trabalhador e ao mesmo tempo se imortaliza. É isso que permite o homem, enquanto ser histórico, permanecer apesar de si. Através do trabalho o homem é sempre imortal, e o produto do trabalho é a corporização desta permanência do homem apesar dele mesmo. Os produtos do trabalho são os seus vínculos com os outros homens, com o tempo, com o passado e com o futuro, na construção da história.

O produto do trabalho representa e re-apresenta o homem. Ao representar o homem, o produto do trabalho tem o papel de re-apresentar o homem ao mundo, ou seja, ao fabricar a serra o homem comparece diante de todos os outros a cada momento que a serra é utilizada. O trabalhador, através do seu produto comparece, perante os outros homens, materializado.

Em todos os tipos de trabalho, independentemente do tipo de produto, o processo de comunicação se faz presente, em maior ou menor grau, determinado de acordo com a necessidade relacional que o trabalho exige. Dos trabalhos autônomos ao trabalho fragmentado nas fábricas e burocratizado nas instituições públicas, a comunicação acompanha e engendra o processo de produção.

Peguemos o exemplo de um marceneiro. Este produz banquetas, cadeiras e mesas, ele utiliza a madeira como matéria prima, através das ferramentas como o serrote, o martelo, os pregos e lixas ele vai transformando um pedaço de madeira em uma mesa. Quanto mais a madeira se modifica do seu estado bruto e adquire forma, mais ele se identifica como marceneiro. É assim que o produto vai tomando forma e dando forma ao seu produtor. Ao término da mesa e da constatação do bom trabalho, ele se reconhece como marceneiro. Mesmo não ficando com a mesa ele é dono do seu trabalho, o seu produto está pronto e ele o apresenta para o mundo, agora o seu produto esta pronto para ir modificar o outro. É um jogo de espelhos que, em última instância, constrói o que chamamos de identidade social, os modos como o trabalhador constrói a si e se apresenta perante o outro.

É pela comunicação que o jogo de reconhecimento se faz presente, pois é através dela que os objetos são re-apresentados com toda a sua carga humana. É via linguagem que o conteúdo interno torna-se externo, é por essa via que os outros tem acesso a minha subjetividade e eu à dos outros, sem a manifestação exteriorizada não há o acesso. É na produção destes significados, produzidos pelo apropriar o externo e reapresentar o interno, que são produzidos os conceitos e organizada a sociedade. É no reconhecimento mútuo engendrado pela comunicação que eu reconheço a mim e ao Outro.

Voltando ao marceneiro, aparentemente ele trabalhou solitário para a construção da sua mesa, mas com um olhar mais próximo deslindamos os encobertos processos de comunicação que se fizeram necessários para a concretização do produto. No momento em que o solicitante procura e explica ao marceneiro as suas necessidades, as características que deverá ter a mesa que ele deseja (produto a ser consumido), ele manifesta pela fala e gestos a sua necessidade. Não é apenas a madeira, o serrote, o martelo e os pregos que possibilitarão ao marceneiro poder construir a mesa, são também as informações fornecidas pelo cliente que farão do pedaço de madeira um produto. É através do processo de comunicação que o marceneiro tem acesso ao desejo do outro, negocia-se então o produto, estabelece-se a relação de troca. Através deste processo de comunicação, vai se identificando e conformando o que um necessita e o que o outro pode oferecer. Apesar da autonomia do marceneiro para fazer o seu trabalho, as informações do cliente são fundamentais para a construção da mesa.

5.7- O OUTRO COMO PRODUTO

Há alguns tipos de trabalho, trabalhos menos palpáveis, cujo produto é a modificação do outro. Este tipo de atividade requer prioritariamente a utilização da fala como via de acesso à atividade. Como, por exemplo, no exercício profissional do assistente social, do psicólogo, do médico, etc. Nos tipos de trabalho onde o produto é o Outro, ou melhor, a modificação direta do Outro, estes são trabalhos relacionais cujos produtos estão dentro do Outro e tangíveis apenas via a comunicação do seu portador. Desta maneira então questionamos: Qual é o produto do trabalho do psicólogo? Qual é o produto do trabalho do assistente social? Qual é o produto do trabalho do médico? Com certeza, o trabalho destes profissionais não é o número de atendimentos realizados.

Através de conversa, da investigação com o levantamento das informações, da criação das hipóteses, das identificações de alguns fatos, médico, psicólogo e assistente social vão compondo as estratégias para trabalhar e gerar o seu produto. Neste tipo de trabalho (não material), o produto não é separável do ato de produção, ou seja, o ato de produção e de consumo são simultâneos. A sessão psicológica é produzida e consumida ao mesmo tempo (produzida pela própria relação estabelecida). A complexidade deste processo se dá na medida em que o paciente não é mero consumidor da sessão, ele é também objeto de trabalho, já que é sobre ele que incide o trabalho do psicólogo. Neste processo, o paciente e o psicólogo são transformados não apenas no momento da sessão, mas para além dela. Mas colocar o paciente somente como objeto de trabalho limita a análise, pois ao mesmo tempo em que o paciente é consumidor, ele é o objeto de trabalho, ele é sujeito da psicoterapia e co-produtor desta atividade. Como tal, o paciente é o responsável em demonstrar a sua transformação para que o psicólogo possa reconhecer seu trabalho.

O médico não é médico porque medica, ele se reconhece como médico na medida em que consegue promover a melhora da saúde do paciente, o psicólogo não psicologiza, o produto do seu trabalho é o Outro, ele promove a melhora da qualidade de vida do paciente, instrumentaliza o paciente a se estabelecer no mundo, o assistente social é o mediador para que o indivíduo consiga exercer sua cidadania.

Destacamos aqui que encontramos o mesmo processo também em profissões como, vendedores e recepcionistas. Qual é o trabalho do vendedor e do recepcionista? O que eles produzem? O vendedor vende! Mas vende o quê? Ele vende não apenas a mercadoria, mas o seu trabalho é a possibilidade de aumento do status do Outro. A atenção dispensada com a exposição de vários produtos, os elogios, o reasseguramento do status que a mercadoria implicará para o cliente. O trabalhador de vendas utiliza ao

máximo a sedução, para realizar o seu trabalho ele precisa que o Outro se deixe seduzir pelo seu discurso e pela mercadoria. Ele transforma o Outro pela sedução. Já o recepcionista trabalha com a informação, é ele o mediador do cliente ao serviço. Seu trabalho é prover o outro de esclarecimentos, e é com estes elementos que o Outro forma as suas opiniões sobre o serviço. Estes trabalhadores têm como ferramenta de trabalho a própria habilidade de comunicação e o seu produto também não é palpável.

Em todas estas profissões o produto do trabalho é a modificação direta do Outro, ele está direta e internamente no Outro. Para se reconhecer como médico ele precisa que o paciente tome a medicação, conforme foi prescrito por ele, é preciso que o paciente volte para o retorno da consulta, que os exames e o paciente digam que ele está seguindo as instruções e que está melhorando. Para se reconhecer como vendedor é preciso que o cliente expresse sua aceitação e compre alguma mercadoria oferecida.

Enfatizamos que nestas profissões citadas, para que haja o reconhecimento da sua identidade profissional é necessário que haja a troca, que se estabeleça a inter-ação, que o profissional receba o feedback do Outro. É através do feedback do Outro que cada um destes profissionais cria o seu espelho, pois diferente do marceneiro que toca a sua mesa e sente seu produto, o psicólogo, para se reconhecer como psicólogo, precisa do feedback do paciente, e esse feedback ele obtém de várias formas: na medida que o paciente adere ao tratamento e volta nas sessões, em como o paciente descreve a melhora de seu humor ou relata comportamentos e pensamentos modificados a partir do início do tratamento. E todas estas formas de reconhecimento da modificação do Outro se dão via o processo de comunicação.

Na maioria dos trabalhos, se pode traçar um esquema assim:

Modificar a natureza > modificar a si mesmo > produto > modificar o Outro

Quando o trabalho possui como produto direto o outro, o esquema fica assim:

Modificar a si mesmo > modificar o Outro.

A mesa do marceneiro se concretizou, ela está ali, reconhecível de imediato, permite ao marceneiro a recuperação dos gestos que a realizaram. No trabalho do médico, psicólogo, assistente social, vendedor, recepcionista (entre outros) é muito difícil recompor o trajeto, é difícil reconhecer a marca específica do trabalho. Como o seu produto é o Outro, ele está condenado à relação. Ele depende, para se reconhecer, que o Outro o reconheça. A "impressão" do seu trabalho está contida no Outro, e é apenas através da comunicação do seu portador (o Outro) que o trabalho é re-apresentado a ele. Re-apresentado a ele através da fala, dos gestos, do sorriso, da escrita, ou seja, através da comunicação de volta que o Outro lhe fornece.

Nos trabalhos em que o produto é a modificação direta do Outro, se fixa a dupla relação de transformação, entre homem (ser humano) e objeto (o outro que recebe). O processo é simultâneo e direto, na medida em que se atende alguém/ cuida de outrem, o cuidador também se transforma e, na medida em que transfere para o outro parte de si, começa a sua procura no Outro de seu trabalho realizado, pois neste trabalho a produção e o consumo são sempre simultâneos.

> "Quando o homem se relaciona com o mundo, imprimindo-lhe a sua marca, além da energia física ele despende também uma energia psíquica, enquanto dá significação às coisas. O trabalho humano se dá justamente neste terreno de dupla troca entre a objetividade do mundo real, que concretiza o ato para o indivíduo, e a subjetividade do homem que atribui um significado ao mundo real ao modificá-lo através da sua ação". (Codo e Vasques-Menezes, 2002, p. 52)

6- COMUNICAÇÃO E TRABALHO

Existem infindáveis modalidades e processos de comunicação, que se apresentam diferentemente em cada caso. Vamos ater-nos aqui a duas análises específicas, e que julgamos relevantes para o entendimento do processo de comunicação imbricado com o trabalho. A primeira refere-se ao processo de comunicação organizacional, e a segunda ao processo de comunicação do grupo de trabalho.

6.1- A COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

A comunicação pode ser interpretada sob um duplo sentido. O primeiro, a partir da origem da palavra, do latim *comunicare*, quer dizer comunhão, estar com, partilhar alguma coisa. O segundo, apesar de também derivado desta mesma raiz etimológica, é entendido na perspectiva de dar conhecimento às pessoas de alguma coisa, informar.

Os dois entendimentos não são necessariamente divergentes. Contudo, na prática eles apresentam diferenças fundamentais e servem para diferentes propósitos no processo comunicacional dentro de qualquer organização. No primeiro entendimento, como comunhão e compartilhamento, a comunicação é compreendida como um processo horizontal, e o seu principal objetivo é diálogo. Constitui-se em um processo dinâmico e interativo, no qual os diferentes interlocutores podem emitir e receber mensagens, interpretá-las e reinterpretá-las na construção do significado.

No segundo entendimento, a comunicação assume a idéia de informar ou dar conhecimento de alguma coisa a alguém, a relação entre o emissor e o receptor é mais hierarquizada. O emissor detém o papel ativo de selecionar e emitir as mensagens, restando ao receptor a tarefa passiva de interpretá-la, não há a interlocução, cabe ao

receptor adotar, sem muita discussão e crítica, as idéias e determinações do emissor. Esta é a perspectiva preferencialmente adotada por organizações mais autoritárias e com estruturas mais verticais de poder.

Lite (1997) realiza uma breve revisão da evolução conceitual da comunicação organizacional. Destaca algumas teorias que tem marcado os estudos da comunicação organizacional, tomando como referência dois grandes períodos: de 1900 a 1970 e de 1970 até o presente momento.

No período que se estende de 1900 a 1970, os diferentes conceitos e teorias desenvolvidos apoiaram-se fundamentalmente na Doutrina Retórica Tradicional, na Teoria das Relações Humanas e na Teoria da Gestão Organizacional.

A partir de 1970, as abordagens teóricas centraram-se na Teoria Moderna ou Empírica, na Teoria Naturalista e na Teoria Crítica. A Teoria Moderna ou Empírica tem os seus objetivos voltados para a medição e controle. A ênfase recai no empirismo quantitativo. A organização é entendida como uma realidade objetiva, que pode ser 'mensurada'. A preocupação está na eficácia da comunicação nas organizações sob a ótica da direção. A organização é tida como uma máquina, seus objetivos e fins estão voltados para o cumprimento das metas propostas. E a comunicação seria apenas uma ferramenta que viabilizaria o cumprimento dos objetivos e metas organizacionais. A comunicação nessa perspectiva se caracteriza como um modelo linear e mecânico, como uma engrenagem de uma máquina.

A Teoria Naturalista busca revelar a organização a partir de uma 'verdade' que está fora dela, a realidade organizacional é entendida como um fruto da construção social, ou seja, vai sendo construída historicamente. A organização assemelhar-se-ia a um organismo, é orgânica. Sendo uma entidade cultural específica, concebida como uma comunidade única de linguagem e de outras formas de ação simbólica. A

comunicação seria parte integrante da organização, no sentido de que a comunicação faz a organização, ou melhor, seria a condição necessária da organização. Segundo Lite (1997) nessa abordagem são encontrados estudos de casos desenvolvidos por Redding, as teorias 'retóricas' da comunicação organizacional com estudos de Bormann; Tompkinns e Cheney e a teoria cultural de Pacanowsky e O'Donnell-Turjillo.

A Teoria Crítica é mais recente. Representada principalmente pelos teóricos e seguidores da Escola de Frankfurt, possui seus pressupostos teóricos no materialismo histórico. A organização é vista como uma arena de conflitos: um campo de batalha – o locus do conflito de classes. Para os pesquisadores desta perspectiva, a opressão organizacional não reside apenas na estrutura social ou no processo simbólico. A opressão está na relação entre a estrutura social e o processo simbólico. A comunicação nessa perspectiva é tida como instrumento de dominação. E a realidade organizacional é o reflexo desses 'embates', sendo considerada como um 'instrumento de dominação e opressão'. A comunicação, assim, assume um papel de mecanismo de mascaramento das realidades materiais da organização. Trata-se da distorção sistemática da comunicação, a qual se constitui uma ação deliberada e contínua do processo simbólico, visando cooptar os interesses dos empregados. Enfatiza os aspectos ideológicos da comunicação, admitindo-a como causa de uma falsa consciência entre dirigentes e trabalhadores.

No início da década de 1970, empregava-se a expressão comunicação empresarial. Mas com o desenvolvimento da área, a evolução dos modelos e a multiplicação das estruturas de comunicação, passou-se então a utilizar a terminologia "comunicação organizacional". As ferramentas da comunicação cresceram em importância para o desenvolvimento das empresas, assumindo um papel fundamental em organizações como sindicatos, associações, federações, escolas, clubes e partidos

políticos. Por isso, a transformação do termo empresarial para organizacional, uma designação mais abrangente e mais apropriada para essa nova realidade.

O crescimento da preocupação com a comunicação organizacional ocorreu concomitante com o desenvolvimento da psicologia industrial, social e com as teorias da organização, principalmente, com as teorias sistêmicas, que consideram a comunicação como seu elemento fundamental.

A comunicação organizacional refere-se a toda rede de relações discursivas que ocorrem no âmbito das organizações. Entretanto, como ressalta Baldissera (2000, p. 26), "a comunicação organizacional é pensada, porque não dizer, reduzida a um sistema de informações".

Apesar dos teóricos da comunicação buscarem conceituar comunicação organizacional como o processo de construção de sentidos e diferenciando que a informação refere-se apenas às mensagens postas em circulação, a literatura especializada em comunicação organizacional ainda trata estes termos, comunicação e informação, quase como sinônimos, ocasionando uma posição reducionista para este fenômeno.

Kreps (1990) entende a comunicação organizacional como um processo através do qual os membros da organização obtém as informações pertinentes sobre ela e as mudanças que nela ocorrem. Na perspectiva deste autor, a comunicação organizacional desempenha uma função de fonte de informação (data-gathering) para os membros da organização.

Já para Riel (1995), a comunicação organizacional abrangeria todas as formas de comunicação utilizadas pela organização, para relacionar-se e interagir com seus públicos. Ela englobaria as relações públicas, as estratégias organizacionais (public affairs), marketing corporativo, propaganda corporativa, comunicação interna e externa,

enfim, todo o grupo heterogêneo de atividades de comunicação, voltadas fundamentalmente para os públicos ou segmentos com os quais a organização se relaciona e depende.

São diferentes as abordagens e perspectivas na forma de compreender a comunicação organizacional, entretanto um elo comum entre vários autores é a preocupação em definir e caracterizar campo de abrangência, almejando atribuir-lhe um lugar de destaque nas organizações.

Albuquerque & Puente-Palácios (2005) destacam que um dos aspectos que mais deveria ser cuidado nas organizações seria o das comunicações entre as pessoas e os grupos. Infelizmente, este é um aspecto muito descuidado, gerando como conseqüência resistências, conflitos, e, na maioria das vezes, ocasionando prejuízos que poderiam ser evitados.

Para Restrepo J. (1995, apud Scroferneker s/d), a comunicação nas organizações deve ser entendida de forma integral, permeando todas as ações organizacionais, viabilizando de maneira permanente a construção de sua cultura e identidade, e marcando um estilo próprio e suas formas de projetar-se exteriormente (a construção de sua imagem). Este autor entende a organização como unidades coletivas de ação constituídas para atingir fins específicos, dirigidas por um poder que estabelece uma forma de autoridade que determina o status e o papel de seus membros. A organização é entendida como uma expressão particular e concreta de sistema de ação histórica e de relações de classe e como uma atividade regulada por decisões que emanam de um sistema político. Para este autor, a comunicação é considerada como um composto que dá forma à organização, que a informa fazendo-a ser o que é. Desta forma, ele estabelece quatro dimensões do processo de comunicação organizacional:

– como informação (o que dá forma), enquanto configurador das operações próprias de cada organização. São as circulações estáveis que viabilizam os negócios, o sistema normativo (missão, valores, princípios, diretrizes, políticas...) que sustenta a prática na organização;

– como divulgação, no sentido de tornar público;

– como gerador de relações voltadas para a formação, a socialização e, ou o reforço de processos culturais. Oficialmente utilizado nas atividades recreativas, rituais e celebrações;

– como participação, como ação de comunicação do 'outro'. Na escuta e reconhecimento do outro. Identificados nos trabalhos em equipe, nos programas de sugestões, ou seja, em todas as práticas organizacionais que oportunizem a efetiva participação, estabelecendo e fortalecendo os vínculos de pertinência e compromisso com a organização.

De uma maneira geral, as organizações têm investindo mais energia e recursos financeiros em ações comunicacionais voltadas para o público externo, negligenciando a importância da comunicação interna e, prioritariamente, utilizando-se do modelo apenas informacional, de transferência de informações. Tal opção evidencia o desconhecimento do poder da comunicação como ferramenta estratégica. Cabe, portanto, ampliar as discussões sobre o tema, contribuindo para que a comunicação ocupe o espaço reconhecido das organizações.

6.1.1- DIREÇÃO DA COMUNICAÇÃO

Segundo Dasi et al.(1996) e Marin(1997) (apud Rhoden e cols, 2003), a comunicação organizacional interna é composta por três tipos de comunicação:

descendente, ascendente e horizontal. A comunicação descendente é a realizada a partir dos níveis hierárquicos, ou seja, dos superiores às posições inferiores. Ela objetiva passar o maior número de informações possíveis aos subordinados para que possam desenvolver suas atividades; pode ser feita através de reuniões em grupo ou individuais, de memorandos, comunicados internos e outros tipos de informes. Já a comunicação ascendente ocorre dos níveis hierárquicos inferiores para os superiores e promove a participação mais efetiva dos colaboradores, que podem sugerir idéias para melhoria de processos de produção ou do ambiente de trabalho. Ocorre por meio de reuniões periódicas, em grupo ou individuais, através de telefone, cartas aos superiores, relatórios, formulários e outros documentos escritos. Já a comunicação horizontal ou lateral caracteriza-se pela sua maior informalidade, podendo ocorrer entre pessoas do mesmo grupo ou entre os diferentes grupos, ocorre num mesmo nível hierárquico, fazendo com que os colaboradores trabalhem como uma equipe multidisciplinar, onde todos têm responsabilidades iguais. Pode ser feita através de reuniões entre departamentos, através de relatórios e comunicados variados, como cartas internas entre departamentos, revistas informativas internas etc.

Quanto mais vertical é o contexto da comunicação, maiores são as chances de conflito e desentendimento entre as pessoas, o que, por sua vez, compromete e dificulta as tarefas e a integração das pessoas e equipes de trabalho. A demarcação rígida entre quem pode falar e mandar, e quem deve calar e obedecer, gera conseqüências na integração, respeito dos objetivos e implementação da ação. Pois como alguns se tornam os responsáveis pelo desenvolvimento do trabalho, outros se vêem menos compromissados com o esforço coletivo para o alcance dos objetivos.

Em um contexto verticalizado de comunicação, é comum a presença de formas de interdição das falas, de silêncios e de passividade das pessoas. Pois o poder de falar,

de decidir e de agir é tão concentrado em determinadas pessoas que as outras não se sentem responsáveis em participar das decisões, e preferem assumir a posição de apenas obedecer ordens. A opinião, quando confrontadora, tem um custo emocional e político para as pessoas, e dentro de uma comunicação vertical torna-se preferível e vantajoso, para o indivíduo não emitir a sua opinião e restringir ao máximo a sua participação. Neste contexto hierarquizado, o poder concentra-se nas mãos de pessoas detentoras de cargos ou de alguma forma de saber (chefes, gerentes, coordenadores, médicos, advogados, etc.) e isto de certa forma inibe os outros membros a participarem, ou por insegurança ou pela pouca valoração e credibilidade que assumirá a sua opinião. Outra questão importante é a ausência de condições reais para a participação, como as reuniões decisórias ficarem circunscritas a determinado grupo, impossibilitando, mesmo que desejado, a participação de todos os membros do grupo, ou a falta de recursos físicos necessários, como ausência de telefones, computadores, conexão a internet, entre outros. Instrumentos que, algumas vezes, ficam disponíveis apenas ao grupo dominante.

São muitas as variáveis, no contexto da comunicação, que dentro de uma organização ou grupo, facilitam ou dificultam a integração e ação de um grupo de trabalho. É assim que as variáveis citadas, no contexto verticalizado de comunicação, podem potencialmente transformarem-se em terreno fértil para a geração de boatos, fofocas e conflitos que corroem a coesão e o trabalho em equipe. Segundo Robbins (1999), se a comunicação é verticalizada, mas de mão dupla, onde há o equilíbrio da comunicação para baixo e para cima, o comprometimento dos empregados aumenta.

Como na mão dupla, na forma de comunicação horizontal, as possibilidades de falar, intervir e participar são mais democráticas. Isto não significa a quebra de todas as hierarquias, mas o reconhecimento de que os seus membros, conscientemente, cumprem diferentes funções em torno dos objetivos comuns do grupo. O exercício do processo

real de comunicação (de emitir, receber e dar o retorno) torna mais fácil a sincronização das ações e o estabelecimento e reconhecimento do objetivo comum da organização ou do grupo. Mas para que isso seja possível, é necessário que haja a disponibilização de informações, a possibilidade de manifestação e expressão por parte de cada membro do grupo, independente da hierarquia ou cargo.

6.1.2- O VALOR DAS INFORMAÇÕES

Como acontece em qualquer grupamento humano, incluindo grupos de trabalho, é a inerente disputa pelo poder. Não é nova a afirmação que o conhecimento é poder, e, neste contexto, se uma pessoa estiver envolvida em algum tipo de disputa de poder, esta passará ou restringirá a circulação de informações, de acordo com os seus interesses. A circulação ou não de informação sempre se constituirá em uma tática grupal para desestabilizar os inimigos e influenciar no jogo de posições políticas dentro da organização ou grupo.

Embora não sejam coisas separadas, ressalta-se que comunicação é diferente de informação. Informação é o conteúdo de uma mensagem, enquanto a comunicação é o processo que promove a circulação e a compreensão da informação. A informação é algo novo que pode ou não ser incorporado ao nosso conhecimento e comportamento. O acesso às informações aumenta a possibilidade do conhecimento e torna o mundo em que vivemos mais reconhecível, mais familiar.

6.1.3- O PAPEL DA CHEFIA INTERMEDIÁRIA

Apesar de ser um fenômeno muito comum na disputa de poder, questão da concentração das informações, sua retenção e circulação é mais facilmente observada no papel das chefias intermediárias.

> "Num jogo de futebol, os jogadores do meio de campo exercem decisiva missão para o sucesso do time. Recebendo a bola dos companheiros de retaguarda, armam as jogadas, controlam as posições do ataque e, com alguma habilidade, vão construindo as táticas e passes que permitem à linha da frente arrematar os finais com a eficácia do gol. Na empresa, os jogadores do meio de campo executam função semelhante. De sua eficiente conduta, dependem as jogadas que permitem aos grupos dianteiros executar com sucesso as tarefas. Refiro-me à atuação das chefias intermediárias, consideradas em todas as organizações peças-chave da árdua batalha da produtividade." (Torquato, 2003)

Segundo este autor, as análises de relatórios de pesquisas sobre o clima organizacional têm, invariavelmente, apontado para o desempenho das chefias intermediárias como um dos principais gargalos da administração. A problemática configura-se, fundamentalmente, na retenção das informações pelos níveis médios. O ideal seria que os profissionais que ocupam esta posição, ao receber as informações e os dados (dos escalões mais altos) deveriam repassá-las para seus subordinados, dando a vazão e fluidez ao processo, tanto operacional como decisório. Entretanto, o que muitas vezes se observa é a retenção das informações, fazendo emergir uma infinidade de problemas, como, por exemplo, a falta de confiança e de respeito dos subordinados para com a sua chefia.

São inúmeros os relatos de trabalhadores de áreas meio que se queixam de não contarem com informações e orientação suficientes para dar seguimento ao seu trabalho. Como conseqüência, os resultados revelam-se em processos confusos, decisões

vagarosas, duplicação de tarefas, perdas de tempo e energia, ausência de transparência normativa, diminuição da produtividade, sentimentos paranóicos, impotência, apatia e alienação dos trabalhadores.

Segurar informações faz parte do sedutor jogo do poder. Quem possui muitas informações e articulações, via de regra, consegue ocupar razoável espaço organizacional. Este fenômeno de guardar informações explica-se como uma tática de escalada do poder organizacional, configura-se como medidas estratégicas que conferem status a quem as detém. Os possuidores de informações, no geral, sentem-se psicologicamente envaidecidos e prestigiados, e só fazem o repasse das informações na medida em que isto serve para fortalecer seu poder.

Apesar de relativo status que este jogo de retenção de informação promove, é algo muito arriscado para uma chefia, no sentido de que quando o costume é de reter as mensagens, retém-se também informações que são estratégicas, normativas, técnicas, operacionais; e, como conseqüência, gera uma estratégia de resistência entre os subordinados que, por sua vez, sempre que possível, utilizarão a mesma tática contra a chefia.

6.1.4- REDES FORMAIS VERSUS INFORMAIS

Para Robbins (1999), as redes de comunicação definem os canais pelos quais a informação flui. Esses canais são de duas variedades: os formais e os informais.

As redes formais são geralmente verticais, seguem a hierarquia da empresa e/ou instituição, ou seja, retratam a cadeia de autoridade, e são limitadas às comunicações relacionadas com as tarefas. A comunicação formal é a que é feita através de documentos oficiais. É com este tipo de rede que os profissionais costumam preocupar-

se mais, por ser a mais visível e a que possui algum tipo de identificação pessoal, pois ela geralmente tem um curso e vem oficialmente assinada.

A rede informal é livre para mover-se em qualquer direção, pular níveis de autoridade e tem a probabilidade de satisfazer as necessidades sociais dos membros do grupo enquanto facilita a realização das tarefas. A comunicação informal é todo o contato espontâneo entre colegas de trabalho, como os bate-papos de corredor. A rede informal, ou pela falta de conhecimento do seu potencial, ou porque não se apresenta de maneira tão visível, fica frequentemente relegada a um segundo plano. Sinalizamos aqui a relevância da comunicação informal, pois ela é uma fonte importantíssima. É ela que carrega as interpretações subjetivas dos enunciados emitidos formalmente pela organização.

No geral, estas duas redes de comunicação suplementam-se mutuamente. Geralmente a comunicação formal é utilizada para até oficializar um fato que já foi comunicado previamente através da comunicação informal. Portanto, para que a comunicação flua em todos os sentidos na organização, é necessário que haja um equilíbrio entre as redes formal e informal. Apesar de suplementares, estas duas grandes redes de comunicação acontecem de formas diferentes, em situações próprias e com projetos específicos.

6.2- A COMUNICAÇÃO DO GRUPO NO TRABALHO

A comunicação organizacional já foi muito estudada, sabe-se da necessidade de gerenciar a informação e o conhecimento, sabe-se que os ruídos ou as distorções que acontecem na comunicação podem acarretar problemas, algumas vezes incontornáveis. Entretanto, apesar de não ser uma novidade, poucos são os esforços mobilizados para a sua melhoria.

Hoje em dia, nas administrações ditas modernas, novas formas de comunicação são buscadas tentando suprir a falta da informação, ou fazê-la circular de forma mais rápida. Surgem novas formas de "grupalidade" onde os membros dos grupos não precisam estar presentes para realizar as tarefas, para compartilhar as informações ou para socializarem-se. De formas mais antigas, como aviso por escrito, memorando, correspondências internas às formas mais modernas e tecnológicas, como e-mails, comunicação em rede, fax, scanner, bases de dados de informação, estão permitindo não somente formar equipes virtuais de trabalho, permitindo que mesmo separados temporal e espacialmente, seus membros colaborem e compartilhem conhecimentos de forma mais rápida e mais "tecnicamente". Consequentemente, este novo tipo de comunicação tem modificado também a maneira das pessoas se relacionarem uns com os outros. A comunicação verbal direta e expressiva tem sido substituída por comunicações rápidas, que devem ser pontuais, limitadas às formas de polidez, reduzindo cada vez mais os espaços e o tempo de trocas. A artificialidade da comunicação tem requerido uma linguagem cada vez mais codificada, mais circunscrita a determinadas áreas, uma linguagem que cria "clubes privativos" cada vez menores e consequentemente excludente dos não pertencentes ao seleto grupo. Desta forma, um sistema que deveria unir, passa também a segregar.

A tentativa da comunicação "eficiente" disfarça a incapacidade destes métodos de lidar e melhorar as relações entre as pessoas. As técnicas "modernas" de comunicação fazem desaparecer o diálogo, o respeito pelo outro, o confronto das significações. Cada vez mais, perdem-se estes importantes aspectos que levam à crítica, à formação da consciência, à reflexão que levam ao questionamento e a mudança de ponto de vista.

Conforme já dito, comunicar faz parte da vida grupal, comunicar é mais do que a simples transferência de informação de um emissor para um receptor. Comunicar é um processo vivo, complexo e dinâmico, no qual as pessoas estabelecem relações de afeto, amor/ódio, confiança/medo, solidariedade/hostilidade, etc. A comunicação integra os múltiplos modos de expressão humanos, resultantes das variadas possibilidades do ser humano e de estabelecer seus relacionamentos.

A comunicação articula e integra os grupos, organiza o trabalho e o mantém a sua estrutura. Os relacionamentos dentro das organizações não obedecem às "caixinhas" do organograma, as redes de relações que se formam vão muito além do desejado e estabelecido pela organização institucional. A comunicação interna não se resume aos veículos de comunicação tradicionais, como jornais, murais, correio eletrônico, etc. O processo de comunicação interna é muito dinâmico e ultrapassa em muito o âmbito oficial, ele acontece em todo o ambiente de trabalho, em todos os seus recantos.

As organizações, apesar de buscarem e reforçarem as formas mais objetivas e técnicas de comunicação, entre os seus empregados, não conseguiu suprimir o desejo de afeto. Além das conversas de corredor os novos métodos tecnológicos são amplamente utilizados. Atualmente o e-mail é o veículo mais utilizado para a demonstração de afeto. Através de temas variados os e-mails são uma forma descontraída, divertida e bem humorada de montar o seu grupo social dentro do trabalho, de fazer circular mensagens sentimentais, lúdicas e motivadoras. Esta torna-se mais uma forma que os empregados utilizam os veículos formais, de forma "clandestina", determinando à sua maneira as próprias redes de relação, escolhendo os pares pelas afinidades e identidades e não pela definição do organograma.

6.2.1- O PAPEL DOS BOATOS

Uma das formas mais comuns da comunicação informal é o boato. Segundo Kapferer (1993), o boato é a mídia mais antiga do mundo, ele sempre existiu e está em todos os lugares, presente em todos os aspectos da nossa vida social, profissional, sentimental, etc. Kapferer explica que o surgimento do boato é, na maioria das vezes, espontâneo, e surge nas lacunas da informação oficial, "devido a mudanças sucessivas, o grupo tenta reconstruir o puzzle constituído pelas peças esparsas que lhe foram relatadas" (1993, p. 29). Em conseqüência disso, quanto maior o número de peças que faltarem, maior será a possibilidade de interpretação por parte do inconsciente dos indivíduos e, quanto menos peças faltarem, mais próxima da realidade estará a interpretação.

Segundo Robbins (1999), a divulgação de boatos possui três características principais. Primeira, ela não é controlada pela administração. Segunda, é percebida pela maioria dos empregados como mais crível e confiável do que comunicações oficiais emitidas pela administração de topo. Terceira, é amplamente usada para servir aos auto-interesses das pessoas dentro dela. Este autor também enfatiza os propósitos dos boatos::

> "boatos têm pelo menos quatro propósitos: estruturar e reduzir a ansiedade; dar sentido a informação limitada ou fragmentada; servir como veículo para organizar os membros do grupo, e possivelmente de fora do grupo, em coligações; e sinalizar o status do emissor (Eu estou por dentro e, com relação a esse boato, você está por fora!) ou poder (Eu tenho o poder de fazer você ficar por dentro!). (...) Um boato persistirá até que as vontades e expectativas criadas pela incerteza que fundamenta o boato estejam realizadas ou até que a ansiedade esteja reduzida." (p. 202)

Para Torquato (2003), os boatos são uma válvula de escape às expectativas geradas pelas organizações. Exemplifica que o boato se assemelha ao vapor da panela de pressão, que escapa para deixar os condimentos e materiais processados num ponto de cozimento. Ressalta que, em alguns momentos, essa pressão, de tão forte, chega a ameaçar o espaço social por onde se espraia, necessitando alguma forma de controle e comedido equilíbrio. Para tanto, é importante entender, de início, seu processo e desenvolvimento.

O boato varia na razão direta da importância e ambiguidade de um determinado assunto. Allport e Postman (apud Fonseca,1996, p. 95) construíram uma equação para explicar o fenômeno da circulação dos boatos:

B	~	I	x	A
(boato)		(importância do assunto para difusores e receptores)		(ambigüidade de que os fatos narrados estão revestidos)

Para estes autores, a ambigüidade seria decorrente da ausência ou escassez de informações ou da natureza contraditória do próprio indivíduo. Assim, a possibilidade de geração e quantidade de boatos irá variar com a relação dessas duas variáveis e, dessa forma, se a importância for nula ou se não houver ambigüidade, não existirá boato.

Kapferer (1993) defende que o boato é "um veículo eficaz de coesão social (...) e participar de um boato é também um ato de participação no grupo" (1993, p.48). Assim sendo, o boato como mecanismo de coesão é também uma das estratégias utilizadas pelos trabalhadores para enfrentar a alienação. O boato vem, de alguma maneira, compensar as falhas existentes na comunicação formal. A cada ingresso de adeptos, o círculo vai aumentado e, quanto maior a adesão de pessoas, mais verdadeira e

convincente se torna a informação para cada participante. Desta maneira o boato promove a integração de diversos segmentos internos, permitindo com isso a identificação das posições e valores, equilibrando, as tensões e angústias dos trabalhadores, e dando o sentimento de pertencimento e identidade.

O boato é, frequentemente, produto de um sistema de comunicação mal ajustado, incoerente, pouco transparente, confuso. Apesar de não haver muitos estudos sobre este assunto, nos poucos consultados há uma certa unanimidade entre os teóricos da comunicação do valor e da força do boato.

Para Torquato (2003), os ajustes de comunicação poderão diminuir os boatos. Assim, a utilização da rede de comunicação informal daria maior agilidade às mensagens, principalmente quando se conhece a extensão dos grupos. Destaca o autor que, "O boato, bem administrado, não faz mal. Faz mal querer combatê-lo, sem compreensão de sua natureza. Como se fosse possível matar uma característica inata dos grupos."

Por serem espontâneos e/ou intencionais, não se pode acabar com os boatos, eles são inevitáveis, são parte de um processo de luta dos trabalhadores para manter a sua humanidade, sua identidade e pertencimento a um grupo social. Estas manifestações informais e espontâneas do homem fazem parte dos mecanismos de conservação, comportamentos combativos relacionados à necessidade de enfrentar situações adversas e de defesa, parte do processo que Marx valorizou como uma das estratégias dos trabalhadores (a coesão grupal) contra a alienação, pois na medida em que os trabalhadores alijados dos processos de trabalho se unem (em sindicatos, por exemplo) eles podem encontrar os seus pares, e mesmo alienados do produto do seu trabalho, em grupo podem lutar, resignificar sua atividade e reencontrar-se como trabalhador e como espécie, voltando ao estado de mútua cooperação.

7- O SOFRIMENTO DA ALIENAÇÃO

7.1- O QUE É A ALIENAÇÃO

A Enciclopédia Máster Digital (2002) considera que o primeiro pensador social a usar o termo alienação foi Rousseau, para caracterizar o indivíduo que abre mão de "suas liberdades pessoais por direitos comuns garantidos em lei, submetendo suas vontades às conveniências, aos limites da vida em sociedade e, por extensão, à autoridade do Estado". Esta terminologia foi incorporada pelo direito, e é a abordagem jurídica do conceito de alienação, significando o ato de renunciar a algo, por sugestão imposta ou por decisão espontânea. Assim, partindo desta definição, podemos abdicar de bens materiais ou de direitos. Uma propriedade agrária pode ser alienada (desapropriada) de seu possuidor, para fins de reforma agrária. Um criminoso, ao ser preso, encontra-se alienado (preso), pois sua liberdade é entendida como representação de perigo para a sociedade (E.D.M., 2002).

Seguindo a mesma linha jurídica, o termo alienação fiduciária é usado para determinar a revenda de um bem móvel, através dos recursos de uma instituição financeira, a qual terá o domínio do bem até ser pago o valor adiantado. Ou seja, um carro adquirido com um empréstimo bancário é um carro alienado. Neste caso, o carro adquirido é e não é do proprietário. Mesmo que ele deseje, ele não poderá vendê-lo, pois este carregará o carimbo de alienado até a quitação com a instituição financeira.

A palavra alienação foi posteriormente aplicada por outros sociólogos, que ampliaram e modificaram a sua significação, levando a sua abordagem para fora do âmbito estritamente jurídico. Seguindo uma tradição humanística, o termo foi aplicado à 'incapacidade dos indivíduos de perceber e seguir regras do meio social', rompendo

com os vínculos recíprocos e independentes de cada pessoa, como os direitos, os deveres, a solidariedade e os demais compromissos que as pessoas se obrigam umas com as outras ao conviverem em uma sociedade. Foi utilizado pela psicologia para designar a perturbação do sentimento de identidade sob o peso das coerções culturais sobre o indivíduo. A expressão alienação mental por muito tempo foi utilizada pela psiquiatria, como definição psicopatológica da loucura. O sujeito está alienado mentalmente enquanto estiver com a sua razão perturbada, o que o tornaria inapto para a vida em sociedade. Ele é alguém que deixou de pertencer a si próprio, é um estranho a si mesmo, e, portanto, deve ficar alheado em um manicômio.

Mas foi Marx que promoveu a maior difusão do conceito de alienação, por ter usado o termo para criticar a hegemonia do capitalismo. Inicialmente, Marx foi influenciado pelos escritos sobre alienação de Feuerbach e Hegel, que consideravam como alienação as influências das determinações religiosas sobre o pensamento humano. Posteriormente, Marx percebeu e registrou em suas publicações as mudanças que o mundo sofria, e influenciado pela passagem da dominação das influências do sistema de organização econômico-social capitalista, ele entendeu que a origem da alienação do homem está na divisão do trabalho e na divisão de classes sociais do sistema capitalista. Para ele, era o capitalismo que colocava as pessoas em estado e em condição de alienação, e que toda alienação humana e ambiental era decorrente da estruturação econômica do capitalismo.

Codo (1995) enfatiza a alienação como o mistério de ser e não ser, ao mesmo tempo e no mesmo momento. Este pensamento parte da mesma premissa marxista, de que é pelo trabalho que o homem se constrói e é também por ele que ele se perde. Na construção da sua existência, o homem se projeta na história, se objetiva nos produtos de seu trabalho, é pelo trabalho que o homem transcende e deixa sua própria face na

natureza. Na perda do seu trabalho, o homem perde-se de si e de sua espécie. A alienação é a ruptura do produtor com o seu produto.

Como já foi destacado anteriormente, todos os projetos humanos se materializam por e pelo trabalho, o trabalho é o ponto de intersecção entre o passado e o futuro, é pelo seu duplo caráter (de transformar e ser transformado) que o trabalho também assume a dualidade de uma triste realidade. O trabalho é, ao mesmo tempo: criação e tédio, miséria e fortuna, felicidade e tragédia, realização e tortura dos homens.

O homem alienado é um homem desprovido de si mesmo. Se a história, a produção e a linguagem distanciam o homem do animal, a alienação re-animaliza o homem. Se nos reconhecemos como um ser único e indivisível, a alienação explode a individualidade. Através da alienação o homem passa a ser a sua própria negação.

No trabalho alienado, a identidade se transforma em antagonismo, o outro comparece como um ser estranho, irreconhecível. A alienação forja a solidão humana, transfigura cada trabalhador, torna-o um ser irreconhecível perante a si mesmo e perante o outro. Na alienação, os homens tornam-se seres sem par perante toda a sua espécie.

7.2- A TRANSFORMAÇÃO EM MERCADORIA

Desde o início, a sociedade tem se estruturado em função do conceito do trabalho. “Do caçador/colhedor Paleolítico e fazendeiro Neolítico, ao artesão medieval e operário da linha de montagem do século atual, o trabalho tem sido parte integral da existência diária” (Rifkin, 1995, p.3). Em tempos remotos, quando o homem precisava se alimentar, ele caçava e consumia sua caça em comunhão com os outros membros da sua comunidade. Na medida em que efetivava o consumo, sentia-se realizado pelo esforço empregado. Posteriormente, o homem começou a plantar seus alimentos e a

criar os seus próprios animais para serem consumidos, todas estas atividades eram com e pelo grupo. Com o advento da sociedade industrial, tudo mudou. O homem passou a produzir produtos que não consumia e a consumir produtos que não produzia, e assim a relação homem-trabalho-sociedade foi transformada.

Segundo Codo (1995), embora, na história, o surgimento da mercadoria seja bem anterior ao desenvolvimento do capitalismo, é nele que ela ganhou sua forma mais completa, assumindo uma face universal no sistema capitalista. Nas sociedades escravistas feudais já havia mercadoria, mas esta não era a forma predominante. Foi através de uma revolução, que implicou a tomada do poder político pela burguesia, que os homens foram desapropriados dos seus meios de trabalho, foram deixados dependentes exclusivamente da sua própria força de trabalho. Sem outros meios de trabalhar, os homens tornaram-se disponíveis para vender (no mercado) apenas a sua própria força. Foi assim que a apropriação do trabalho e sua transformação em mercadoria tornou-se possível.

No capitalismo, um trabalhador é contratado por um preço e o seu trabalho é vendido por um preço bem maior. Infelizmente, o interessante desta relação é que apenas trabalho humano pode ser explorado desta forma, ser transformado em lucro, em mais valia. Assim, o trabalho, modo de sobrevivência do homem, foi sendo transformado em modo de exploração de um homem pelo outro.

Quando o trabalho foi transformado em mercadoria, ele passou a valer a quantidade de trabalho injetado na natureza e não mais sua qualidade de trabalho (valor de uso). Os trabalhos que eram distintos foram transformados em trabalhos iguais, tudo foi sendo transformado em mercadoria, ao valor de uso foi anexado um outro valor, o valor de troca, e assim os trabalhos diferentes tornaram-se passíveis de serem trocados entre si. Para Codo (1995), na medida em que os trabalhos diferentes se tornam iguais,

eles perdem o seu significado individual, há um "aplastamento" das diferenças individuais e o aniquilamento da individualidade. A mercadoria iguala os trabalhos diferenciados, e, por conseguinte, iguala também os seres humanos enquanto seres diferenciados que somos.

O que antes era a criação e o próprio reconhecimento, passa a ser algo irreconhecível dentro da igualdade. Foi desta maneira que o homem foi se perdendo de si, foi entrando no processo de alienação. Pois ao realizar um produto, o homem deveria estar projetado nele, o produto é parte do homem. O homem, ao transmitir o seu ser para o trabalho, rompe os elos entre ele e o produto. Neste processo ele se transforma em coisa e transforma o que produz em ser. Transmite a humanização ao produto, mas se afasta dele, inverte a relação entre homem e objeto, o homem passa a ser o objeto de produção e o produto passa a ter a magia humana. Quando o mundo da mercadoria (o mundo do capital) transformou esse produto em uma simples coisa, ele também se igualou todas as outras coisas; o homem, que estava dentro da coisa, também foi "coisificado". É nesta dupla relação: mercadoria e lucro, que é promovida a ruptura entre o homem e o seu próprio gesto, entre a ação e o dono dela, entre o trabalho e o seu produtor. É assim que a alienação é gerada na nossa sociedade.

Para Codo (1995), o capital, através da alienação do trabalho, rouba do homem a sua própria transcendência, a sua historicidade, o reconhecimento de si mesmo como universal e histórico. O capital comprou o projeto do homem (o seu trabalho) e o seu trabalho foi transformado em uma coisa igual a qualquer outra (mercadoria). O seu produto tornou-se independente, foi rompido, tornou-se separado da existência do produtor; assim, o produtor também se transformou em mercadoria, tornou-se igual ao que foi vendido na loja. Neste jogo, opera-se uma dupla negação: Primeiro, o trabalhador (homem) se realiza fora de si, depois se desrealiza pelo mesmo ato. O

trabalhador torna-se alienado do produto do seu trabalho, o produto separou-se do produtor!

7.3- O TRABALHO ALIENADO

No Manuscrito de 1844 – "O trabalho alienado", a questão da alienação (e do estranhamento) é colocada no centro das preocupações de Marx. Esta questão é abordada em três características. Nas duas primeiras, a alienação é tratada de uma perspectiva eminentemente histórica, concernente ao processo de trabalho da produção capitalista.

A primeira é a alienação (e o estranhamento) do trabalhador em relação ao objeto produzido pelo trabalho, ou melhor, o produto de seu trabalho. O produto do trabalho humano é trabalho incorporado em um objeto e convertido em coisa física; esse produto é uma objetificação do trabalho, que é percebida como uma perda e uma servidão ante o objeto, este objeto estranho o domina, este produto se opõe como um ser estranho, como uma força independente e a sua apropriação não tem um significado e representa a alienação do trabalhador do seu produto. A execução do trabalho é simultaneamente sua objetificação, e este é visto como algo estranho e hostil.

> "(...) O trabalhador põe a sua vida no objeto, e sua vida, então, não mais lhe pertence, porém, ao objeto. Quanto maior for sua atividade, portanto, tanto menos ele possuirá. O que está incorporado ao produto de seu trabalho não mais é dele mesmo. Quanto maior for o produto de seu trabalho, por conseguinte, tanto mais ele minguará. A *alienação* do trabalhador em seu produto não significa apenas que o trabalho dele se converte em objeto, assumindo uma existência *externa*, mas ainda que existe independentemente, *fora dele mesmo*, e a ele estranho, e que com ele se defronta como uma força autônoma. A vida que ele deu ao objeto volta-se contra ele como uma força estranha e hostil."(Marx, Manuscrito de 1844, grifos do autor)

A segunda é a alienação em relação à própria atividade produtiva. É a relação do trabalho como o ato de produção dentro do trabalho. Para Marx, essa é a relação do trabalhador com sua própria atividade humana, sendo esta vista como algo estranho e não pertencente a ele mesmo. Atividade passa a ser sofrimento por ser também a passividade, seu vigor passa a ser sua impotência, sua criação é emasculada, a sua energia física e mental, assim como a sua vida pessoal, passa a ser uma atividade voltada contra ele mesmo, uma atividade independente dele e não pertencente a ele.

> "(...) O produto é, de fato, apenas a síntese da atividade, da produção. Conseqüentemente, se o produto do trabalho é alienação, a própria produção deve ser alienação ativa - a alienação da atividade e a atividade da alienação. A alienação do objeto do trabalho simplesmente resume a alienação da própria atividade do trabalho." (Marx, Manuscrito de 1844)

Estas duas formas históricas da alienação decorrem fundamentalmente do fato de que, sob o capitalismo, a própria condição para que os trabalhadores se tornem trabalhadores está na direta dependência de que eles mesmos se tornem mercadorias.

> "O trabalhador fica mais pobre à medida que produz mais riqueza e sua produção cresce em força e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria ainda mais barata à medida que cria mais bens. A desvalorização do mundo humano aumenta na razão direta do aumento de valor do mundo dos objetos. O trabalho não cria apenas objetos; ele também se produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e, deveras, na mesma proporção em que produz bens. (...) o caráter exteriorizado do trabalho para o trabalhador é demonstrado por não ser o trabalho dele mesmo, mas trabalho para outrem, por no trabalho ele não pertencer a si mesmo, mas sim a outra pessoa." (Marx, Manuscrito de 1844)

Para Marx, a terceira característica, que parte das duas anteriores, é a alienação considerada num plano mais abrangente, num plano mais geral, na dimensão ontológica. Aqui, o trabalho alienado aliena do homem do seu gênero. Para o autor, o

trabalho alienado transforma a vida genérica – vida universal – em vida individual, em ser isolado, sem pares.

> "o trabalho alienado: 1) aliena a natureza do homem e 2) aliena o homem de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital, assim também o aliena da espécie. Ele transforma a vida da espécie em uma forma de vida individual. Em primeiro lugar, ele aliena a vida da espécie e a vida individual, e posteriormente transforma a segunda, como uma abstração, em finalidade da primeira, também em sua forma abstrata e alienada.
> (...) Então, o trabalho alienado converte a vida do homem como membro da espécie, e também como propriedade mental da espécie dele, em uma entidade estranha e em um meio para sua existência individual. Ele aliena o homem de seu próprio corpo, a natureza extrínseca, de sua vida mental e de sua vida humana.
> Uma conseqüência direta da alienação do homem com relação ao produto de seu trabalho, à sua atividade vital e a sua vida como membro da espécie, é o homem ficar alienado dos outros homens. Quando o homem se defronta consigo mesmo, também está se defrontando com outros homens." (Marx, Manuscrito de 1844)

É o trabalho humano que marca a existência, permite a sobrevivência do homem, o homem será o que o seu trabalho for. Se o homem é roubado no seu próprio trabalho, é roubado de si mesmo, perde-se quando deveria se identificar, desconhece a si mesmo quando deveria se reconhecer, destrói-se quando deveria estar se construindo. Pois além do trabalho construir a mim, no momento em que está sendo realizado, ele constrói o Outro, pois me apresenta ao Outro e promove a minha intervenção na vida dele. O trabalho é uma via de identificação com o outro, permite a inserção no grupo, na espécie, iguala e diferencia os indivíduo, "é pela via do trabalho que eu significo algo para o outro e o outro significa algo para mim."(Codo, 1995, p.33)

7.4- A ALIENAÇÃO E O PSIQUISMO HUMANO

Na análise histórica do psiquismo humano, Leontiev (1978) enfatiza que o psiquismo é determinado pelas relações reais do homem com o mundo, ou seja, depende das relações históricas e objetivas da vida. São estas relações que criam as particularidades estruturais da consciência humana, e que, em contrapartida, são por ela também refletidas. Para ele, foi a própria transformação da consciência que isolou as funções teóricas e práticas, mas é essencial que a consciência consiga integrar (religar) o intelectual e o prático, é psicologicamente possível chegar a uma união equilibrada destas duas formas de atividade que a história isolou.

> "A primeira transformação da consciência, engendrada pelo desenvolvimento da divisão social do trabalho, constituiu, portanto, no isolamento da atividade intelectual teórica.(...) Eles adquirem relativa autonomia e tornam-se orientados, governáveis e motivados conscientemente, isto quer dizer, que eles se realizam num tipo de atividade preciso. (Leontiev, 1978, p. 128)

É nesta integração (religação) que o homem encontra o sentido pessoal e o reconhecimento da atividade desenvolvida. Não conseguir religar o sentido e a significação seria alienante para o homem.

> "A 'alienação' da vida do homem tem por conseqüência a discordância entre o resultado objetivo da atividade humana e o seu motivo. Dito por outras palavras, o conteúdo objetivo da atividade não concorda agora com aquilo que ela é para o próprio homem. Isto confere traços psicológicos particulares a consciência." (Leontiev, 1978, p 130)

Leontiev destaca uma segunda transformação da consciência:

> "A segunda transformação da consciência, a mais importante, é, como vimos, a mudança da estrutura interna. Ela revela-se de maneira evidente nas condições da sociedade de classes desenvolvidas. A grande massa dos produtores separou-se dos meios de produção e as relações entre os

> homens transformaram-se cada vez mais em puras relações entre as coisas que se separam (se alienam) do próprio homem. O resultado é que a própria atividade deixa de ser para o homem o que ela é verdadeiramente." (Leontiev, 1978, p. 128)

Leontiev defende que esta alienação seria criada pelo desenvolvimento das formas de propriedade e das relações de troca. Pois, na origem, o trabalho do homem não estava separado das condições materiais, havia uma perfeita relação de unidade com as condições objetivamente necessárias à vida, mas com o desenvolvimento das forças produtivas houve o desagregamento desta relação. A ligação inicial do trabalhador com a terra, com os seus instrumentos de trabalho e com o próprio trabalho foi destruída. O trabalhador, para viver e satisfazer as suas necessidades, precisa vender sua força de trabalho, é obrigado a alienar o seu trabalho e consequentemente se alienar do conteúdo da sua própria vida.

Quando o homem torna-se alienado do seu trabalho, a sua atividade de trabalho transforma-se, para ele em qualquer coisa diferente daquilo que ela é. O seu sentido passa a não coincidir mais com a significação objetiva. Leontiev exemplifica essa dissociação por uma situação de trabalho numa tecelagem:

> "A tecelagem tem (...) para o operário a significação objetiva de tecelagem, a fiação, de fiação. Todavia não é por aí que se caracteriza sua consciência, mas pela relação que existe entre estas significações e o sentido pessoal que têm para ela as suas ações de trabalho. Sabemos que o sentido depende do motivo. Por conseqüência, o sentido da tecelagem ou da fiação para o operário é determinado por aquilo que o incita a tecer ou a fiar. Mas são tais as suas condições de existência que ele não fia ou não tece para corresponder às necessidades da sociedade em fio ou em tecido, mas unicamente pelo salário; é o salário que confere ao fio e ao tecido o seu sentido para o operário que os produziu. (...) a significação social do produto do seu trabalho não está escondida no operário, mas ela é estranha ao sentido que este produto tem para ele. Se tivesse a possibilidade de escolher o seu trabalho, seria coagido a escolher entre dois salários e não entre a tecelagem e a fiação. (...) O operário experimenta o sentimento de sua dependência em face de condições que nada tem de comum com o conteúdo do seu trabalho, com um sentimento crescente de insegurança face ao futuro." (Leontiev, 1978, p.132)

Qualquer trabalho será alienado quando seu sentido não corresponder a significação. Se o sentido do trabalho atribuído pelo trabalhador que o realiza for apenas como o de garantir sua sobrevivência, se estiver trabalhando apenas pelo salário e sem ter consciência de sua participação na produção das objetivações na perspectiva da genericidade, então haverá a cisão do significação fixada socialmente e do sentido pessoal. E, infelizmente, este tipo de cisão é passível de acontecer em qualquer tipo de trabalho, e não apenas no trabalho fabril.

Assim, sob o reino da propriedade privada (dos meios de produção), tudo toma um aspecto duplo, quer se trate da própria atividade do homem ou do mundo dos objetos.

Como, por exemplo, na atividade médica. O médico é o promotor da saúde do paciente e da comunidade que assiste. Nas consultas é que ele tira o dinheiro que mantém a si e a sua família. Portanto, mesmo que ele queira sinceramente aliviar o sofrimento de seus pacientes, por ser esta a sua vocação, simultaneamente ele também é coagido a desejar ver aumentar o número de doentes na cidade, pois a sua própria vida depende disto. É através dos tratamentos aos doentes que ele produz a base material para a sua sobrevivência e o seu próprio exercício profissional. Se não houver doentes não haverá a necessidade de médicos.

Segundo Leontiev (1978), esse dualismo desnatura os sentimentos mais elementares no homem, ele penetra na consciência e traduz-se pela "desintegração" da sua estrutura geral, refletindo no aparecimento de uma relação de alienação entre os sentidos e as significações, nas quais o seu mundo e a sua própria vida se refratam para o homem.

> "A alienação não significa simplesmente que qualquer coisa deixou de existir para mim. O trabalho alienado não é de modo algum um trabalho

> inexistente para o operário. Existe para ele, por certo, e entra aliás duplamente na sua vida: de maneira negativa e de maneira positiva.
> *Negativamente*, porque o trabalho lhe toma uma parte da vida, pois fazer pela vida não é viver. A vida começa para ele onde acaba esta atividade, à mesa, em casa, na cama.
> *Positivamente*, sob duas relações. Primeiro, enquanto meio de atividade. Ele constitui a riqueza real do espaço técnico da sua vida, a riqueza em conhecimentos, em hábitos, em saber fazer que lhe é necessário possuir para efetuar seu trabalho.
> Segundo, enquanto condição de enriquecimento da sua vida por um conteúdo novo, muito diferente do da sua atividade alienada, mas todavia criada por ela." (Leontiev,1978, p. 134, grifos do autor)

Desta forma, na sociedade capitalista, o trabalhador só tem a alternativa de aceitar a sua sorte, tornar-se um "bom operário", servir aos interesses de quem o contrata. Neste caso, segundo Marx, regride de certa forma ao nível animal. Ou então o operário pode resistir, lutar o quanto possa pela sua dignidade de homem. O movimento prático desta indignação se exprime pela união dos indivíduos; juntos, unidos, eles redescobrem a sua essência humana e voltam à atividade de cooperação. A fraternidade dos homens torna-se realidade e a humanidade retorna nas figuras endurecidas pelo trabalho (mercadoria).

> "As relações dos operários entre si criam neles o 'sentido da coletividade'. Este sentido penetra também a sua relação com o trabalho, o trabalho jamais se transforma para ele numa simples mercadoria." (Leontiev, 1978, p.135)

Assim, analisando mais de perto o conjunto constituído pela vida do homem na sociedade capitalista, não apenas a dualidade é encontrada, mas uma contradição interna. Esta contradição revela-se na forma de processo de luta interior, o que Leontiev chama de problemas de consciência, que seriam os processos de tomada de consciência no sentido da realidade, os processos de estabelecimento do sentido pessoal nas significações.

Entretanto, o processo de tomada de consciência não é um processo simples, ele complica-se pela divergência inicial entre as relações da coletividade e a realidade circundante (relações que foram generalizadas no sistema de significações lingüísticas), e as relações pessoais dos indivíduos, e em alguns casos que pode assumir a forma de um simples sentido refletido, como no exemplo das participações coletivas. Ou seja, mesmo sem encontrar um sentido em uma ação o indivíduo pode juntar-se a um grupo apenas pelo fato do pertencimento, estas ações podem ser apenas pontuais, como participar da grande passeata dos caras-pintadas para o impeachment presidencial, por exemplo.

Já discutimos, no capítulo três, que a consciência humana desenvolve-se sob as formas universais, mas este desenvolvimento tem certo limite, pois a complexidade da produção e a extensão dos conhecimentos sobre a natureza acarretam forçosamente no desenvolvimento e diferenciação das significações. É esta precisão que faz com que as significações reflitam cada vez mais as relações objetivas entre os objetos (socialmente elaborados) da atividade humana.

Há um jogo de espelhamentos, de construção e reconstrução das significações, pois simultaneamente: as significações se libertam das relações sociais, nelas cristalizadas (os significados), e são parcialmente refletidas nas significações particulares, assim estes conteúdos passam a ser refletidos não nas próprias significações, mas por intermédio das mesmas.

Isso é facilmente percebido através da linguagem. Na evolução da língua as palavras deixam de ser diretamente portadoras de conteúdo refletido, no seu uso elas (palavras) passam a transformar indiretamente também o conteúdo. Este ponto-de-vista é amplamente defendido pelos teóricos que estudaram a língua enquanto ideológica, que defendem que a ideologia expressa na língua substitui uma ideologia expressa pela

língua. O que queremos destacar aqui não é o caráter ideológico, mas o sistema de significações expresso por e pela linguagem, um sistema de significações verbais capaz de exprimir conteúdos diferentes e algumas vezes até opostos.

No psicológico a revelação do sentido se dá a partir do momento em que a consciência realiza o reconhecimento do fenômeno. Algo para fazer sentido tem que ser reconhecido dentro do sistema interno de significações. A incorporação do sentido dentro do sistema de significações não é simples, ela passa pela solução de um problema psicológico particular, ou seja, após reconhecer o sentido ele deve se alinhar ao sistema de significações, esse alinhamento que reduz a possibilidade de sofrimento (é o que Festinger chamou de solução da dissonância cognitiva).

O problema psicológico é causa de sofrimento para o indivíduo, manifesto no tormento da objetivação do sentido nas significações, no tormento da conscientização do sentido quando "a idéia não entra nas palavras"[5]. O homem esforça-se para por fim à desintegração da sua consciência, ele busca a adequação e a autenticidade da sua consciência. O homem estabelece a sua consciência individual a partir da consciência social, ele vai apropriando-se da realidade, e para tanto ele necessita da linguagem. Dentro de uma sociedade portadora de uma língua desenvolvida e "tecnicizada" (regulada), o homem não controla apenas o domínio das significações lingüísticas, ele a domina, ele apropria-se do sistema de idéias e de opiniões que ela exprime. Psicologicamente seria impossível assimilá-la de outro modo, assim "a apropriação do sistema das significações lingüísticas é, ao mesmo tempo, a apropriação de um conteúdo ideológico muito mais geral, isto é, a apropriação das significações no sentido mais amplo do termo." (Leontiev, 1978, p.139)

[5] Expressão de Dostoievski apud Leontiev (1978)

Na sociedade capitalista, onde as relações sociais são de dominação, a alienação está presente em maior ou menor grau, e estas vão cerceando a autonomia dos indivíduos. Há a realização de práticas sociais que pretendem superar em vários graus a alienação, esta possibilidade é a busca da relação consciente com as objetivações produzidas socialmente, mediadas pelas circunstâncias ou condições efetivas de vida de cada indivíduo e conduzidas por e pela linguagem.

Há uma articulação dialética entre as condições subjetivas e as condições objetivas, expressa pelas categorias significado e sentido. Esta articulação apresenta-se como um caminho para a compreensão do trabalho e permitir o delineamento de possíveis intervenções, para a reformulação da prática do trabalhador e da redução do sofrimento causado pela alienação.

A alienação não é algo passivo e não acontece sem luta por parte do trabalhador. Ao engendrar a expropriação do trabalho, a sociedade capitalista cria também as condições para a luta, da apropriação coletiva dos meios de produção. Em uma sociedade onde eu e outro somos iguais perante nós mesmos, a nossa individualidade pode emergir com toda a força de que o ser humano é capaz. É um eterno jogo: se perder e se encontrar, de nós mesmos e dos Outros, só que a cada gesto de perda há também a tentativa de reapropriação, buscando-se o trabalho apropriado por quem o produz, através da busca do sentido pessoal ou através das identificações/organizações coletivas, buscando a reapropriação do seu ser como espécie.

O modo como os homens, através do tempo, tem organizado a sua sobrevivência, impôs um duplo movimento, o exercício da autonomia individual através do modo de ser coletivo; ser o outro e reencontrar-se nele, e é neste movimento que apesar do capitalismo o homem tem buscado formas de lutar contra a alienação.

7.5- A ALIENAÇÃO E A COMUNICAÇÃO

No sistema domiciliar de trabalho não havia uma maneira padronizada de transformação de matéria-prima em produto final, não havia quase nenhuma tecnologia e a divisão do trabalho era primária, o artesão ou tecelão faziam a sua produção, da sua maneira e ao seu próprio tempo. Neste sistema, a divisão do trabalho acontecia de maneira elementar, distribuída de tal forma que cada participante sabia fazer todo o seu trabalho, do início ao fim. A especialização e diversidade eram por tipos de produto e não pela fragmentação das partes isoladas do mesmo produto. As atividades eram realizadas pelo grupo e todos os participantes conheciam o processo e o produto final, e, por sua vez, sabiam também o que esperar do outro. Havia uma rede de relacionamentos que permitia que a sociedade se estruturasse através das trocas de produtos, onde cada produto carregava a transcendência de quem o produzia, e este comparecia perante o outro e de forma direta.

No trabalho organizado dentro da sociedade capitalista, ocorre uma ruptura: além da cisão entre o produto e o produtor, há também uma fragmentação da atividade. Na produção capitalista, a divisão do trabalho passa a ser feita para acelerar a produção, como único objetivo de aumentar o lucro.

Na fabricação de um só produto, todas as ações começaram a ser desmembradas em várias operações, cujo objetivo era tornar a tarefa mais fácil de ser aprendida, não exigindo formas complexas de compreensão, deixando isolada a tarefa, sem o compromisso com o todo. Assim, toda a produção poderia ser executada por diferentes trabalhadores (todos eles facilmente substituíveis), realizada em pequenas partes e muito simples, como apertar apenas um parafuso ou bater apenas um prego. Cada

operário manipularia apenas uma operação específica e se tornaria especializado na mesma.

Neste sistema de trabalho, o trabalhador é poupado de pensar, apenas repete ininterruptamente os movimentos, com rapidez e exatidão. Esta padronização, parcelamento e separação da concepção da execução do trabalho determinavam o processo de exploração e de alienação do trabalhador, levando à monotonia da tarefa e à cisão entre o pensamento e a execução. A concepção era de um trabalho hierarquizado e/ou subordinado, baseado em uma visão dualista do ser humano. (Borges & Yamamoto, 2005). Esta foi a realidade do sistema de trabalho conhecido como taylorismo-fordismo, e muito bem caricaturado no filme Tempos Modernos, de Charles Chaplin, sendo a imagem do apertador de parafuso a idéia representativa do pobre trabalhador alienado.

No sistema de trabalho organizado pelo capital e sob os preceitos da produção em série, o ser humano foi reduzido a um animal, literalmente, e iconizado por Taylor na descrição do operário ideal: "o operário-boi", ou seja, aquele fisicamente forte e politicamente dócil, incapaz de se recusar a adotar os métodos determinados pela gerência. Como um animal, o trabalhador ficava isolado, limitado ao seu espaço de trabalho, tendo o tempo de ação cronometrado e sem o direito de conversar com os outros operários.

Desta maneira, o operário foi apartado não apenas do produto final de seu trabalho, mas também das informações que circulam na fábrica (do saber/conhecimento) que possibilitam o processo produtivo, e acima de tudo ele foi apartado da sua humanidade, do contato e identificação, com todos os outros seres humanos.

Da mesma forma que a mercadoria não lhe pertence, pois é apropriada pelo dono do capital, sob a forma de mais-valia, o mesmo acontece com as informações e o contato humano. A alienação é dupla, é também alienação de informação que produz e reproduz o ignorante desinformado, o expropriado de sua força de trabalho e de sua humanidade.

O que cada operário deve saber sobre o processo da produção e que é produzido, passa a ser um saber que já não lhe pertence e que ele não pode determinar. Como se comportar, o que produzir, com quem conversar ou com quem se relacionar, tudo passa a ser determinado por terceiros, não lhe é mais permitido escolher. Quando o trabalhador é transformado em mercadoria, ele é também alienado do saber e das informações. O trabalhador torna-se privado dos códigos e símbolos que eram portadores e construtores de significados. Assim, o saber (da fábrica) é um saber pronto e estranho à vida do operário, sem a significação social e tampouco passível de adquirir o sentido pessoal. Pois as informações a que o operário tem acesso, nesse sistema de produção, são selecionadas, filtradas e repassadas de forma a obter o máximo de "cooperação" do operário para produzir.

Mesmo a comunicação oficial, que circula dentro deste sistema, é fragmentada e sem sentido para o trabalhador, distanciando-o cada vez mais do seu trabalho e do seu motivo. Abre-se então o espaço para a comunicação informal e para as inúmeras maneiras do trabalhador tentar lutar contra a alienação.

7.6- AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS TRABALHADORES PARA ENFRENTAR A ALIENAÇÃO

Para Codo (1994d), de um ponto de vista genérico, o trabalho sempre será um exercício "metabólico" entre o homem e o meio e, por isto, o demiurgo do sincretismo entre a objetividade e a subjetividade: através dele o homem realiza no mundo sua transcendência e realiza a si mesmo pelas mesmas vias, se conforma na medida em que transforma o universo, se confirma na medida em que se exerce. Portanto, se o foco estiver centrado no trabalhador, há que discernir que o trabalho permanece como portador da identidade, no sentido de articulação da percepção de si perante o mundo.

Assim como já discutimos, não é de forma passiva que o homem se aliena, há sempre um processo de luta. Apesar das relações de produção se arquitetarem de maneira a promover a alienação do trabalhador, através da desumanizaçao e a desafetivação do trabalho. A lógica impetrada pela acumulação capitalista é enfrentada pelo trabalhador com táticas de guerrilha: organizando-se em grupos, reafetivando o seu ambiente de trabalho, supervalorizando a tarefa desenvolvida, inventando laços, criando estórias e resistindo à impessoalidade do trabalho. Assim, o trabalhador (o Homem) busca várias formas de não se sucumbir à alienação.

Diante da confrontação com a banalização da sua tarefa, muitos trabalhadores a valorizam. Valorizar a sua tarefa é valorizar a si mesmo como o operador do trabalho. Desta maneira o trabalhador não se sente tão inútil, tão menosprezado, tão desvalorizado. Criam discursos da complexidade da atividade desenvolvida e da sua importância social, discursos que carregam a tentativa do trabalhador em manter o seu sentido pessoal naquela atividade, protegendo-se assim contra a alienação.

Apesar de restrito o espaço de trabalho o trabalhador busca marcar sua existência. Se na igualdade da sua tarefa ele não se diferencia do outro, no espaço físico ele comunica sua existência, mostra ao mundo seus gostos, sua eternização no mundo (principalmente nos retratos de sua família), deixa (dentro do possível) tudo à mostra para ter a sua existência reconhecida enquanto ser humano, como ser criativo e produtor de sua própria vida. Segundo Codo (1994d), o privilégio de distribuir marcas pessoais pelo trabalho passa a também corresponder, com raras exceções, a uma disposição hierárquica. Assim, no escritório, o chefe tem sala própria, quadros na parede, fotografia da família sobre a mesa, cartão personalizado guardado em caixinhas, revistas sobre o seu hobby; já a secretária, no seu espaço mais reduzido, tem sua mesa em um lugar de passagem pública, assim resta-lhe uma gaveta para os seus guardados, imprime o seu jeito na organização do arquivo ou na forma característica de atender ao público. Nas profissões com mais autonomia, onde a hierarquia não se manifesta, o uso do espaço de reafetização é feito com marcas afetivas que chegam a ser emblemáticas, como no caso de motoristas de caminhão que decoram a sua cabine com fotos, revestem em cores vivas e com os penduricalhos no espelho retrovisor, escrevem em letras garrafais na traseira do seu caminhão declarações de amor, nomes dos filhos ou frases ontológicas. São inúmeros os gestos do homem para se manter humano, para se comunicar e se reconhecer e ser reconhecido no e pelo seu trabalho.

Infelizmente ou felizmente, quanto mais o trabalho se afasta do seu espaço genérico (do metabolismo entre homem e natureza), quanto menos o trabalhador tem acesso psicológico ao produto do seu trabalho, mais se desenvolvem as vias de "deslocamento", canais imediatos para a expressão afetiva da tensão cotidiana. Segundo Codo (1994d), quanto mais a tensão permanece, mais o afeto explode, seja na sedução generosamente distribuída nas relações interpessoais ou na intriga farta pelos bares

depois do expediente. A afetividade que foi usurpada do trabalho regurgita com a mesma força nas relações sociais de produção, imantando estas últimas com uma carga afetiva particular que compõem a rotina do trabalhador.

Na afetivação do seu trabalho, na busca da identidade e do pertencimento o trabalhador vai utilizando os parcos espaços que dispõe, nas conversas de corredor, nas fofocas e boatos, nas ironias distribuídas na hora do cafezinho, busca-se informações, afeto, valoração e pertencimento.

Se é pelo trabalho e pela linguagem que o homem se torna homem, é pelo trabalho que ele se cria e se perde. E se foi pela linguagem que o homem se apropriou do mundo, é também pela linguagem que ele pode reapropriar-se: do seu trabalho, de si mesmo e do outro.

8- AS QUESTÕES DA COMUNICAÇÃO EXPRESSAS PELOS TRABALHADORES

Após nossa análise teórica, da imbricação do trabalho e da linguagem, julgamos ser relevante apresentarmos alguns relatos de trabalhadores que demonstram a dinâmica relação de produção engendrada pela comunicação, e como esta, dentro do processo de trabalho, alterna seu papel de produto e meio de produção, dependendo da atividade exercida e do momento de produção.

8.1- A PESQUISA

No Diagnóstico do Trabalho dos profissionais de saúde realizado pelo LPT-Laboratório de Psicologia do Trabalho (IP/UnB), foram investigadas dezenove unidades públicas de saúde[6], em nove estados do território nacional, e entrevistados mais de 300 trabalhadores, de todas as áreas e cargos.

A metodologia utilizada foi a aplicação de um inventário impresso auto respondido (DIT-Diagnóstico Integrado do Trabalho), observações do trabalho e entrevistas semi-estruturadas individuais. Na escolha da metodologia de investigação, optou-se pela não gravação das entrevistas, pois o processo diagnóstico requeria um aprofundamento qualitativo, de maneira que o entrevistado se sentisse seguro e confortável para falar das questões de seu trabalho. Como esforço para garantir a qualidade e a fidedignidade das informações, anotações breves foram realizadas durante a entrevista e compiladas de forma mais sistemática após o término da mesma.

[6]As dezenove unidades de saúde foram determinadas pelo recorte da pesquisa. Coordenadores de oito centros estaduais de saúde concordaram em participar do diagnóstico, dentro destes estados foram selecionados centros regionais, buscando um levantamento mais completo do perfil dos trabalhadores dos centros.

Todos os relatos apresentados aqui são fragmentos das compilações transcritas pelos investigadores. Por questões éticas, serão omitidos dados específicos que identifiquem a pessoa ou a unidade de saúde a qual pertence.

Ressaltamos que as entrevistas realizadas com os trabalhadores de saúde não focaram a questão da comunicação. Entretanto, este tema apareceu de forma espontânea e soberana no levantamento dos facilitadores e dificultadores do exercício do próprio trabalho.

Utilizaremos apenas partes de algumas entrevistas para ilustrar como a questão da comunicação é relevante na organização do trabalho e fenômeno fundamental para promover ou proteger o trabalhador da alienação.

8.2- Análise dos relatos

Nossa pesquisa apontou que todos os centros investigados apresentavam problemáticas relevantes quanto às condições de trabalho e ao processo comunicacional. Constatou-se que nos centros que apresentavam um processo de comunicação formal mais organizado e horizontal os trabalhadores apresentavam maior satisfação quanto ao desempenho e um melhor resultado do seu trabalho. Eram centros com reuniões grupais sistemáticas, nos quais a comunicação era considerada de mão dupla, que organizavam seus projetos de forma mais discutida e em reuniões com a participação geral dos funcionários.

> *"O que eu acho que facilita o trabalho aqui é o fato de eu ter o direito de opinar, independente de a minha opinião ser positiva ou negativa! Aqui se discute. É claro que tem picuinha, mas todo mundo pode falar, do médico à menina da limpeza! Aqui tem como expressar a opinião da gente!"* (técnica de enfermagem)

Nos centros em que a comunicação formal era verticalizada e com uma estrutura hierárquica rígida, o contexto de trabalho era considerado, pelos trabalhadores, como tenso e inseguro. Nestes centros, observou-se também falta de compromisso com o trabalho e maior difusão de responsabilidades. Reforçando o fato de que os ambientes de trabalho, onde o poder de falar e decidir é concentrado em determinado grupo de pessoas, fazem com que as outras se sintam inibidas, alheadas das decisões e, portanto, prefiram assumir a posição de passividade, visto que a opinião confrontadora tem um custo emocional e político para quem a emite.

> *"O que mais dificulta o trabalho aqui é a falta de comunicação. É muito comum aqui as pessoas esquecerem de te avisar das coisas. Deveriam criar formas de melhorar a comunicação. As coisas são decididas sem você tomar pé! [...] Eu já perdi cinco quilos desde que cheguei aqui. [...] O trabalho aqui é tenso!"* (médica)

> *"A gente não tem muita escolha de onde vai trabalhar. Há uma escala, feita pela chefia de enfermagem, e a gente fica onde está escalado. Como não há uma pessoa fixa para cada função, as coisas ficam mais difíceis de controlar. [...] Tem alguns médicos que pedem que eu sempre os assista, eles gostam mais do meu trabalho porque eu sou muito responsável, o que me pedem eu procuro fazer bem feito e manter tudo organizado. Mas tem colega que nem liga, ele acha que porque não vai ficar lá na semana que vem não precisa cuidar direito do material. Eu não, eu gosto de tudo bem feito!"*(técnica de enfermagem)

Nas observações do local de trabalho, observamos o trabalhador na atividade e todos os seus recursos materiais disponíveis nas unidades de saúde. Verificamos centros muito bem equipados (computadores em rede, linhas telefônicas com ramais, acesso à internet), unidades onde os trabalhadores demonstravam satisfação, controle e autonomia sobre o seu processo de trabalho. Referiam à facilidade para se atualizarem e conseguirem as informações para atenderem prontamente à demanda do usuário do serviço.

> *"Aqui a gente tem tudo o que precisa para trabalhar. Mesmo que cada um não tenha seu próprio computador, sempre tem algum desocupado para você usar. Eu utilizo muito a internet para fazer pesquisas. A gente*

precisa das informações para elaborar os projetos, por isso a gente tem que pesquisar muito.[...] Meu trabalho é fornecer informações! E para isso eu tenho que estar sempre atualizada." (técnica de segurança do trabalho)

Nos centros sem estes recursos os trabalhadores expressavam o sentimento de falta de controle do próprio processo de trabalho, pois além de não participarem de reuniões, não eram disponibilizados os recursos técnicos necessários para a execução das tarefas. A falta dos meios físicos de comunicação com outros colegas e a dificuldade de acesso às informações oficiais (internas e externas) retiravam as ferramentas de trabalho (informação e conhecimento) destes trabalhadores, dificuldade que foi identificada pelos próprios trabalhadores como alienadora do processo de trabalho e da relação com o seu colega.

"*Aqui, apesar de termos esses bons computadores, a gente não pode fazer muito, a falta do telefone atrapalha muito* (esta unidade de saúde dividia a linha telefônica com outro serviço específico de saúde, a linha disponibilizada para eles possuía tempo restrito de duração da chamada). *Eu prefiro nem tentar ligar daqui para não passar raiva, o tempo é tão curto que quando alguém vai responder ou quando estão no meio da resposta a linha cai, isso desgasta e irrita muito! [...] A gente fica limitada! Eu não posso fazer o meu trabalho como eu gostaria! [...] Não temos o acesso externo, às vezes você está com o usuário na sua frente e você precisa tirar uma dúvida. Só uma ligaçãozinha já resolveria o problema dele, e você não pode, pois não tem telefone! [...] A gente não se comunica com ninguém e ninguém pode se comunicar conosco! Até a coordenação fica em outro prédio! [...]Eu gosto do meu trabalho e fico trabalhando aqui tentando fazer o melhor que eu posso! O mais difícil é que eu tenho que trabalhar às vezes dobrado, pois eu também trabalho em casa, é em casa que eu faço as pesquisas na internet, que eu me informo e me atualizo das mudanças nas leis. Por que você sabe?! Nesta área há muitas mudanças. Você tem que ter o seu saber atualizado para informar ao paciente de forma correta!"* (relato de uma enfermeira)

"*A finalidade do meu trabalho é dar uma certa proteção ao trabalhador! É trabalhar na defesa do trabalhador que não tem mecanismos! É compreender a realidade que você está vendo e trabalhar com os mecanismos articuladores de resposta para estas necessidades! A dificuldade que sinto é a precariedade das nossas condições de trabalho! Não há computadores em rede, não há os ramais para a gente se comunicar nem com os colegas aqui de dentro. Se você quiser falar com alguém de outra sala você tem que ir lá, isso toma tempo e por isso as pessoas preferem não fazer trocas![...] Não há um local adequado para*

> *você se concentrar e fazer seus relatórios, falta material de escritório, que é básico! Às vezes falta até água, se a gente quiser tem que cotizar para comprar! Dizem que há o dinheiro da verba, mas por que ele não chega aqui na base?! Essas coisas me frustram, me irritam, me desmotivam!!* (assistente social)

Nos trabalhos institucionalizados e burocráticos, o trabalhador depende da circulação da informação para desempenhar a sua atividade. Quando este processo de comunicação não acontece, o trabalhador fica desprovido da matéria prima para realizar o seu trabalho. A parcialização das tarefas e a separação da concepção da execução do trabalho levam à monotonia da tarefa e à cisão entre o pensamento e a execução. O não acesso à informação provoca a perda do sentido e do controle sobre o seu processo de trabalho, ocasionando alienação e sofrimento para este trabalhador. Os centros em que não acontecia o repasse de informações eram caracterizados pela carência de reuniões de equipe, disputas de poder, chefias inseguras e pouca credibilidade das informações disponibilizadas.

> *"A questão da hierarquia está mais demarcada, sempre que se coloca os pontos de vista isso é desvalorizado! As gerentes não querem mostrar fragilidade, ficam isoladas![...] Mas parece que também não há comunicação entre elas, pois instruções que são dadas por uma não são as mesmas que a outra dá e as vezes uma até desfaz o que foi mandado pela outra. É muito desorganizado!."* (terapeuta ocupacional)

> "*Hoje não se vê uma coisa concreta no que eu faço e nem o serviço em si! Há muita burocracia, muita política com politicagem e no fim não dá em resultado nenhum! Meu trabalho é uma rotina! Não tem motivação nenhuma, é repetitivo e não eu não vejo resultado nenhum dele! Eu venho porque eu preciso do emprego! Hoje eu já não sofro mais. Eu faço o trabalho! Procuro encaminhar o que está na minha mão! [...] Eu acho que poderia haver mais reuniões, para passarem pra gente mais informação![...] Eles* (referindo à chefia e aos profissionais de curso superior) *fazem muitas reuniões, mas são setorizadas. Eu não sei o que acontece lá, ninguém te conta! Talvez achem que só porque eu sou do administrativo eu não preciso saber, sei lá o que eles pensam! Só sei que quando a gente só faz preencher papel, a gente perde a noção do todo [...] Eu nem ligo mais!"* (agente administrativo)

Quando os setores de alimentação e manutenção das informações falham, esta supressão exerce um efeito desorganizador sobre toda a instituição e sobre o

trabalhador, refletindo-se principalmente nos funcionários meio, cujas atividades dependem diretamente da circulação das informações. Se não houver repasse, não há trabalho, e este trabalhador torna-se alienado em relação à própria atividade produtiva. Para estes trabalhadores a informação é a matéria-prima (meio de trabalho) e a possibilidade de integração (religação) do teórico com a prática. Quando o trabalhador não tem acesso a informações, ele sofre, é apartado do conhecimento e não reconhece o produto.

> *"Ninguém me falou nada! É muito triste você ficar fazendo seu trabalho e ele não ser nada! Tudo mudou e ninguém te disse nada![..] Trabalhar pra quê então?! Se meu trabalho não vale de nada pra quê precisam de mim?! Ainda bem que eu estou para me aposentar, só fico aqui por que estou esperando a minha aposentadoria"*(agente administrativo)

> "*Uma coisa que me incomoda muito neste centro é a falta de respeito com os trabalhadores! A maioria de nós não participa de nada![...] A coordenadora tem o grupinho dela. Eles conversam indo e vindo do trabalho. Aqui tem reuniões de equipe apenas uma vez por mês e, quando fazem a reunião, os assuntos já vem discutidos por esse grupinho! Isso é muito chato! Eu me sinto excluída![...]Os funcionários vem me perguntar as coisas e não sei! Não fui comunicada! Isso te desanima!! Você não se sente parte da equipe!*" (secretária)

> "*O trabalho aqui ia ser muito mais fácil se todos falassem a mesma linguagem! Aqui a gente só pode atender pacientes adoecidos pelo trabalho. Os outros pacientes têm que procurar outro posto de saúde. É chato porque aqui é mais vazio, mas a regra é essa! [...] Aí o paciente chega na recepção e a Fulana fala que ele vai ser atendido aqui. Ela até faz a ficha e, quando ele vem pra gente, ele tem a expectativa se ser atendido. Quando você explica pra ele que o caso dele não é aqui ele fica nervoso, briga e fala que a Fulana falou que ele seria atendido aqui! Tem vezes que até cria confusão! Isso é muito desgastante! Toma o seu tempo! [...] A recepção é o cartão de visitas, se lá na recepção derem uma informação errada isso desmorona todo o nosso trabalho![...] Se não houver uma triagem, perde-se tempo e outro paciente deixa de ser atendido."* (técnica de enfermagem)

Nos dados coletados, foi referendado o cuidado que as chefias intermediárias devem ter no repasse e na confiança das informações do serviço. Quando a chefia intermediária não faz o adequado repasse das informações, ela retira a fluidez do processo, tanto operacional quanto decisório. A falta deste cuidado ocasiona processos

confusos e lentos, duplicação de tarefas, esperdício de tempo e energia, diminuição de produtividade, apatia, sentimentos de paranóia e impotência. O não repasse das informações, além de alienar o trabalhador do produto, enfraquece a confiança e o respeito do subordinado por sua chefia. Enfatizamos aqui que reter informações é uma estratégia de manutenção de poder muito perigosa, pois gera resistência entre os subordinados, que por sua vez, quando possível, utilizarão a mesma estratégia contra a chefia.

> "*Eu acho que o que dificulta o trabalho aqui é não ter a informatização de todas as salas, só tem computadores nestas duas salas* (aponta as salas) [...] *Outra coisa que eu acho que deveria ter, umas cartilhas para mostrar as mudanças internas, muda um monte de coisas e a gente não fica sabendo! Ninguém me falou que tinha mudado uns procedimentos e passei dois dias informando um montão de pessoas que ligavam. Aí a chefia veio me chamar a atenção, mas como eu podia saber o que tinha mudado se ninguém me falou nada! Parecia até pirraça da Fulana em não me falar nada!!"* (secretária)

> "*O meu trabalho ia ser melhor se a comunicação aqui fosse melhor, às vezes isso cria problemas, e sérios! [...] Um vai e fala uma coisa e vem o outro e fala outra coisa! Parece não ter um acordo entre quem tá em cima* (refere à chefia) *ou, às vezes, ele um dia fala uma coisa e no outro já mudou de idéia![...] É complicado! Às vezes, até as informações que são passadas pra gente são distorcidas, e isso tira a sua autoridade! Se você passa uma informação hoje para o paciente e depois quando ele volta já mudou, o paciente não acredita mais em você, aí eu não consigo fazer o meu trabalho! Essas coisas me deixam muito chateada! [...] Cada hora ser de um jeito, até já melhorou, mas já teve vezes que eu fiquei tão chateada aqui que, teve dias que, eu saí daqui e falei pra mim: não volto mais!! Pra quê que eu tenho que passar por isso?! Não vale a pena!! De tanta raiva, eu nem tinha vontade de voltar no outro dia!"* (recepcionista)

Confirmaram-se nos dados coletados que, na medida em que o trabalhador se sente bem alimentado das informações, seu trabalho flui e ele se sente valorizado e reconhecido. Este trabalhador consegue considerar a sua tarefa parte de um todo maior e mantém seu sentido pessoal coordenado com a significação social da atividade. Os discursos da complexidade da tarefa e sua importância social carregam a tentativa do

trabalhador em manter seu sentido pessoal naquela atividade, protegendo-o contra a alienação.

> *"Eu amo meu trabalho! Eu gosto de atender, eu sou o primeiro contato do paciente, quando eu informo o paciente e ele vai e passa por onde ele tem que passar, aí eu me sinto realizada![...] Eu acho meu trabalho importante porque eu presto um serviço à comunidade: eu dou informação! O que eu sei eu tento passar! Ninguém trabalha sozinho, as pessoas têm que trabalhar em equipe [...] Uma equipe que trabalha unida o serviço cresce!* (recepcionista)
>
> "*Gosto muito do que eu faço! Eu facilito o trabalho dos técnicos e do próprio setor. Eu sou um elo entre o que os técnicos planejam e o que eles executam. Meu trabalho é muito importante, quase tudo passa por mim,![...] Se eu não fizer o meu direito, eu prejudico o trabalho de várias outras pessoas!.*" (secretária)

Conforme destacamos na construção teórica, profissões como: médico, psicólogo, assistente social, terapeuta ocupacional, fisioterapeutas, etc., possuem como produto a modificação do Outro. Neste tipo de trabalho, o ato de produção seria inalienável, na medida em que se caracterizam pela autonomia e controle sobre o processo de trabalho. Nestas profissões, o saber e fazer necessariamente permanecem juntos.

Quando entrevistados, estes profissionais sempre destacavam a importância do seu papel transformador como agentes mediadores entre o trabalhador e a melhoria de sua qualidade de vida. Em todos os relatos, os entrevistados enfatizaram a importância do feedback do usuário. Reconheciam que as manifestações verbais e comportamentais dos pacientes eram a forma de acesso ao resultado do seu trabalho, ou seja, identificavam que é através do feedback que conseguiam reconhecer o seu produto. É através da comunicação que se estabelece a relação de troca, a interação (inter-ação). Como o produto não é separável do ato de produção (produção e consumo são simultâneos), o paciente (co-produtor) é o responsável por demonstrar a sua transformação para que o profissional reconheça seu trabalho. É através do feedback

que estes profissionais criam o seu espelho, se reconhecem como profissionais e "tocam" o seu produto. A "impressão" do seu trabalho é reapresentada através da fala, dos gestos, do sorriso, da escrita, ou seja da comunicação de volta que o outro lhe fornece. Para se reconhecer, ele precisa que o outro o reconheça, é o feedback que proporciona a estes trabalhadores não se tornarem alienados do produto.

> "*Eu participo de um processo de transformação do sistema de saúde! Eu me sinto como um agente de mudança! É muito importante trabalhar no processo de gestão destas mudanças! Na saúde a nossa obrigação, como técnico, é instrumentalizar a sociedade para que ela possa construir uma melhor qualidade de vida em relação ao trabalho mais saudável! A Saúde do Trabalhador tem o compromisso de criar ferramentas, metodologias para mudar a sociedade. [...] Na medida em que você vê o aumento do número de notificações, você reconhece que o seu trabalho está tendo resultado!"* (médico do trabalho)

> *"Eu só continuo aqui por causa do meu paciente, pelo menos ele me dá um retorno positivo! Ele me diz e me mostra que o trabalho que eu estou desenvolvendo é importante! Porque se depender daqui* (referindo à chefia) *e do governo, vão continuar achando que eu faço pouco! Aqui ninguém elogia, só vê defeito! É deste jeito que você desanima!"* (psicóloga)

> *"Eu faço os acolhimentos, coordeno dois grupos e faço alguns atendimentos individuais. [...] Eu considero o meu trabalho essencial para este serviço! [...] Eu gosto muito do meu trabalho! Eu faço o melhor! Me dá muito prazer ver a melhora do paciente. Você vê pelo que eles falam. Pela carinha deles, no sorriso, eu vejo o quanto eles apreciam o que eu faço por eles."* (psicóloga)

> *"Eu considero muito importante o meu trabalho! Ele ajuda a dar o clique no usuário! Ele ajuda o indivíduo a buscar a sua emancipação social! [...] No atendimento, juntos, tentamos achar um sentido para a dor da pessoa, de fazê-la perceber que ela não é a culpada pelo seu adoecimento! Meu trabalho é o conhecimento! É fazer com que o conhecimento chegue ao usuário! [...] Eu gosto muito do meu trabalho! Considero muito importante, os pacientes também, pois recebo muito feedback dos usuários![....] Gosto de acionar "o penso" das pessoas! Poder refletir e pensar sobre as coisas é a possibilidade de transformar!"* (assistente social)

> "*Meu trabalho é multiplicar o conhecimento sobre a Saúde! Eu consigo isto através da ajuda que dou aos usuários, informando eles sobre os seus direitos, instrumentalizando eles para que eles consigam ser cidadãos. [...] Eu amo meu trabalho! Eu tenho a maior paciência, eu repito várias vezes e de todas as formas até ele entender! Eu me sinto*

realizada quando eu vejo que o usuário entendeu que ele consegue ir atrás dos seus direitos, é assim que eu me sinto uma assistente social!" (assistente social)

"*É muito gratificante quando se ouve do usuário "foi aqui que me estimularam a ir atrás dos meus direitos*". Ela relata o depoimento de um paciente durante o grupo: "*Ele disse: Ainda dói (mostra a mão), mas eu sinto muita falta de vir aqui, foi muito importante para mim participar deste grupo". Esse tipo de feedback faz com que eu perceba como meu trabalho é importante. [...] O que eu gosto mesmo é do atendimento! É ali que o paciente te dá o retorno, é na hora, aí você sente que você está fazendo o seu trabalho."* (terapeuta ocupacional)

"*Eu gosto muito do meu trabalho! A Fisioterapia não é uma área limitada, tem um papel social maior! Eu gosto do que faço, de ajudar as pessoas! Eu sempre procuro entender a posição de cada um! [...] A gente atende muita gente, às vezes o paciente enrola para continuar de licença, e quando o paciente enrola me gera estresse! Me desmotiva quando o paciente fala depois de 30 sessões que não melhorou nada! Parece que o meu trabalho não valeu nada!"* (fisioterapeuta)

"É um trabalho de formiguinha, é um processo de transformação! Eu acredito em processo de crescimento! Fazer o que eu faço como assistente social é uma recompensa do humano! É a fantasia de interferir na dor do outro! Essa recompensa de ver o processo me recompensa!" (assistente social)

Dos trabalhadores entrevistados, principalmente os de nível superior, haviam contundentes críticas quanto à significação social tanto do seu trabalho como da instituição. Criticavam o significado social da saúde e da proposta do centro de melhorar a qualidade de vida do trabalhador adoecido pelo trabalho. Identificavam que a maior dificuldade em manter a significação social é decorrente da incoerência que se estabelece nas instituições públicas de saúde, onde o discurso é de promoção da saúde, mas as ações práticas são boicotadas, inviabilizadas pela burocracia ou pelo interesse político partidário. A realização de práticas sociais efetivas favorecem a superação da alienação, pois apresenta-se como um caminho para a compreensão do trabalho (significação social) e a reformulação prática do próprio trabalho (sentido pessoal). A não identificação do significado da atividade quebra o equilíbrio psíquico e acarreta na perda da identidade deste trabalhador.

"*A finalidade ideal e formal (da unidade) é inserir a ST dentro do SUS, estou fazendo uma cartilha sobre este assunto, mas é tudo muito teórico e pouco prático! Hoje no real não vejo nenhuma finalidade no meu trabalho! Estou fazendo uma cartilha e cuidando de atividades administrativas da conferência, e tudo isso vai passar! Gostaria de fazer algo permanente para a ST, a médio ou longo prazo, e que insira meu trabalho na verdadeira política da ST![...] Gosto de fazer vigilância, mas isso não é uma prioridade para este governo, por isso não vejo finalidade no que estou fazendo! É chato teres o que dar e ninguém estar querendo! É frustrante!* (enfermeira)

"No papel há projetos belíssimos! A gente percebe que os programas são mais políticos do que respostas para a sociedade! [...] Não há a continuidade nos programas, muda o governo, muda a política![...] O trabalho aqui deveria ser diferenciado, trabalhar para informar, para instrumentalizar o usuário a reivindicar os seus direitos! Mas na realidade isso não é viabilizado, dizem uma coisa e fazem outra (referindo-se aos governantes)! *O que querem é manter esta postura assistencialista que dá votos! Apesar da saúde ser qualitativa somos muito cobrados quantitativamente!"* (assistente social)

"*Eu entendia que o meu papel era ser um agente multiplicador! Hoje eu confesso que o nosso papel não está muito claro, não está bem definido! Hoje eu tenho acolhido o trabalhador, mas não tem retorno, não há resolutividade! [...] O grande insight é fortalecer a rede, é se articular! [...] A portaria que instituiu o serviço dá pouco subsídio para que as ações aqui na base aconteçam! Não há retaguarda! Enquanto não se falar, de forma mais clara, e se não houver as articulações necessárias, infelizmente, vai continuar sem ter resolutibilidade para o trabalhador! E os profissionais que trabalham na área vão continuar frustrados, sem conseguir fazer o seu trabalho!"* (terapeuta ocupacional)

"O grande problema daqui é não ter continuidade, a cada chefia que entra, as instruções mudam! A cada governo muda as prioridades! [...] Você começa animada fazendo um trabalho legal! Vendo o resultado no paciente! Aí muda o governo e a prioridade é outra! Tudo que você já fez até agora vai para o ralo! Ninguém respeita o trabalho que você está desenvolvendo! (psicóloga)

"Sinceramente eu não vejo muita finalidade no que eu estou fazendo! Eu faço uma cartilha de risco biológico, mas há tantas outras necessidades! Faço porque me pediram para fazer! Não vejo muito sentido no que estou fazendo, é apenas uma normatização! Não vejo produto no meu trabalho![...] Não acredito que vou encontrar qualquer realização pessoal aqui no estado! Eu não acredito no país/ estado! Eu me sinto muito mal aproveitada![...] Eu gosto quando eu posso ajudar uma pessoa, eu gosto de estabelecer vínculo com o meu paciente! Aqui não se pode fazer isso! Eu não posso atender! [...] Aqui há uma divisão do grupo, e quem é técnico não encontra seu espaço! Há a divisão partidária aqui dentro, e quem não é do partido dominante, como eu,

> *eles sempre acham que o que você faz não é bom o suficiente. É frustrante! Eu não tenho vontade de vir trabalhar, eu me sinto não valorizada e mal aproveitada!"* (médica)

Apesar de alguns trabalhadores conseguirem enxergar e valorizar a significação social do trabalho, muitos não encontravam o sentido pessoal. Compreender a significação social da atividade de saúde é fundamental para motivar os trabalhadores a realizarem suas atividades e manterem seu sentido pessoal na atividade desenvolvida.

A redução dos espaços de troca e a falta de diálogo entre os trabalhadores fazem desaparecer o respeito pelo outro e o confronto de significações, perde-se tolerância e a reflexão, habilidades necessárias que levam ao pensamento crítico e à aceitação do outro. O isolamento em trabalhos individualizados e o pouco contato interpessoal com os colegas, promovido pela falta de um horário comum entre a turma da manhã e a da tarde, repercute na não identificação e no não reconhecimento do Outro e de seu trabalho.

A busca é que as significações reflitam cada vez mais as relações objetivas da atividade humana. Após reconhecer o sentido, o trabalhador procura alinhar este sentido ao sistema de significações, é esse alinhamento que reduz a possibilidade de sofrimento.

Nos centros pesquisados, constatamos que quando os trabalhadores não conseguem enxergar o objetivo comum grupal, e na luta contra a alienação, alguns trabalhadores reinvestem sua energia em projetos individuais, e como conseqüência ao apego do projeto individual, estes mesmos trabalhadores boicotam o trabalho dos outros.

O esforço em manter a significação social congruente com o sentido pessoal, aliado à perda do trabalho coletivo, geram no trabalhador o sentimento de solidão, de isolamento do grupo, refletido no discurso do trabalhar sozinho e sem apoio.

> *[...] Éramos mais amalgamados, agora cada um tem seu projeto individual! O sistema de informação era um ponto em comum e de*

consenso da equipe, mas agora ele está centralizado na mão de apenas algumas pessoas, o grupo não tem projeto comum! A equipe está dividida! [...] Nesta equipe há leituras políticas diferenciadas. Há o modos operanti de um partido, com uma leitura mais exaltada/ agressiva, com uma visão de paladinos dos trabalhadores, uma visão sacerdotal, com um objetivo também político! Há o outro grupo com uma visão técnica da ST e cujo objetivo é técnico, não político! Há conflitos entre os grupos de visão sacerdotal com os de visão técnica. Esse conflito é tão desgastante que, para ter um pouco de saúde mental, é melhor não envolver! É muito ruim no sentido de que o próprio trabalho não anda!Agora ninguém mais deixa o seu trabalho individual para trabalhar com o outro! As pessoas passaram a trabalhar sozinhas para não brigarem! [...] Hoje eu estou descrente! Apesar das pessoas serem excelentes profissionais não conseguimos mais trabalhar como grupo, as diferenças políticas desarticularam os projetos técnicos, e agora para você ter algum trabalho você tem que trabalhar sozinha!!" (enfermeira).

*"Eu gosto do trabalho com o paciente, mas não gosto da equipe de trabalho. A gente não é uma equipe, tem muita mágoa! [...] É triste trabalhar sozinha, mas fazer o quê?[...] Poderia ser bem melhor o trabalho, mas eu não vejo jeito de mudar, nesta equipe a gente não vê os laços!"(*psicóloga)

"*Eu acho um pouco difícil trabalhar aqui, as relações são complicadas! [...] São tantos os problemas que a reunião de equipe deveria ser semanal! Há tantos conflitos que, mesmo que você não está dentro, acabam atrapalhando o seu trabalho![...] Aqui tem uma secretária que não conversa com a recepcionista. [...] Eu não tenho nada a ver com a rixa das duas! Mas se elas não se conversam e nem repassam as informações de uma para a outra, isso prejudica o trabalho de todo mundo![...] Isso já me prejudicou e já prejudicou os pacientes! Teve um dia que eu fiquei doente e não pude vir trabalhar, eu liguei avisando que não viria e que precisava cancelar os pacientes, coitados! Muitos não tem dinheiro para ficar vindo aqui! Só que a recepcionista não avisou a secretária e os pacientes vieram! Eu fiquei muito chateada!! Eram apenas 6 pacientes, não custava nada ter avisado! Não era por mim, mas pelo menos por pena dos pacientes, uma podia ter dado o recado para a outra! Assim, você tem o seu trabalho prejudicado e não tem nada a ver com a história! Não é nada legal trabalhar nestas condições!"* (fisioterapeuta)

"O que dificulta o trabalho é a relação distanciada da chefia com os servidores. Se tivesse uma boa relação haveria uma melhor comunicação, e o serviço fluiria! A chefia e os servidores não se conhecem! [...] A equipe em si é antiga, todos passamos no concurso de 2002. Agora estamos divididos em manhã e tarde. Há alguns grupinhos que são até companheiros, que conseguem fazer um trabalho conjunto. O todo é que não consegue mais, pois ninguém mais para o seu para ajudar o outro." (assistente administrativo)

> *"Nós somos um grupo que trabalha separado! Tem um discurso de equipe, mas não é! As ações são muito individualizadas e burocráticas. Todo mundo escuta todo mundo, mas ninguém ouve! [...] Antigamente tinha muitas reuniões, hoje não há desde a mudança do governo. Com a mudança da coordenação não há mais troca e mudou o ritmo da ação! Para mim é difícil ver o que eu faço. Atualmente eu trabalho muito com papel. [...] Se eu não sou cobrada eu não sigo para a ação. Se eu quero agir não há a demanda! Eu quero me comunicar para saber o que o outro faz e pra que ele também possa saber o que eu faço!"* (terapeuta ocupacional)

Com a ruptura entre a significação social e o sentido pessoal, o trabalhador está alienado do trabalho. Qualquer trabalho será alienado quando seu sentido não corresponder a sua significação objetiva. Quanto menos o trabalhador tem acesso psicológico ao produto do seu trabalho, mais se desenvolvem as vias de deslocamento, os canais imediatos para se comunicar, expressar sua afetividade, ser reconhecido e se reconhecer. A necessidade de reapropriação do seu investimento subjetivo leva o trabalhador a buscar estratégias com os quais procura manter seu equilíbrio psíquico. Na medida em que o trabalhador não encontra na atividade de trabalho seu sentido pessoal, e se também não identifica o suporte social do grupo, em muitos casos, este trabalhador busca seu equilíbrio psíquico e sua identidade reinvestindo em outras áreas de sua vida.

> *"Eu estou aqui pelo salário! Eu não acredito nesta instituição, nada se efetiva, não tem o que fazer! Eu já briguei muito, agora o que eu quero é me aposentar! Agora eu só quero ir pra roça, pescar e comer peixe frito!"* (funcionário administrativo)

> *"Se eu quiser fazer eu faço, se não quiser também não tem problema! Eu faço algumas coisas para manter minha dignidade![...] Eu cansei de brigar, cansei de arrumar inimigos![...] Eu não tenho orgulho de falar, mas a verdade é que agora eu estou investindo apenas 40% de minha energia, aqui no centro![...] Eu gosto de abrir picadas, mas enchi o saco! Cansei desse discurso político que não pensa na retaguarda para as coisas acontecerem! Agora estou investindo na música! Eu tenho um grupo de pagode e isso me dá prazer! Assim eu me sinto mais feliz!"* (assistente social)

Nos centros investigados, outro fenômeno comprovado foi a formação das redes informais. Na medida em que a comunicação formal não é suficiente para garantir a

fluidez do trabalho, aumenta a importância da rede informal. Conforme já discutimos, a comunicação é um fenômeno inerente em qualquer processo grupal. A rede informal facilita a realização das tarefas e ela carrega as interpretações subjetivas do grupo. A busca do significado, a necessidade do pertencimento e as lacunas deixadas pela falta das informações oficiais formais reforçam a criação das redes informais. A formação destas redes é um movimento importante e realizado pelos trabalhadores para reduzir o sentimento de isolamento.

O trabalhador resiste lutando por sua dignidade de homem. O movimento prático desta indignação se exprime pela união dos indivíduos. Juntos, unidos, eles redescobrem a sua essência humana e voltam à atividade de cooperação. A rede informal estabelece o sentimento de fraternidade. As relações estabelecidas pela rede informal criam nos trabalhadores o sentido de coletividade (reafetivando o ambiente de trabalho, inventando laços e resistindo à impessoalidade) e este sentido penetra nas relações de trabalho. A comunicação informal é uma importante ferramenta para promover a coesão grupal, protegendo contra a alienação e permitindo a identificação dos pares.

> *"Eu acho que os trabalhadores poderiam ser mais reconhecidos, antes tinha um cafezinho e até bolacha, nos outros órgãos ainda tem, mas aqui agora não tem nada, se a gente quiser a gente tem que comprar tudo, até água. Aqui é a gente que tem que se juntar para comprar tudo o que a gente precisa. É por isso que os trabalhadores da prefeitura trabalham sem motivação, pois além de não ter aumento há 12 anos a gente não pode nem mais ter um lanchinho."* (recepcionista)

> *"O legal deste serviço são as pessoas! Com algumas você ainda tem uma interlocução boa! Eu ainda discuto (no sentido de troca) com algumas pessoas! [...] Hoje a equipe não é mais unida como já foi. Muita gente nem sabe o que está fazendo aqui. Mas outras pessoas, as mais antigas principalmente, a gente é amiga mesmo. [...] A chefia de agora não sabe nada! Mais desarticula o trabalho do que articula! O bom disso é que a gente sempre tem o que discutir, pelo menos para falar o que não funciona e o que a gente não pode mudar!"* (assistente social)

> *"O que facilita o trabalho aqui é o pessoal! Eu gosto muito dos meus colegas! O trabalho não é lá estas coisas, mas a equipe é muito boa! As pessoas são muito boas! São prestativas, sempre me ajudaram quando eu precisei, tanto no trabalho quanto na minha vida pessoal!"* (recepcionista)

Nos relatos dos entrevistados, ficou evidente como a falta da informação oficial gera a sensação de insegurança e abre espaço para a imaginação na criação do sentido. Quanto maior a sonegação de informações, maior a possibilidade de interpretações, e, portanto, maior será a distância da realidade. A busca da segurança cria uma rede informal alimentada principalmente pelos boatos. O boato é um eficiente mecanismo de coesão grupal, ele promove a integração de diversos segmentos internos e equilibra as tensões, dando aos participantes da rede o sentimento de pertencimento e de identidade, configurando-se em uma das estratégias do trabalhador de não alienar-se do trabalho e do grupo. A luta dos trabalhadores é pela apropriação coletiva dos meios de produção, através da identificação coletiva (de pontos comuns não disponíveis oficialmente) o trabalhador se reapropria como espécie.

> *"Aqui o trabalho é muito desorganizado! Não há diretrizes! A coordenação parece que não sabe o que quer! Ninguém te fala nada oficial! Aqui a gente sabe mais das coisas por conversas de corredor, do que pelas vias oficiais! [...] Ainda bem que eu me dou bem com todo mundo! [...] Geralmente eu fico sabendo das coisas rapidinho! Ai eu consigo fazer meu trabalho!"* (secretária)

> "*as pessoas aqui falam muito da vida dos outros mas acabam não falando o que precisam falar.[...] As pessoas até chamam aqui (unidade) de Butantã, de tanta cobra que existe aqui!"* (secretária)

Em um centro investigado, a imbricação do trabalho e da comunicação se mostrou de uma forma muito clara. Neste centro, inicialmente havia uma gestão com um perfil mais democrático e ideológico (quanto ao ideal de saúde pública e de saúde e segurança para o trabalhador). Esta gestão centrava a atenção nos projetos coletivos, e para elaborá-los e colocá-los em execução, faziam muitas reuniões de equipe. Nestas reuniões, era solicitada a participação de todos os funcionários da unidade.

O cargo de chefia da unidade era uma indicação política e, após as eleições municipais, ocorreu uma troca partidária do poder. A coordenação da unidade foi, então, delegada a outras pessoas não pertencentes àquele serviço de saúde. A nova coordenação, além de ser de uma declarada oposição política da gestão anterior, também não possuía conhecimento nem visão ideológica do objetivo da unidade. Esta gerência adotou uma postura autoritária e centralizadora, suspendendo as reuniões coletivas e passando a reforçar a elaboração individualizada dos projetos estruturadores do serviço. Como conseqüência, as pessoas começaram a apresentar uma postura apática e descompromissada com o serviço.

A inviabilização da comunicação promoveu a cisão entre o planejamento e a execução, separando o produtor do produto. Tal fato demonstra como as pessoas, quando impossibilitadas de trabalhar, tornam-se alienadas e entram em sofrimento.

Pelos relatos dos trabalhadores, ficou evidente que a capacidade crítica e a clareza da significação social do trabalho era decorrente do exercício de reflexão coletiva das reuniões de equipe. Ou seja, diante do espaço de discussão coletivo os membros se identificam com o grupo e conseguem formar o objetivo comum.

Nas entrevistas foi reconhecido pelos trabalhadores como opressor o fato de não poderem falar. O cerceamento da fala promove no trabalhador o sentimento de não valorização e a perda do controle do seu processo de trabalho. A supressão das reuniões demarcou a cisão entre a elaboração e a execução dos projetos.

Foram vários os esforços da chefia para reduzir as possibilidades de encontro dos trabalhadores, desarticulando as equipes de trabalho e afastando o grupo, com a suspensão das reuniões e dos espaços de troca. Contudo, a indignação verbalizada nas entrevistas comprova como não é sem luta que o trabalhador se aliena do trabalho.

Como conseqüência das ações da chefia, os trabalhadores se comunicam de outra forma, se recusam veladamente executarem os projetos de trabalho.

Apesar da luta destes trabalhadores para não se alienarem, torna-se claro neste grupo a necessidade da comunicação para a reapropriação do produto coletivo. Pois a fragmentação do trabalho em atividades individualizadas (e também na busca do sentido pessoal) e o apartamento das equipes e a falta da cooperação repercutiram no estranhamento do outro, e por conseguinte o estranhamento também de si mesmo

> *"Nesta gestão meu trabalho não é aceito. Há veto através da escrita, há boicotes de ações através da não disponibilização dos recursos. Não há o convite para as ações![...] Não podemos usar a internet e nem o material de consulta, como livros com a legislação e outros documentos, tanto que o único computador com acesso à internet e toda a biblioteca passaram a ficar na sala da coordenação. Esta sala fica trancada na ausência das coordenadoras e quando elas estão presentes o computador está sempre ocupado. Não há a liberdade para se fazer uma simples pesquisa![...] Eu sinto que meu conhecimento está sendo usurpado![...] Eu tenho que sempre estar me atualizando, meu trabalho é discutir com os trabalhadores para construir uma sociedade mais humana! Eu tenho confiança no pessoal da CIST, para sustentar este serviço! Minha voz está fraquinha agora, mas pior é se morrer esta voz! [...] Não me deixem calar! A gente é vida! Cheia de sonho, de vontade! Aí, como é que pode outras pessoas te desqualificarem?! Que direito o outro tem sobre a sua vida?! Não me deixam falar![...] Não permitem que eu diga NÃO ao que não é justo, porque querem me tratar como serviçal! Querem me dizer o que eu posso ou não fazer! Não me dão o direito de falar! [...] A minha voz existe e eu utilizo em outros espaços, e isto me dá outras forças para encarar o meu serviço! [...] As pessoas estão desanimadas! Se um rio não é navegável ele seca! A gente tá secando! Por tristeza! Por falta de esperança! Pela mentira! [...] Tem várias coisas para trabalhar e não trabalhamos porque não é permitido e assim tudo fica desacreditado!"* (socióloga)

> *"Hoje em dia nós somos convocados a trabalhar nos projetos! Muitas vezes eu não concordo, acho que falta discussão! Não acho que trabalhar seja assim, isso foi na época do Taylor! Eu gosto de discutir o que eu vou fazer! Eu tenho que acreditar no projeto, senão não há tesão! Eu não gosto de fazer por fazer!"* (terapeuta ocupacional)

> *"Antigamente tinha muita reunião! Todo mundo participava! Muita coisa eu não entendia. Era bom encontrar com o pessoal e pelo menos eu sabia o que estava acontecendo!"* (motorista)

"Antes eu achava chato as reuniões! Sempre marcavam para o fim do expediente! Uma coisa que era boa era porque a gente podia encontrar os colegas do outro turno. Hoje em dia a gente mal se vê! [...] Era bom (nas reuniões) porque a equipe podia acompanhar o que estava acontecendo ou o que ia acontecer! [...] Hoje em dia eu fico indignada! Porque as coisas acontecem e você não fica sabendo! [...] A gente muitas vezes trabalha sem saber pra que, não sabemos mais o por quê! Se não tiver comunicação não tem integração! [...] Antes a gente se sentia mais valorizada! Se sentia mais parte da unidade! (socióloga)

"As informações fluíam! Todo mundo sabia o que se passava, se Fulano estava viajando todo mundo sabia! Hoje não se trabalha como equipe, as atividades estão quebradas. Os papéis eram claros e existiam menos barreiras. As relações eram menos conflituosas. [...] Claro que havia problemas! Mas a gente podia pelo menos falar deles! Hoje estamos apáticos! Eu acho que os problemas não acontecem mais pela própria apatia!" (psicóloga)

"Agora não se socializa a informação, parece que as pessoas estão prendendo as informações! Tudo era colocado em reunião e colocado em votação. Não existia distinção entre o médico e o auxiliar. [...] Era democracia! Nunca me senti coagida, as pessoas faziam a defesa das suas idéias. [...] Havia uma construção coletiva! [...] Foi uma mudança de cima para baixo (da coordenação), a gente nem teve tempo de fazer barulho! Não há circulação da informação, agora a gente só conversa na copa!" (assistente administrativo)

"A equipe aqui trabalha em dois turnos. A gente quase não se encontra! Quando havia reuniões havia um livro ata, quem não participou podia ler o que tinha acontecido, se a gente esquecesse de contar! Recentemente tentamos implementar um livro de ocorrências, mas não tem funcionado, as pessoas têm esquecido de anotar. [...] Eu acho que também não está acontecendo muita coisa para que as pessoas achem importante anotar. [...] Na primeira gestão havia pouca efetividade nos trabalhos, mas havia mais reflexão sobre a implementação desta política. Na atual gestão tentam mandar a gente colocar em prática projetos que nós não fizemos, nem discutimos. Hoje não há efetividade nem reflexão! [...] Não fazemos mais reuniões, não sei como as coisas estão andando pela manhã. Não tenho idéia dos trabalhos que eles estão fazendo!" (terapeuta ocupacional)

Observamos, por todos estes relatos dos trabalhadores, a importância da comunicação para o trabalhador e seu trabalho. Para que a elaboração e a execução do trabalho permaneçam articulados. Para que a significação social e o sentido pessoal mantenham-se congruentes e valorizados para o trabalhador. A comunicação organiza e

articula os vínculos com os colegas e com a instituição, permitindo assim que o profissional se sinta um Trabalhador, um Humano!

CONCLUSÃO

COMUNICAÇÃO: FERRAMENTA DE REAPROPRIAÇÃO DO TRABALHO

O Trabalho e a Linguagem sempre foram essenciais, tão essenciais que quase passaram despercebidos: "o que sempre esteve ali não reclamava a nossa atenção." (Codo, 1998). Agora, o trabalho e a linguagem fragmentaram-se, exige que nós os revisemos. Agora é o momento de percebermos plenamente a sua importância.

Pudemos observar ao Trabalho e a Linguagem na centralidade da vida. São eles os produtos e os produtores da vida humana. Eles são o modo e o meio de transmitirmos significado à natureza. É pelo trabalho e pela linguagem que é possível abrir a relação do significado. É através do significado (signo-ficare) que se estabelece a transformação recíproca, na qual se torna possível modificarmos a natureza, o Outro e a nos mesmos.

Conforme analisamos à medida que a linguagem cria a história do trabalho, também se produz como resultado da mesma. Os signos e instrumentos criados pelos homens no conjunto das relações sociais são resultados dos confrontos vividos e partilhados com outros sujeitos, em experiências de trabalho. Esse confronto se dá via a atividade (o fazer), a técnica (o como fazer) e o conhecimento (as experiências vividas). É um processo em que o subjetivo e o material apresentam-se imbricados, interdependentes e reciprocamente determinantes.

Se é pelo duplo caráter, do transformar e do ser transformado, que o homem se humanizou, é através dele também que o homem perde a sua humanidade, torna-se alienado. Ou seja, se as condições de trabalho e linguagem (comunicação) esvaziam o ser humano de suas necessidade pessoais e sociais, o trabalhador cai no mais alto nível de desmotivação, perdendo seu amor-próprio, atrofiando sua consciência, de forma a não compreender o sentido de sua vida para si próprio e para seus pares.

Sem seu trabalho o trabalhador perder seu referencial com a sociedade, perde a sua identidade social. Retorna à condição de animal gregário. Alienado do trabalho o trabalhador perde também o seu referencial individual. Não se reconhece no seu produto, seu conhecimento é separado da sua prática e perde a noção da importância e o do significado de sua existência.

O homem é um ser social, sua sobrevivência depende da possibilidade de transformar o Outro e de ser transformado por ele. Ele está condenado a realizar a sua individualidade pela via do Outro, "somos o que somos, na medida em que somos o Outro. A luta do ser humano através da história poderia ser definida como a luta pela apropriação coletiva do próprio destino ou pela realização individual e coletiva do homem, o que implica necessariamente um jogo de apropriação e desapropriação desse e do Outro." (Codo,1995, p.86)

Identificamos pelo relato dos trabalhadores o reconhecimento da comunicação como organizadora da atividade e elemento fundamental da integração do grupo. Sua presença e a ausência receberam, por parte dos trabalhadores, o destaque de facilitador ou dificultador do processo de trabalho. Portanto, constatamos que este fenômeno é reconhecido pelos trabalhadores como promotor ou protetor contra a alienação.

Pelas entrevistas, salientou-se que, os trabalhadores que não tinham acesso às informações que compunham a matéria prima de seu trabalho identificavam o alijamento do processo de trabalho. Destacavam que era desta maneira que o seu conhecimento estava sendo usurpado.

A falta da comunicação formal foi reconhecida como fator que estava separando o conhecimento teórico da prática, pois a não discussão coletiva dos projetos ocasionava na falta de identificação e estranheza dos projetos pelos executores. Acreditamos que é através da comunicação que o trabalhador pode re-significar seu trabalho. Como

detentor das informações é possível para o trabalhador religar a teoria com a prática. Na medida em que os trabalhadores são comunicados, no sentido de terem o conhecimento, das etapas do processo de trabalho e de como ficou (ou será) o produto final do trabalho coletivo, é possível a re-ligação do saber com a prática.

Pelos relatos também identificamos como as ações fragmentadas e sem continuidade fazem desaparecer o motivo comum do grupo. O isolamento das pessoas em tarefas individualizadas, pulverizadas e burocráticas resulta na perda do fim. Nas organizações públicas, a divisão do trabalho e a especialização das tarefas são inerentes a organização da atividade. Esta subdivisão da tarefa em simples ações só pode ser religada pela comunicação. Se não há uma comunicação clara e eficiente, a fragmentação faz com que o trabalhador não consiga mais enxergar o propósito. Um trabalhador pode ser alienado do seu trabalho e da instituição, na medida em que as informações necessárias para o desempenho do seu trabalho não são fornecidas. É a circulação da informação que dá, dentro da instituição, o motivo para que cada ação.

Destacou-se também pelas entrevistas como a significação social também se perde, quando os discursos são ideológicos, e as práticas pouco viáveis dentro das condições reais do trabalho. Tal fato faz com que os trabalhadores não confirmem a significação social atribuída, e tão pouco encontrem um sentido pessoal.

Nas profissões com um alto reconhecimento social, e não alienável quanto ao processo de produção, como médico, psicólogo, assistente social, etc corroborou-se a afirmação da comunicação como acesso ao produto. É o Outro, através do feedback que apresenta o produto. Nestas profissões (da modificação direta do Outro), é através da comunicação do Outro que o trabalhador reconhece seu trabalho. Como a própria palavra designa, ele se re-conhece, ou seja, conhece-se novamente através do Outro.

Se a comunicação de volta (feedback) não se estabelece, o profissional pode começar a perder o seu sentido pessoal. Pois apesar do reconhecimento que a sua profissão socialmente tem, se não houver o seu reconhecimento (identificação) do produto, o sentido pessoal do trabalho pode ser ameaçado, e assim este profissional pode tornar-se alienado do seu trabalho.

Outro ponto confirmado na pesquisa foi a problemática que se origina pela falta de comunicação por parte das chefias. Esta questão, aliada a falta de diretriz do trabalho, promove a geração espontânea de sub-grupos de trabalho. O que de certa maneira implica no enfraquecimento das relações sociais, pois se estabelecem rivalidades grupais e isolamento de membros.

Apresentou-se também nos relatos a problemática da supressão dos espaços de circulação das informações, e como este fato causa o estranhamento dos trabalhadores, tanto do próprio trabalho, quanto dos colegas. Na medida em que as pessoas não se encontram elas não interagem (inter-agir, ou melhor, agir com os outros), não se identificam e não se reconhecem.

Diante de um processo de comunicação formal insuficiente as pessoas são obrigadas a buscarem as informações na informalidade. É a busca do significado. Esta busca que tece a rede das fofocas e boatos. Reforçamos aqui que a comunicação informal é fruto da luta do trabalhador para conseguir uma coesão grupal, a identificação com os pares, o pertencimento no grupo e a segurança no meio. Esta é uma das estratégias que o trabalhador utiliza para não alienar-se do trabalho e da espécie.

Ao falar eu também ouço! Isso cria a via de retorno do sentido para o próprio sujeito. Muitos trabalhadores entrevistados não tinham mais a consciência do motivo do seu trabalho. Durante as entrevistas, ao falarem sobre sua atividade, os trabalhadores

puderam, de certa forma, se reapropriarem do seu trabalho. Alguns ao final da entrevista, após refletirem sobre suas ações, nos agradeceram por ajudá-los a relembrar qual era o sentido do seu trabalho. Assim comprovamos que é via linguagem o trabalhador se apropria e re-apropria do trabalho e de seu sentido.

Destacamos aqui o papel do trabalho como constituitor da identidade do indivíduo. Na vida adulta é através do trabalho (nossa profissão) que nos apresentamos e somos reconhecidos pela sociedade. Na medida em que o trabalhador torna-se alienado do processo de trabalho ele vai reinvestindo, buscando formas de recriar a sua identidade. Se ele não consegue se agrupar com os pares no próprio trabalho, este trabalhador redireciona sua energia para outras atividades que constituirão a sua nova identidade. Encontrando uma nova identidade que o reapresente a sociedade, que lhe permita ter pares, se sentir humano.

Defendemos a comunicação como a mais efetiva ferramenta de reapropriação do trabalho. A comunicação é que retorna o significado ao trabalho. Pois é através do conhecimento das informações necessárias (matéria prima) para o seu consumo imediato que o trabalhador poder manter prática e saber unidos. É através do feedback do Outro que o trabalhador tem a possibilidade de re-conhecer e se re-apropriar do produto abstrato de seu trabalho (encontrando assim seu sentido pessoal). É pela via da comunicação que o trabalhador mantém seus vínculos com colegas e instituição garantindo o significado social, o pertencimento e o reconhecimento de si pelo Outro.

Viver é dialogar e interagir em sociedade, ter o conhecimento é a possibilidade de inferir e interferir sobre a realidade dos acontecimentos, atuar a partir de suas circunstâncias enunciativas, é trabalhar, é produzir, é significar, é hominizar!

REFERÊNCIAS

Albuquerque, F. J. B de & Puente-Palacios, K. E. (2005). Grupos e equipes de trabalho nas organizações. Em Zanelli. J. C.; Borges-Andrade J. E. e Bastos A. V. B. (Eds.). Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil. (p.357-379) Porto Alegre: Artmed.

Aranguren, J.L.(1975). Comunicação Humana. Rio de Janeiro: Zahar.

Asbahr, F. S. F. (2005). Sentido Pessoal e projeto político pedagógico: Análise da atividade pedagógica a partir da psicologia histórico-cultural. (dissertação de mestrado). São Paulo.

Baldissera, R. (2000). Comunicação Organizacional: O treinamento de recursos humanos como rito de passagem. São Leopoldo: ed. Unisinos.

Barnlund, D. C. (1968) comunicação: o contexto da mudança. Em: Mortensen, C. D. (1980) Teorias Comunicação: Textos básicos. São Paulo: Editora Mosaico.

Bakhtin, M. (Volochinov). (1988). Marxismo e filosofia da linguagem – Problemas e fundamentos do método sociológico na ciência da linguagem. 4.ed. São Paulo: Hucitec.

Berger, P. L. & Luckmann, T. (1980). Interação social no cotidiano. Em: Mortensen, C. D.(1980) Teorias Comunicação: Textos básicos. São Paulo: Editora Mosaico.

Bock, A.M.B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: A adolescência em questão. Cad. Cedes, 24(62), 26-43. Retirado em 20/12/2005, do SciElo (Scientific Eletronic Library Online), http://www.cedes.unicamp.br

Bordenave, J. E. D. (1982). O que é comunicação. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense.

Borges, L. O. & Yamamoto, O. H. (2005). O mundo do trabalho. Em Zanelli. J. C.; Borges-Andrade J. E. e Bastos A. V. B. (Eds.). Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil. (p.24-62) Porto Alegre: Artmed.

Ciampa, A. C. (1999) Identidade. Em: Lane, S. T. M. & Codo, W. (org). Psicologia social: O homem em movimento. (p. 58-75). 13ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense. (1ª edição 1984)

Codo, W. (1994a). Psicologia, trabalho e atividade. Em: Codo, W., Sampaio, J. & Hitomi, A. Indivíduo, trabalho e sofrimento. (p. 83-93). Petrópolis: Vozes.

Codo, W (1994b). O homem não é um ser social: uma abordagem marxista. Em: Codo, W.; Sampaio, J. & Hitomi, A. Indivíduo, trabalho e sofrimento. (p. 65-82). Petrópolis: Vozes.

Codo, W.; Sampaio, J. & Hitomi, A. (1994c). A magia do trabalho. Em: Codo, W.; Sampaio, J. & Hitomi, A. Indivíduo, trabalho e sofrimento. (p. 97-114). Petrópolis: Vozes.

Codo, W.; Sampaio, J. & Hitomi, A. (1994d). Afeto e trabalho. Em: Codo, W.; Sampaio, J. & Hitomi, A. Indivíduo, trabalho e sofrimento. (p. 187-206). Petrópolis: Vozes.

Codo, W. (1995). O que é alienação. 10 ª edição, São Paulo: Ed. Brasiliense.

Codo, W. (1998). Um diagnóstico do trabalho (em busca do prazer). Em: Codo, W., Borges-Andrade, J. & Tamayo, A. (orgs). Trabalho, organizações e cultura. (p. 21-47). São Paulo: Cooperativa de autores associados.

Codo, W. (1999). O fazer e a consiência. Em: Lane, S. T. M. & Codo, W. (org). Psicologia social: O homem em movimento. (p. 48-57). 13ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense. (1ª edição 1984)

Codo, W; Vasques-Menezes, I. (2002). Educar, educador. Em: Codo, W. (coord.) Educação: Carinho e Trabalho. (p.37-47), Petrópolis: Vozes.

Condon Jr, J. C. (1965). Quando os homens se comunicam entre si. Em: Mortensen, C. D.(1980). Teorias Comunicação: Textos básicos. São Paulo: Editora Mosaico.

Costa, N. B. (2000). Contribuições do marxismo para uma teoria crítica da linguagem. D.e.l.t.a., 16(1), 27-54.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. (2001). Instituto Antônio Houaiss. São Paulo: Ed.Objetiva.

Durkheim, E. (1983). As regras do método sociológico. São Paulo: Abril Cultural.

Eco, U. (1980). Tratado geral da semiótica. São Paulo: Ed. Perspectiva.

E.D.M. (Enciclopédia Digital Master On-line). Edição 2002. Disponível em: www.enciclopedia.com.br acessado em 15 de abril de 2004.

Engels, F. (1876). Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. Publicado pela primeira vez em 1896 em Neue Zelt. Retirado em 10/12/2005 http://www.marxists.org/portugues/marx/1876/otrabalhonatransformacaodomacacoemhome.htm

Ferreira, R. G. F., Santos, L. C. C., Silva, A. S. S. & Faria, E.S.(2000). A filogênese da linguagem novas abordagens de antigas questões. Arq Neuropsiquiatr, 58(1), 188-194.

Fonseca, H. (1996). Viagem ao planeta dos boatos. Rio de Janeiro: Record.

Gianotti, J. A. (1983). Trabalho e reflexão: ensaios para a dialética da sociabilidade. São Paulo: Editora Brasiliense.

Guimarães, E. (s/d). Os estudos sobre linguagens uma história das idéias. Revista On-line. Revista Liguagem Cultura e Transformação. Retirado em 06/01/2006 http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling14.htm

Kapferer, J. N. (1993). Boatos: o mais antigo mídia do mundo. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Kreps, G. L. (1990). Organizational communication: theory and pratice. Second edition. New York: Longman.

Lane, S. T. M (1999). Linguagem, pensamento e representações sociais. Em: Lane, S. T. M. & Codo, W. (org). Psicologia social: O homem em movimento. (p. 32-39). 13ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense. (1ª edição 1984)

Leontiev, A. (1978). O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Horizonte Universitário.

Lite, M. D. P.(1997). Cultura empresarial y comunicación interna: su influencia en la gestión estratégica. Madrid: Fragua Editorial.

Littlejohn, S. W. (1982). Fundamentos teóricos da comunicação humana. Rio de Janeiro: Zahar.

Lopes, J. I. P. (2002). A atividade laboral como elemento constituinte da consciência humana: Um estudo na companhia São Geraldo de Viação. Dissertação de mestrado. Universidade de Santa Catarina. Florianópolis.

Luria, A. R. (2001). Vigotskii. In: Vigotskii, L. S., Luria, A. R e Leontiev, A.N. (2001). Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone.

Marx, K. & Engels, F. (1985). O capital: crítica da economia política. Volume I, tomo 1, 2ª edição. Coleção os economistas. São Paulo: Nova cultural.

Marx, K. (1989). Manuscritos econômico-filosóficos. Lisboa: Edições 70.

Marx, K. & Engels, F. (2006). A ideologia alemã. São Paulo: Martin Claret.

Marx, K (1844) manuscrito econômicos e filosóficos (1844). Biblioteca Virtual Revolucionária. Retirado em 10/12/2005 http://www.geocities.com/autonomiabvr/manus.html

Prado, E. F. S. (s/d). Habermas contra Marx: crítica e crítica da crítica. Retirado em 10/01/2006.http://www.econ.fea.usp.br/eleuterio/artigosnaopublicados/habermas_marx_4.pdf

Rhoden, C., Pretto, C. B. M.& Madalena, T. M. P.(2003). **C**omunicação Organizacional Interna: Um estudo de caso. In: revista comunicação organizacional. Revista On-line da PUCRS. Retirado em 02/06/2006 http://www.pucrs.br/famecos/geacor/texto1.html

Riel, C. B. M.(1995). Principles of corporate communication. Hemel Hempstead: Prenntice Hall.

Rifkin, J.(1995). O fim dos empregos: O declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho. São Paulo: Makron Books.

Robbins, S. P. (1999). Comunicação. Em: Comportamento organizacional. Rio de Janeiro:
LCT- Livros Técnicos e Científicos (p. 195- 216)

Rossi-Landi, F. (1985). A linguagem como trabalho e como mercado – uma teoria da produção e alienação lingüísticas. São Paulo: Difel.

Rossler, J. H. (2004). O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller. Cad. Cedes. 24 (62), 100-116. Retirado em 20/12/2005, do SciElo (Scientific Eletronic Library Online), http://www.cedes.unicamp.br

Sampson, G. (1996). Sistemas de escrita: tipologia, história e psicologia. São Paulo: Ática.

Saussure, F. (1987). Curso de lingüística geral. 13ª edição. São Paulo: Cultrix.

Scroferneker, C. M. (s/d). Perspectivas teóricas da comunicação organizacional. Revista On-line. Retirado em 20/02/2006 http://www.eca.usp.br/alaic/boletin11/cleusa.htm

Skinner, B. F. (1978). O comportamento verbal. São Paulo: Cultrix. (original publicado em 1957)

Tchougounnikov, S. (2003). O dialogismo e a paleontologia da linguagem: o círculo de Bakhtin na episteme soviética (1920-1930). Conferência proferida em 5.12.2003 no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. http://www.msmidia.com/conexao/01/surguei.pdf

Torquato, G. R. (s/d). Comunicação Interna: os desafios da integração originalmente publicado no site Mega Brasil comunicação. Retirado em 05/05/2006 em: http://www.megabrasil.com.br/megaportal/biblioteca_gau.htm

Vigotski, L.S. (1994). A formação social da mente. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

Watzlawick, P., Beavin, J. H. & Jackson, D. D. (2005). Pragmática da comunicação humana:
um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. 15ª ed. São Paulo: Cultrix.

Wolf, M. (1995). Teorias da comunicação. 4ª ed. Lisboa: Presença.